



VERUS
EDITORA

Fenômeno editorial nos Estados Unidos
Mais de 2,5 milhões de cópias vendidas

A
garota DO
CALENDÁRIO

MAIO

Audrey Carlan



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Audrey Carlan

A *garota* DO CALENDÁRIO



MAIO

Tradução
Andréia Barboza

Star Books Digital

The logo for Star Books Digital, featuring a stylized teal bookshelf or open book shape with three small squares (two purple, one pink) to its right.

Editora

Raíssa Castro

Capa e projeto gráfico**Coordenadora editorial** André S. Tavares da Silva

Ana Paula Gomes

Diagramação

Daiane Cristina Avelino Silva

Copidesque

Lígia Alves

Foto da capa

© kiukson/Shutterstock (casal)

Revisão

Maria Lúcia A. Maier

Título original*Calendar Girl: May*

ISBN: 978-85-7686-548-3

Copyright © Audrey Carlan, 2015

Todos os direitos reservados.

Edição publicada originalmente por Waterhouse Press, LLC / Bookcase Literary Agency

Tradução © Verus Editora, 2016

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C278g

Carlan, Audrey

A garota do calendário: maio [recurso eletrônico] / Audrey Carlan; tradução Andréia Barboza. - 1. ed.
- Campinas, SP: Verus, 2016.

recurso digital (A garota do calendário; 5)

Tradução de: Calendar Girl: May

Sequência de: A garota do calendário: abril

Formato: epub

Star Books Digital

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-548-3 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Barboza, Andréia. II. Título. III. Série.
16-35126

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Para Kris Ward

Você torce, aplaude e ama.

Tudo em você é angelical.

Quem está a seu lado almeja esse bonito senso de identidade pessoal.

Você me lembra minha mãe, que já faleceu.

Então, mama Kris, a jornada de Mia no Havaí é para você.

Que o sol sempre brilhe no seu céu.

Que o dom da verdadeira amizade esteja constantemente contigo.

Que a alegria que você transmite volte com dez vezes mais intensidade.

Que o amor a envolva e complete a sua alma.

Com amor, sempre.

SUMÁRIO

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[A garota do Calendário | Junho](#)



Droga de conexões! Saí de Boston, parei em Chicago e depois em Denver — onde agradei ao Todo-Poderoso por estar usando minhas botas desgastadas de motociclista enquanto corria o mais rápido possível pelo aeroporto —, até que consegui pegar meu voo. Quando cheguei, era a retardatária que todo mundo sabia que estava perdida em algum lugar do aeroporto, cujo embarque era esperado impientemente por todos.

Mais de cento e cinquenta pares de olhos me fuzilavam enquanto eu manobrava minha bagagem em meio à horda de passageiros ansiosos para chegar às suas poltronas. As coisas não estavam muito melhores dentro da aeronave. Meu assento ficava entre um homem rechonchudo e uma menina intrometida de oito anos que estava viajando sozinha. Seus pais eram separados, e agora ela tinha duas famílias. Ela detestava a mulher a quem se referiu como “madramonstro” e sua filha mais velha, que, segundo a menina, era malvada.

O destino dela era a casa da mãe, uma dançarina da Strip. Não havia surpresa nisso. Quem vive em Vegas, no coração de Vegas, geralmente trabalha nos cassinos, serve mesas, se apresenta em algum tipo de show ou presta algum tipo de serviço para turistas. Quem mora fora da cidade tem outras oportunidades de emprego.

Eu soube de tudo isso sobre a pequena Chasity porque ela fez questão de me contar cada detalhe sobre ela. Tudo mesmo: sua cor favorita era roxo, mas não escuro, e sim claro, que deduzi ser lilás. Ela *adorava* animais, principalmente cavalos. A melhor parte de estar com seu pai em Denver, aparentemente, era o fato de ele possuir terras e animais. Grande atrativo para uma criança de oito anos. Mas ela tinha que lidar com a madramonstro, e esse era o ponto negativo de visitar o pai. Fora a culpa. A mãe de Chasity não tinha muitos amigos nem família. A garotinha achava que era seu papel fazer companhia para a mãe. Porque “ninguém quer ficar sozinho. Todo mundo precisa de alguém”. Pelo menos de acordo com a invasiva, mas bem-intencionada Chasity.

Quando o piloto anunciou que estávamos a vinte minutos do pouso, juro que fiz uma pequena oração ao Cara Lá de Cima para que Chasity e sua mãe encontrassem um meio-termo. Também agradei à medicina pelos métodos anticoncepcionais. Passar um tempo com uma criança de oito anos consolidou a noção de que eu não estava nem perto de me sentir pronta para procriar, e talvez nunca estivesse. Era

preciso ser um tipo especial de pessoa para ser mãe, e eu sentia que já tinha feito isso com minha irmã mais nova, Maddy. A próxima de quem eu tomasse conta provavelmente se tornaria uma cria do demônio. Melhor não deixar esse tipo de coisa na mão da Dama da Sorte. Que, como já observei antes, é uma megera de coração frio, então não há necessidade de mexer com ela.

Na esteira de bagagens, peguei minha mala extra com as coisas incríveis do Boston Red Sox, o jeans e o resto do que trouxera de Chicago, imaginando que poderia deixá-la na casa do meu pai e de Maddy. Assim minha irmã poderia escolher as melhores peças e se sentir uma princesa em todos os vestidos que Hector tinha escolhido para mim, além das roupas casuais e modernas de Rachel.

Uma série de notificações de mensagem soou no meu celular assim que liguei o aparelho.

A primeira era de Mason.

Sua carta foi legal, gata, mas se despedir pessoalmente teria sido melhor. Eu e a Rach queríamos te levar ao aeroporto. Ela está magoada. Eu estou puto. Encontre uma maneira de nos compensar ;-)

Não era a primeira vez que um cliente — ou eu deveria dizer “amigo”? — ficava chateado com meu estilo de despedida. Wes pareceu antever minha partida ao estilo ninja. Alec deixou rolar, e Hector chorou. Aquele latino gay me enviou uma mensagem aos prantos, dizendo que eu tinha arruinado a despedida perfeita. Algo que ele viu uma vez num filme e que tinha planejado fazer em casa, com pombas voando e outras merdas. Não sei exatamente. Tony deve ter agarrado o telefone nesse momento e interrompeu a mensagem, não sem antes expressar irritação com o fato de eu ter deixado seu noivo choroso e dizer que eu lhe devia uma.

A mensagem seguinte era da minha carona. A Vagaba Sem-Vergonha.

Ei. Sua carona está aqui fora. Rodando. Não me faça parar e tomar uma multa por causa da sua cara feia.

Rindo, peguei minha bolsa e vi o Honda de Ginelle. Acenei e ela fez uma parada brusca na área de embarque e desembarque, estacionando o carro todo torto.

— E aí, cadela? — ela disse quando coloquei a mala gigante e a pequena no banco de trás. Eu me joguei a seu lado no banco do carona, olhei para suas mechas loiras e seus dentes brancos, com muito chiclete verde grudado.

Ergui o queixo.

— Oi, querida. Obrigada por vir me buscar — murmurei presunçosamente.

Com um movimento do pulso e um giro no volante, ela saiu da vaga cantando pneu, entrando no tráfego do aeroporto. Ninguém seria capaz de confundir Ginelle com um bom motorista. Ela poderia pilotar para a NASCAR? Provavelmente. Suas

manobras e a capacidade de tomar decisões em milissegundos ao volante eram inigualáveis. Porém ela se arriscava demais. Até agora, tinha dado tudo certo. Eu me ative a esse pequeno fato enquanto agarrava a alça do teto, também conhecida como puta-que-pariu, até chegarmos à rodovia.

Lentamente, inspirei e apoiei a cabeça no encosto, desfrutando do silêncio com minha melhor amiga. Não precisávamos conversar; isso era o que fazia de nós melhores amigas perfeitas. Ficávamos confortáveis no silêncio compartilhado. O som da estrada e do chiclete sendo mascado, além do cheiro de seu xampu de limão, quase me levou às lágrimas. Casa. Aquilo era familiar. Era bom. Era o que eu conhecia a vida toda. Não que fosse ser sempre meu destino final, mas, quando eu estava aqui, amava com todo o meu coração.

Ginelle me levou para a casa de Maddy e pops. Ela percebeu que eu estava pensativa e não preencheu o silêncio com um bate-papo inútil. Apenas me olhou, pegou minha mão e a segurou entre nós. Solidariedade entre irmãs. Ela podia não ter meu sangue, mas era, de longe, a melhor coisa do universo.

— Eu te amo — sussurrei, sem perceber que estava começando com toda aquela porcaria emotiva.

Seus olhos encontraram os meus, o rosto muito amável e doce. Os lábios rosados estavam franzidos de uma forma que me fez achar que ela diria aquelas três palavras de volta. Em vez disso, ela usou duas:

— Eu sei.

Então eu ri. Muito. Só mesmo Gin para saber do que eu precisava após um longo dia de viagem, uma fuga às escondidas do meu último cliente — que agora eu considerava um irmão de outra mãe — e a noção de que eu teria apenas três dias em Vegas até precisar pegar o avião para encontrar o próximo cliente. Eu havia ficado dois dias além do prazo em Boston. Normalmente era obrigada a ficar vinte e quatro dias, assim tinha seis ou sete para cuidar de coisas pessoais, além dos dois dias necessários para o traslado. Eu não ia para a Califórnia desde janeiro, e aqui estava eu, a três dias do começo de maio. Mais um mês, mais cem mil dólares para Blaine.

Entreguei para Ginelle um envelope com um cheque dentro.

— Deixa isso pra mim na administração do hotel? Me economiza um selo?

— Claro, amiga. — Ela pegou o envelope com o pagamento de Blaine e guardou na bolsa quando parou no meio-fio em frente à casa da minha família. — Você deve estar com fome. A Mads está fazendo um jantar de boas-vindas. Bolo de carne, purê de batata, milho-verde e, de sobremesa, a famosa torta de cereja com chocolate do pops. — Então abriu a porta, foi até o porta-malas e pegou uma caixa de cerveja.

— Eu realmente te amo. — Olhei para a cerveja e depois para nossa casa velha, que tinha uma pequena varanda com uma lâmpada sem lustre. Por trás das cortinas de renda, eu podia ver minha doce irmã mais nova colocando a mesa. Para mim.

Porque eu estava voltando para casa. Nada superava aquilo.

Gin colocou os braços ao redor dos meus ombros e me puxou para dentro.

— Já sei dessa merda. Não me ouviu antes? — Ela revirou os olhos e bufou para dar ênfase. Balancei a cabeça e a abracei com força.

Abri a porta e o aroma apetitoso de carne assada, legumes e alho instantaneamente me atingiu.

— Mads, cheguei! — gritei, largando a bolsa na mesa lateral arranhada enquanto esperava seu gritinho. Maddy sempre soltava gritinhos infantis quando estava animada. Desta vez não foi diferente.

O grito foi seguido do pulo que minha irmã superalta deu em mim. Segurei-a com força, quase não conseguindo me manter em pé.

— Garotinha, senti sua falta. — Abracei apertado seu corpo macio.

Fazia quase dois meses que não a via, e parecia que ela estava encorpando, perdendo as formas adolescentes e adquirindo as curvas femininas da nossa mãe. Os seios definitivamente tinham crescido, e os quadris estavam um pouco mais curvilíneos. Quando me afastei de seus braços, longe de seu cheiro de cereja e amêndoas, olhei profundamente em seus olhos. Aquele sorriso enorme que eu adorava se espalhou em seu rosto.

— A menina mais linda do mundo. Mas só quando sorri — eu disse, repetindo a frase que falava para ela havia mais de dez anos. Um rubor bonito surgiu em suas bochechas, e ela me puxou para outro abraço. Esse foi muito mais apertado e me fez ter a sensação de que ela não queria me soltar. — Qual é o problema? — Segurei seu rosto e olhei em seus olhos.

Maddy balançou a cabeça, deixando a franja, comprida demais, cair nos olhos.

— Nada. Só estou muito feliz por você estar aqui. Fiz o seu prato favorito.

— Estou sentindo o cheiro. — Nesse momento, minha barriga decidiu fazer da minha fome um fato bem conhecido, resmungando extraordinariamente alto.

— A comida está pronta — Maddy anunciou, puxando minha mão para a cozinha. Ginelle seguiu atrás de nós. Sim, aquilo era bom. Estar em casa era exatamente o que eu precisava.



— Nós vamos para o Havaí! — A frase ecoou pela sala em um nível de decibéis que poderia quebrar o vidro.

— Nossa senhora! Calma aí! — Coloquei as mãos nos ouvidos.

— Está brincando comigo? Eu vou para o Havaí? Nunca saí de Nevada, só pra visitar você na Califórnia, e agora vou cruzar a porcaria do oceano, com baleias, peixes e essas coisas todas?! Puta merda! — Ginelle gritou, jogando na boca um chiclete novo e em seguida dando um grande gole na cerveja. *Afff*. Preferi não dizer

nada sobre a mistura questionável porque ela não estava fumando, o que, por si só, já era um grande progresso.

Depois de tomar minha cerveja, coloquei-a sobre a mesa.

— Calma. Sim, eu vou pagar para vocês viajarem para o Havaí este mês. Vocês precisam decidir quando é melhor para as duas. Se programem para ficar uma semana, mais ou menos, no bangalô que eles estão me oferecendo. — Levantei as mãos, interrompendo-as. — Agora, não sei como vão ser as acomodações. Pode ser que seja uma cama para nós três, mas... ei, viagem grátis, certo?

— Puta merda, sim! Eu durmo na porra do chão!

Eu gemi.

— Gin, sem palavrões perto da Mads. Caramba.

— Ah, por favor, não sou criança. Na verdade... eu me tornei oficialmente uma mulher no último fim de semana. — O tom de Maddy era altivo e oficial, e não era nada do que eu queria ouvir saindo da boca da minha irmã caçula.

Fechei os olhos, empurrando a cerveja para o outro lado da mesa. Gin a pegou antes que derramasse.

— Mads... — sussurrei.

Ela franziu os lábios e sorriu timidamente enquanto traçava um dedo ao longo da mesa.

— Podemos falar sobre isso depois? — E olhou na direção de Ginelle. Apesar de Gin ser como uma irmã para mim, ela e Maddy não eram tão próximas. Elas se amavam, mas não tinham o tipo de amizade confidente, ou irmandade, melhor dizendo, que Maddy e eu compartilhávamos.

Ginelle olhou para o relógio.

— Olha só, hora de ir! — falou em voz alta. — Parece que eu tenho que comprar um biquíni. Ah, e amanhã à uma da tarde é a nossa sessão no spa, pra deixar todas as suas partes gastas em ordem novamente. Nós três de novo. Beleza?

— Gin... obrigada. Por tudo. Você sabe que... — comecei, mas Ginelle, como de costume, não se sentiu ofendida pelo fato de Maddy querer conversar sozinha comigo. Ela me abraçou, beijou o topo da cabeça de minha irmã e bagunçou seu cabelo.

— Até amanhã, suas lindas.

— Tchau! — Maddy e eu dissemos ao mesmo tempo. A tensão na sala aumentou, mas não de forma ameaçadora. Era mais do tipo *você-tem-algo-para-contar-então-fale-logo*.

— Eu não pretendia que acontecesse assim... — Maddy começou e lágrimas se formaram em seus olhos. — Eu queria falar com você antes, mas estamos nos dando bem. Ele realmente me ama, e eu o amo e...

Cobrindo sua mão com a minha, olhei em seus belos olhos.

— E... como foi?

Ela lambeu os lábios e inclinou a cabeça.

— Doeu. Sangrou um pouco, mas ele foi *bem* devagar. Tanto que tremia com o esforço. Ele estava com medo de me machucar e... sério, só doeu um pouco.

Sorri, lágrimas se formando em meus olhos também e caindo pelo rosto. Minha menina tinha crescido.

— Você gostou?

Ela assentiu instantaneamente.

— Já fizemos mais duas vezes. — Ela riu. — E essas vezes foram um milhão de vezes melhor! — Eu ri e concordei, entendendo o que ela queria dizer.

— Bom, e o namoro de vocês? Como ele está agindo agora?

Seus olhos se iluminaram como um bolo de aniversário repleto de velas.

— Ah, ele é *tão* legal. Fala todo dia que eu sou a garota mais linda, que me ama e que um dia a gente vai se casar. — Ela juntou as mãos na frente do peito e olhou sonhadoramente para um ponto descascado na parede da cozinha. — Ele é maravilhoso, Mia. Tudo o que eu sempre quis. Tudo o que você me disse para encontrar antes de dar esse passo. Eu não poderia estar mais feliz.

Deslizei na cadeira e a puxei para meus braços, precisando senti-la perto de mim.

— Fico muito feliz que você tenha tido uma boa experiência e que o homem com quem você está te ame pelo que você é. Ele te faz bem? Te ama de verdade pela beleza que existe dentro de você, e não apenas pela beleza exterior?

Maddy assentiu freneticamente enquanto eu acariciava seus cabelos.

— Acho que sim. Ele me fala isso o tempo todo. Na verdade, ele quer conversar com você. Eu disse que hoje não dava, mas que talvez amanhã você concordasse em jantar com os pais dele. Eles querem conhecer a minha família e... bom... só sobrou você.

Aquilo enviou uma onda de remorso pelas minhas veias, raiva pelo fato de nossa mãe ter nos abandonado e tristeza por nosso pai não conseguir se recompor para estar ao nosso lado nos momentos importantes da nossa vida. Pelo menos por Maddy. Ela era a única que merecia.

Segurei o rosto da minha irmã e a beijei suavemente.

— Eu vou adorar conhecer os pais do seu namorado e ter uma conversa com ele.

Mais uma vez, aquele rosto que poderia acender uma centena de cidades brilhou com alegria e entusiasmo. Ela levantou e foi até o pote de café. Eu a vi pegar algumas colheres de pó de café descafeinado enquanto se balançava de um lado para o outro, dançando uma música que só ela podia ouvir.

— Isso merece uma comemoração... uma comemoração com chocolate.

— Parece ótimo, meu amor. Eu tenho sonhado com a torta de cereja com chocolate desde que você a fez, no meu último aniversário.

Naquela noite, conversamos de irmã para irmã, tirando o atraso. contei a ela sobre todos os clientes e como me importava com cada um deles. Sendo fã do Red Sox, ela ficou muito impressionada com Mason. Isso faria a camiseta autografada, o boné e a foto parecerem ainda mais fantásticos quando eu os entregasse a ela. Claro, prometi que um dia, se a oportunidade surgisse, eu iria apresentá-la a Mason e a todos os outros caras.

Quando o tema da conversa mudou para Wes, coloquei tudo para fora. Era quase como se eu precisasse fazer isso.

— Que canalha! — ela xingou quando contei que a estrela do filme dele atendeu o telefone e ele admitiu que estava transando com ela.

Balancei a cabeça.

— Bom saber que você acha isso. Acredite, eu também achei quando descobri. Mas, sério, pensa bem. O Wes deveria esperar que eu resolvesse a minha vida e me divertisse com quantos caras eu quisesse, enquanto ficava sentado esperando por mim?

O rosto de Maddy ficou contemplativo.

— Isso realmente não é justo — ela admitiu.

— Não, não é. Não vou dizer que não doeu. Por uma semana, mais ou menos, eu fiquei com muita raiva dele, mas no fim entendi. Além disso, um tempo depois eu reencontrei o Alec e, você sabe, uma coisa levou à outra...

As sobrancelhas de Maddy se estreitaram.

— Como assim, se reencontraram e uma coisa levou à outra? Como ele sabia que você estava na cidade?

Olhei para longe, bebendo um gole do meu café.

— Hum... os detalhes são nebulosos — tentei, mas ela não mordeu a isca.

— Não acredito! Você ligou para o Alec e o chamou para ficar com você, não é?
— A acusação foi acompanhada de uma risada.

— Ficar? O que isso quer dizer, afinal? Acho que o termo correto é “sexo casual”, e vou te falar, querida irmã, o homem faz o melhor sexo casual conhecido pela humanidade! — Eu me recostei, me sentindo orgulhosa e aproveitando cada segundo daquilo, enquanto um pedaço da minha segunda fatia de torta de cereja com chocolate descia pela garganta.

A risadinha bonita de Maddy me fez sorrir. Ela era tão jovem e inexperiente nos caminhos do mundo. Eu só esperava que esse seu namorado fosse um cara sério e que não se aproveitasse dela. Acho que eu descobriria isso na noite seguinte, quando conhecesse os pais dele. Um tremor de inquietação atingiu meu peito. Era isso que pais e mães pensavam quando se encontravam com a família do namorado das filhas pela primeira vez? Bem, não era um pedido de casamento. Era apenas um jantar. Famílias normais fazem isso, certo?

Eu não tinha a menor ideia.

Mais tarde, quando estávamos finalmente na cama, peguei o telefone para mandar uma mensagem para Angie, irmã de Tony. Nós nos aproximamos em Chicago, e, se alguém sabia a respeito de namoros e conhecer pais, era ela.

Oi, Angie, é a Mia. Desculpe pelo horário. Perguntinha pra vc: quando os pais de um garoto convidam os pais da namorada para jantar, é algo importante?

De maneira surpreendente, o telefone apitou na mesma hora. Arrisquei um olhar para o relógio. Eram três da manhã aqui. Cinco no horário dela.

Oi, amiga. Pergunta estranha, mas, sim, geralmente é um tipo de formalidade. Querem ter certeza de que a garota é boa o suficiente para o seu filho conhecendo a família. Por quê?

Merda. Eu ligaria para Hector no dia seguinte e descobriria o que vestir. Ele saberia. Primeiramente, eu tinha de parecer uma irmã mais velha responsável e normal. Não podia mencionar meu trabalho nem o fato de que o querido, velho e bêbado pops estava convalescendo em um hospital público, porque meu ex-namorado — um agiota — dera uma surra nele. Caramba, isso soava péssimo até na minha cabeça.

Gemi no quarto, muito silencioso, e digitei minha resposta para Angie.

Primeiro namorado sério da minha irmã. Argh.

Eu odiaria estar no seu lugar! LOL



Depois de um dia sendo mimada como as verdadeiras socialites de Hollywood que Gin e eu fingimos ser, a última coisa que eu queria era passar a noite com estranhos. Mais que isso, não queria que aqueles estranhos encontrassem falhas nos meus genes ou nos dos meus familiares. Tenho certeza de que gemi várias vezes enquanto me preparava para o grande jantar com a família do namorado de Maddy. Ela, no entanto, estava vibrando pela casa, parando para se olhar no espelho, alisando o vestido fluido de verão e ajeitando mechas de cabelo imaginárias em seu rabo de cavalo, sem uma preocupação sequer no mundo.

Ela estava com uma aparência jovial, despreocupada e linda. Vegas no fim de abril era quente o bastante para arrasar no modelito de verão, o que, nela, parecia fácil. Observei minha irmã. Ela era a personificação da boa moça. Cabelo dourado e olhos verdes — a única característica que tínhamos em comum. Um dia ela seria a esposa perfeita de um bom homem. Desde que consigo me lembrar, ela sempre desejou se casar, ter uma casa com cerca branca e um bando de filhos. Exatamente o oposto dos meus sonhos.

— Qual é a especialização do Matt? — perguntei, enrolando os últimos fios do meu longo cabelo preto.

— Botânica, lembra? — Ela se sentou na cama, apertando as mãos na frente do corpo.

Assenti e captei seu olhar no reflexo do espelho.

— Já decidiu sobre o seu curso? Sei que uns meses atrás você estava em dúvida entre alguns tipos de ciências. — Internamente, entoei: *Por favor ciência forense não, por favor ciência forense não*. Eu podia ouvir a pergunta. “O que a sua irmã faz?” “Ah, ela corta pessoas mortas.” Uma careta surgiu em meu rosto, mas disfarcei rapidamente, sem querer influenciá-la de uma forma ou de outra. Por mais que quisesse tomar todas as decisões importantes por ela, racionalmente eu sabia que tinha de deixá-la livre para resolver. Minha doce irmã mais nova era adulta, e era hora de tratá-la como tal.

Ela respirou fundo, puxou a perna e se sentou sobre o pé.

— Na verdade, sim. Bioquímica.

Virando-me, deixei as palavras rolares em meu cérebro. Bioquímica tinha algo a ver com biologia, mas não com forense.

— Tá, o que é isso exatamente e o que você vai fazer com esse tipo de especialização?

Maddy umedeceu os lábios e se ajeitou. Enquanto falava, ela ficou mais animada, sorrindo amplamente, as bochechas corando e os olhos brilhando. Honestamente, eu não prestei muita atenção, porque ela começou a falar de um jeito geek.

— Basicamente, os bioquímicos estudam aspectos do sistema imunológico, expressões de genes, isolando, analisando e sintetizando produtos diferentes. Eu posso trabalhar com mutações de câncer, gerenciar um laboratório ou liderar uma equipe de pesquisa. As opções são infinitas.

Ouvir a variedade de caminhos que estavam no horizonte dela fez meu rosto queimar. Abri um sorriso enorme.

— Estou muito orgulhosa de você, Mads. Bioquímica parece difícil, mas é perfeito para você. E a pós-graduação? Você ainda vai fazer mestrado, certo? — Ela mordeu o lábio rosado e desviou o olhar. — Maddy, eu sei que você está preocupada com dinheiro, mas não precisa. Já paguei a anuidade deste ano e o que faltava do ano passado. — Seus olhos se arregalaram e o queixo caiu. Sorri, amando aquela pequena surpresa. — Até o fim do ano, vou ter conseguido salvar a pele do papai e ainda vai sobrar dinheiro para manter você estudando por muitos anos. Não quero que você se acomode. De maneira alguma! — Não como eu, quis acrescentar, mas não fiz isso. Minha sorte na vida era incerta. Por enquanto, eu estava seguindo o fluxo e ganhando o dinheiro de que precisava para ajudar minha família a sobreviver.

Maddy se levantou, correu para mim e me abraçou, lágrimas enchendo seus olhos, que pareciam pedras preciosas.

— Eu te amo. Quando for uma cientista rica, vou te comprar uma casa bem perto da minha. Assim, não importa em que lugar você esteja, sempre vai saber onde é o seu lar. Perto de mim. — Acariciei sua cabeça enquanto ela beijava minha testa. — Agora, não se preocupe. Também vou me inscrever para algumas bolsas de estudos, porque, para chegar aonde eu quero nessa área, vou precisar de um ph.D.

Ph.D. Essas letras enviaram uma carga de adrenalina para o meu peito, se espalhando por todos os membros. Os pelos dos meus braços se arrepiaram conforme me deixei pirar.

— Doutora! — falei, com pura admiração e orgulho maternal.

Maddy revirou os olhos e assentiu, tirando daqueles lábios carnudos um sorriso afetado.

— Sim, irmã, doutora... em filosofia — ela riu.

— Que se dane, não me importa o tipo de doutora. Minha irmãzinha vai ser doutora e cientista. Ganhei o ano, minha menina. — Balancei a cabeça e pensei no futuro. Maddy caminhando pelo palco, recebendo seus diplomas, arrumando emprego em uma grande empresa, usando um jaleco branco que gritava autoridade.

Sim, minha garota ia se dar bem na vida, e eu faria tudo que estivesse ao meu alcance para me certificar de que ela realizasse até o último de seus sonhos. Melancolicamente, olhei para o vazio, então me sacudi quando Maddy fez cócegas em meu braço.

— Achei que você fosse gostar. Agora vamos? Estou louca para ver o Matt.

Matt. O namorado. Aquele que ela escolheu para perder a virgindade. Era melhor que ele valesse seu peso em ouro, ou eu chutaria sua bunda tão rápido que ele nem veria acontecer. Nada impediria Maddy de ter sucesso. Nada.



Os pais de Matt eram como aqueles pais antigos da TV que todo mundo queria, mas ninguém tinha. Matt Rains tinha pais perfeitos. Sua mãe, Tiffany, era alta, com cabelos e olhos escuros. Seu pai era um palmo mais alto, também com cabelo castanho-escuro e olhos azul-claros impressionantes. Matt, o jovem que minha irmã encarava com olhos arregalados, era um gato do tipo nerd-chique. Ele usava uma camisa social que se encaixava perfeitamente no que pareciam ser ombros musculosos. Definitivamente, devia se cuidar muito bem e malhar. Seu cabelo escuro era ondulado, penteado com elegância. Ele usava óculos de aro preto grosso sobre o nariz reto. Nerd-chique. Tinha olhos azuis como cristais, iguais aos do pai. Olhos que não tinham foco para ninguém além da minha irmã durante todo o jantar.

— Mia, é verdade que o seu pai está no hospital? — Trent Rains perguntou quando a sobremesa foi servida.

Assenti.

— Sim, ele teve um acidente infeliz. Está em coma há alguns meses, mas nós rezamos todos os dias para que ele acorde.

As feições de Tiffany se suavizaram e ela colocou a mão em meu ombro.

— Sinto muito por ouvir isso. Deve ser duro para duas jovens terem que se cuidar sozinhas. — Ela balançou a cabeça, não com pena, mas quase com tristeza. Uma resposta que não era completamente delicada estava na ponta da minha língua. Com esforço, eu a engoli. Eles estavam sendo gentis. A resposta de que eu cuidava de mim mesma desde os dez anos e que estava indo muito bem, obrigada, parecia queimar a minha língua. Felizmente, eu tinha bom senso para não agir feito uma megera. Em vez disso, sorri e tomei um gole de café. Caramba, até o café ali era mais saboroso do que o que tínhamos em casa. Provavelmente era alguma marca requintada de grãos que eles moíam diariamente.

— Certo, pessoal — Matt se levantou e segurou a mão de minha irmã. Ela olhou para ele com os olhos brilhando como diamantes. — Tenho um anúncio a fazer.

Quando uma pessoa afirma que tem “um anúncio a fazer”, normalmente significa que alguma merda está prestes a bater no ventilador, e com força. Assisti, com

horror, quando Matt segurou a mão de minha irmã, puxando-a para seu lado, segurando-a perto — perto demais, na minha opinião.

A cabeça dele se inclinou em direção a Maddy. Adoração completa e absoluta preencheu o ambiente.

— Eu pedi a mão da Madison em casamento e ela aceitou! — ele disse, com valentia e um enorme sorriso. Gritos de emoção vieram de sua mãe, uma salva de palmas alta e uma resposta que soou como o Papai Noel dizendo o seu “ho ho ho” ecoaram pela sala, vindos de seu pai. E eu? Eu estava bem puta da vida.

Que. Merda. É. Essa?

Maddy, sorrindo como eu jamais tinha visto antes, mais linda do que nunca, virou o olhar em minha direção. Então, seu sorriso se desfez, seu queixo tremeu, assim como o lábio que eu conhecia muito bem. Lágrimas se formaram em seus olhos, presas apenas na linha dos cílios.

— Por favor, Mia... — eu a ouvi sussurrar e balancei a cabeça. Levantei e caminhei para fora da sala, direto para a porta principal da casa, observando o deserto claramente visível da varanda da família Rains.

Se tivesse ficado na mesa, eu teria perdido o controle. Arrancaria minha menina das garras da burguesia e não pararia até ter tirado de sua cabeça essa ideia ridícula de se casar... aos dezenove anos. Merda.

Andei de um lado para o outro, meu corpo inteiro queimando, o suor se formando em meu couro cabeludo e acima do lábio superior. Enquanto pensava, sem descanso, tentando encontrar uma forma razoável de não parecer a irmã má nesse cenário, carregando Madison para fora dali, ouvi a porta de tela ranger e bater atrás de mim.

Virando-me, dei de cara com Matt. Seu rosto demonstrava remorso, mas não o suficiente para eu acreditar que ele voltaria atrás.

— Me desculpe por não ter pedido para você primeiro, mas, depois da semana passada...

— Você quer dizer, depois que você roubou a virgindade da minha irmãzinha? — rugi, sem reconhecer minha própria voz. Soava como o lamento de uma alma penada.

Ele inclinou a cabeça para trás, como se tivesse sido atingido.

— Isso não é da sua conta... A Madison é uma mulher adulta, alguém que eu amo muito. O que ela me deu foi um presente que vou valorizar sempre. Um presente que não quero que nenhum outro homem receba nesta vida. — A declaração foi feita com convicção, e quase pude vê-lo ficar um pouco mais alto quando soltou as palavras cujo propósito era me fazer passar para o seu lado. Não iria acontecer.

Desesperada, me inclinei contra a grade da varanda.

— Por que você acha que precisa se casar com ela? Agora?

Ele se aproximou e ficou na minha frente.

— Não agora. Vamos nos formar primeiro. Ou seja, temos dois anos inteiros pela

frente. — Essa declaração fez o medo começar a diminuir instantaneamente e a raiva se encolher a um tamanho administrável. — Eu só queria o compromisso. Para que ela soubesse que eu sou dela e ela é minha. Quero que ela tenha algo de concreto, pois estamos planejando morar juntos... em breve.

Então, a frustração me atingiu novamente.

— Sério? — rosnei.

Ele assentiu.

— Não gosto do lugar onde ela mora, especialmente sozinha. Quando a Maddy estava sem carro, quase fiquei louco sabendo que ela andava à noite pelo bairro. Aí você comprou o carro, o que foi ótimo, mas o seu pai não está lá, Mia. Nem *você*. — Essa última frase me atingiu na cara, como uma frigideira. As feições de Matt endureceram, ficaram quase frias, e sua voz, rouca. — Ela está sozinha e desprotegida. — Ele balançou a cabeça. — Isso é inaceitável. — Matt terminou com um grunhido de raiva, como se fosse um homem feito, não um aspirante a homem de vinte anos.

Meus ombros caíram, a derrota preenchendo a realidade. Ele tinha razão. Eu não gostava do fato de Maddy estar sozinha, menos até que ele. Detestava. Aquilo tinha sido fonte de tensão constante nos últimos meses. Era por isso que eu fazia Ginelle dirigir até minha casa quando saía do trabalho todas as noites. Para se certificar de que tudo estava bem antes de ir para a casa dela.

Inspirando lentamente, soltei o ar ainda mais devagar.

— Você está certo. Não é seguro. — Matt concordou com um movimento de cabeça, mas ficou em silêncio. Eu o respeitei por me deixar falar, dando tempo para que eu expressasse minhas preocupações. Isso aqui é Vegas. Eles poderiam ter corrido até uma das muitas capelas na Strip se estivessem determinados. Segurando a grade da varanda, enfiei as unhas na madeira branca e olhei para o deserto. — Só não quero que ela cometa um erro. Vocês são muito novos.

— Vamos fazer tudo com calma. Morar juntos primeiro para ver como vai ser. Vamos apoiar um ao outro na faculdade e nos formar juntos. Nós ainda temos mais dois anos depois deste.

Eu me concentrei nisso, pois não era exatamente verdade. Maddy seria doutora. A primeira em nossa família.

— Mas a Maddy quer fazer mestrado e doutorado. E aí? Você vai apoiá-la nisso como marido?

Matt acenou freneticamente com a cabeça.

— Totalmente. A ideia foi minha! Ela é a melhor da turma, tem notas mais altas que as minhas, e eu me mato de estudar. O talento natural e a inteligência da Maddy são incomparáveis no programa. Ela vai ser uma cientista incrível, e eu quero ser o cara que vai estar ao seu lado quando ela receber prêmios e fizer os discursos que,

com certeza, vai ser convidada a realizar no futuro. Quero estar ao lado dela e incentivá-la, assim como ela vai fazer comigo. — Matt colocou a mão no meu braço e me obrigou a olhá-lo nos olhos. — Não estamos brincando com isso nem somos idiotas. Mas estamos apaixonados, e eu não quero correr o risco de perder a Maddy por nada. — Seus olhos azuis eram tão convictos que eu não poderia ficar com raiva por mais tempo. Tudo se esvaiu, como água girando e descendo pelo ralo durante o banho. Isso me fez sentir oprimida e derrotada.

— Tudo bem se eu sair agora? — A voz de Maddy soou baixa através da porta de tela.

— Sim, minha menina, venha aqui fora. Vamos ver a aliança. — Fuzilei Matt com os olhos de forma divertida, para tentar deixar a situação um pouco mais leve. — É melhor que haja uma aliança! — A carranca sumiu do meu rosto. Eu não pude mantê-la quando Maddy saiu pulando de dentro da casa com a mão esquerda estendida.

O anel não era enorme, mas também não era pequeno. Parecia vintage.

— Era da minha avó. Minha mãe me deu na primeira vez que eu trouxe a Maddy para jantar. — Ele riu.

— É lindo. — Olhei para minha irmãzinha, que parecia incrivelmente nervosa e insegura. Cara, eu esperava que Matt a ensinasse a ter confiança. Se ele podia enfrentar uma irmã louca com síndrome de supermãe, podia ensinar minha irmã a ser mais confiante.

Lágrimas caíram pelo rosto de Maddy.

— Estou tão feliz, Mia. Por favor, fique feliz por mim. Não vou aguentar a sua decepção.

Desde que Maddy era pequena, e especialmente depois que a nossa mãe partiu, eu era sua principal influência feminina. Ao longo dos anos, ela nunca pôde lidar com a mera possibilidade de me decepcionar ou magoar de qualquer maneira. A menina preferia caminhar sobre brasas a ouvir que eu estava desapontada com suas decisões.

— Ah, minha menina boba. Venha aqui. — Eu a puxei para meus braços. Ela chorou baixinho em meu pescoço, soluçando, deixando o nervosismo e o medo irem embora enquanto eu acariciava seu cabelo e cantarolava sua canção. “Three Little Birds”, de Bob Marley, foi a música que aprendi em um CD que meu pai ouvia quando minha mãe foi embora. Ele ouvia principalmente “No Woman No Cry”, várias e várias vezes, bêbado, enquanto eu cuidava de nós duas. Mas a primeira música me fazia acreditar que as coisas ficariam bem... algum dia.

Maddy levantou o rosto e eu sequei suas lágrimas com os polegares.

— Me desculpe por ter reagido assim. — Desviei o olhar para Matt. — Seus pais provavelmente estão achando que eu sou louca.

Ele riu.

— Não. Acho que eles conseguem se identificar com a impulsividade e a reação da família. Eles se conheceram e se casaram em três meses. Para eles, estou apenas seguindo seus passos impulsivos. Mas eu juro que isso não é um impulso, Mia. Nós vamos terminar a faculdade antes. Eu só quero ver a aliança no dedo dela e que ela esteja em segurança no meu apartamento, do outro lado da rua da faculdade.

— Você mora do outro lado da rua da faculdade? — Meu lado maternal, que só aparecia no que se referia a minha irmã caçula, começou a piscar de forma brilhante, como um farol para um barco perdido em um oceano escuro.

Ele abriu um grande sorriso e acenou com a cabeça, puxando Maddy para seus braços.

— Você está bem, meu docinho? — ele sussurrou em seu ouvido, mas alto o suficiente para que eu pudesse ouvir.

Prestei atenção no cuidado e na preocupação com que ele tocou minha menina. Ele era um bom rapaz. Provavelmente, um verdadeiro anjo no mar de pecadores aqui em Vegas.

— Desde que a Mia aceite tudo isso, estou. — Seus olhos brilharam para os meus.

Gemi.

— Tudo bem, eu dou a minha bênção. — Aquilo gerou uma reação: ela pulou e gritou como uma adolescente.

Depois de mais algumas recomendações da minha parte, voltamos para dentro da casa. Tiffany e Trent Rains estavam esperando pacientemente na sala de estar.

— Meu filho vai tomar conta da sua irmã, posso lhe prometer. — O sr. Rains sorriu com orgulho. — Ele tem a cabeça no lugar, mas não se pode impedir um homem apaixonado. Quando os homens da família Rains se apaixonam, é para valer, rápido e para a vida toda. — Ele passou um braço sobre o ombro da esposa. — Isso é fato — falou com entusiasmo.

Eu me sentei e olhei para o casal feliz.

— A Maddy e eu não tivemos uma infância e uma adolescência fáceis. Só podíamos contar uma com a outra. Então, ouvir que a minha irmã vai se casar com o seu filho, tão nova, com dezenove anos, balançou alguma coisa dentro de mim. Não lidei bem com isso e peço desculpas.

Tiffany se levantou e se sentou a meu lado na namoradeira.

— Não se preocupe. No início, quando Matt mencionou a intenção dele, foi um choque para nós também. Quer dizer, eu sabia que ele amava a Maddy. Eles não se desgrudaram nos últimos dois meses.

Dois meses. Eles estavam juntos havia dois meses e tinham ficado noivos. Eu não podia acreditar.

— Parece rápido demais...

— Coisas como essa acontecem na família Rains. — Tiffany sorriu ao olhar para o marido. Amor, adoração e lealdade encheram seus olhos castanhos. Eu queria que minha irmã tivesse isso, e talvez, ao se casar, essa família seria dela um dia. *Por favor, Deus, permita que isso só aconteça depois que ela receber o diploma.*

Tiffany acariciou minhas costas, em um calmante gesto maternal que eu não recebia havia tanto tempo que nem conseguia me lembrar.

— Vai dar tudo certo. Eles vão terminar a faculdade e depois nós vamos planejar o casamento! Temos tempo.

Tempo.

Ultimamente, parecia que essa era a última coisa que eu tinha de sobra.



O resto da estadia em Vegas foi um completo turbilhão. Gin, é claro, achou hilariante o fato de Maddy ficar noiva. Aquela vadia sabia exatamente como me tirar do sério e me manter assim pelo resto da visita. Ela fazia comentários dizendo que Matt e Maddy iriam fugir e se casar na Strip, ou que ela acabaria grávida em alguns meses. Essa brincadeira me fez sentar com Maddy e conversar sobre a importância de tomar a pílula. Ela jurou que nunca tinha esquecido e que tomava regularmente à noite, antes de dormir. Depois daquela conversa constrangedora — para ela, não para mim —, fizemos a promessa do mindinho de que ela não se casaria sem mim. Esse era o único recurso que eu tinha para garantir que as coisas saíssem como o planejado. Em seus dezenove anos de vida, nunca, nem uma vez, quebramos uma promessa de mindinho. Era sagrado, e eu acreditei que era verdadeiro quando beijamos nossos dedos.

No avião, pensei em como fiquei na defensiva e chateada quando ouvi o anúncio de que os dois estavam noivos. Será que o problema estava no fato de minha irmã ter encontrado seu “felizes para sempre” antes de mim? Foi com isso que Gin brincou. Mas não, não era isso. Eu nunca quis o mesmo que ela. Se eu realmente buscasse dentro de mim, a resposta era simples.

Eu não podia perdê-la.

Eu era responsável por Maddy desde que me conhecia por gente. Vê-la morar com um homem e contar com ele seria apenas a primeira perda para mim. A família de Matt me informou que o apartamento do filho estava quitado, e Maddy não precisaria pagar nenhuma conta. Eles estavam felizes em contribuir com as despesas alimentares de seu filho e da noiva dele, pois já pensavam nela como parte da família. Simples assim. Eles a consideravam uma filha também e lhe davam todo o apoio, inclusive financeiro.

Colocar um teto sobre sua cabeça, alimentá-la, essas coisas haviam sido tarefa

minha por quase quinze anos. Eu não sabia lidar com aquilo. Por um lado, eu manteria a casa do meu pai alugada e enviaria mensalmente uma quantia de dinheiro para despesas ocasionais, material do curso e para o lazer de Maddy. Ela merecia. Minha irmã se esforçava muito, e eu não queria que isso mudasse pela tentativa de conseguir um emprego. Eu queria que ela continuasse naquela escalada para o sucesso. Agora, eu só precisava aceitar que Matt Rains estaria segurando sua outra mão nessa jornada.

Bem, pelo menos nada mudou sobre a viagem ao Havaí. Matt pareceu arrasado quando ela contou a ele, o que me deixou secretamente animada. Sim, eu era uma verdadeira megera e não me desculpava por isso. De acordo com Maddy, ele entendeu a necessidade de um “momento feminino” e que a notícia que eles haviam dado tinha sido um pouco chocante. No fim da discussão, o cretino estava me parabenizando pela ideia e dando sua bênção para a viagem. Como se eu precisasse. Engraçadinho. Ele aprenderia bem rápido quem era o chefe. Eu só esperava que, no final, ainda fosse eu.



Tatuagens tribais pretas. Músculos definidos, de babar, envoltos por um padrão de design intrincado, em desenhos que se espalhavam na pele bronzeada. Iam do alto do ombro esquerdo, descendo pelo bíceps forte, passavam pelas costelas e pela cintura e mergulhavam no sarongue que cobria sua essência masculina e muito mais. As faixas pretas de tinta envolviam sua coxa — grossa como um tronco de árvore —, desciam ao longo da panturrilha forte e esculpida e paravam abruptamente no tornozelo. Eu mal podia sentir a areia queimar a sola dos pés enquanto permanecia ali parada, maravilhada com a criatura magnífica diante de mim. Ele se virou, me dando uma visão deliciosa das costas fortes e bem estruturadas, que poderiam facilmente levantar a mim e mais duas amigas, nos jogando no mar, um pouco além de onde ele estava. A câmera clicou rapidamente e ele olhou para mim. Não, ele não olhou para mim. Seus olhos procuraram os meus através dos quase dez metros entre nós. Olhos castanhos, da cor do mais profundo e escuro grão de cacau, crepitaram enquanto me observavam por inteira.

O olhar do estranho deslizou sobre mim como uma carícia ardente. Tão quente que abanei o rosto, tentando afastar o sentimento abrasador que atingiu minha pele. Um homem com sotaque italiano deu alguns comandos, e finalmente o sr. Tatuado desviou o olhar, liberando o domínio que tinha sobre mim. Fui libertada, mas tive uma estranha sensação, um sentimento irritante de perda. A forma como aquele homem me olhou parecia um chamado, um farol de desejo cutucando minha mente. Do tipo com o qual eu estava bem familiarizada, conforme o espaço entre minhas coxas inchou e suavizou. Observei enquanto o homem por trás da câmera tirava mais uma dúzia de fotos e então fazia um gesto brusco de corte com a mão.

— *Finito!* — ele falou, seguido por um *perfetto*.

Desviando os olhos do homem excessivamente delicioso, vi quando o fotógrafo se virou, voltando o rosto para mim. Ele usava um chapéu marrom de tecido, estilo fedora, bermuda cargo e camisa de linho branca, fechada por um único botão, que não fazia nada para esconder o corpo esbelto por baixo. Abriu um grande sorriso e veio até mim, levantando areia a cada passo. Fiquei parada onde o motorista havia sugerido quando estacionou e apontou para a tenda na praia. Ele disse que meu chefe estava atrás da câmera. Eu não sabia que meu cliente também seria o fotógrafo da campanha. De qualquer maneira, isso não importava. Trabalho era trabalho, e,

enquanto viesse acompanhado de um cheque bem alto, eu estava dentro.

Quando ele se aproximou, pude ver um leve sorriso, dentes brancos e pequenas rugas no canto dos olhos azuis, muito amáveis, e outras ao redor da boca. O belo rosto demonstrava que ele havia envelhecido bem, e o cabelo grisalho escapava do fedora.

— *Bella donna* — ele disse, agarrando meus ombros em um abraço caloroso e, logo em seguida, se inclinando para a frente e beijando minhas bochechas no ar. — Sou Angel D’Amico, e você é mais bonita do que eu pensei quando minha mulher disse que deveríamos contratá-la para nossa campanha.

À menção de sua esposa, uma latina escultural saiu de uma tenda branca, a pele marrom brilhando à luz do sol. Um vestido frente-única vermelho-fogo, estilo sarongue, envolvia a forma curvilínea e oscilava com a brisa. O cabelo escuro era longo e balançava como se houvesse um ventilador soprando diretamente sobre ela, para acentuar suas feições. Aquilo sim era beleza. Angel bateu palmas enquanto ela vinha em nossa direção.

— Ah, minha mulher. De tirar o fôlego, não? — O sotaque italiano ficou acentuado. Assenti, pois ela tinha realmente roubado meu fôlego. A mulher era deslumbrante.

Um enorme sorriso enfeitou seus lábios.

— Mia, é ótimo ter você como parte do nosso projeto. — Ela também se inclinou para a frente e beijou minhas bochechas no ar. Agora que estava perto, eu podia ver que ela era mais velha, mas isso não prejudicava em nada sua beleza. Tia Millie me dissera que o estilista e sua esposa tinham cerca de cinquenta anos. Os dois poderiam passar facilmente por uns quarenta. — Sou a Rosa, mulher do Angel. Estamos muito animados por ter você aqui.

Ajeitei minha bolsa no ombro e afastei o cabelo da testa.

— Estou feliz por estar aqui. A ilha... bem, o que vi dela no caminho do aeroporto... é linda.

— É, sim. Você pode tirar os próximos dois dias para se familiarizar com o local. Acabamos de fotografar o Tai e vamos planejar suas fotos. — Angel olhou por cima do ombro quando o sr. Tatuagem virou uma garrafa de água e pegou uma camisa que alguém, que devia ser um assistente, estava oferecendo. — Tai, venha conhecer sua parceira de trabalho deste mês.

Parceira? Millie não me falou nada sobre isso. No momento em que eu estava prestes a questionar o que ele disse, o homem a quem chamavam de Tai se moveu para nos encontrar. Quando digo se moveu, era como se a terra tivesse se separado, formando um caminho só para ele. Todo o som pareceu desaparecer, e o ambiente se concentrou apenas na caminhada daquele homem pela areia. Ele era de tirar o fôlego. Os músculos das coxas grandes pulsavam e tensionavam a cada passo. Uma

fina camada do abdome definido ondulava, e a pele recuava a cada movimento. Seu peito brilhava como uma opala, num turbilhão de cores suaves. Mas talvez fosse só o calor e minha visão distorcida.

Quando ele chegou ao nosso pequeno grupo, sua forma gigante quase me fez recuar, pois o espaço parecia pequeno. A praia era pequena demais quando se tinha um magnetismo animal e a perfeição masculina nela. O oceano provavelmente chorou lágrimas salgadas, desejando que ele enfeitasse as profundezas com sua presença.

Angel estendeu a mão, me indicando.

— Tai Niko, esta é Mia Saunders. Ela vai ficar no bangalô ao lado do seu e vai fazer uma série de ensaios com você este mês. Vamos apresentar vocês dois como o casal dos trópicos para a campanha “A beleza vem em todos os tamanhos”.

Os olhos castanhos de Tai se prenderam aos meus. Ele umedeceu o grosso lábio inferior de maneira sedutora, então fez um som de beijo antes que aqueles pedaços exuberantes de carne se franzissem. Fiz o meu melhor para não desmaiar, mas o calor gerado por aquele homem me fez sentir como se estivesse diante de um incêndio. Ele prendeu lentamente a respiração, as narinas se dilatando enquanto os olhos observavam meu corpo. Não falei nada. Não podia me mover nem respirar mediante sua análise.

— Você é radiante. Vou gostar de trabalhar em você — ele disse, mas seu olhar transmitia muito mais do que “trabalhar comigo”. Espere... o quê?

— Você quer dizer trabalhar *comigo*? — corriji, sem poder acreditar.

Mais uma vez ele observou meu corpo atentamente. Naquele momento, percebi que ele quase não tinha cabelo. Tinha alguns fios no alto da cabeça, no estilo que o The Rock usava. Olhando para ele, percebi que se parecia bastante com esse ator, Dwayne Johnson. Enorme, pele morena, mais bronzeada ainda pelo sol dos trópicos e tatuado. Só que Tai parecia muito mais tradicional em suas características de Samoa do que o ator.

Ele franziu os lábios sensuais e sorriu.

— Não, não foi isso que eu quis dizer.

Cacete. Este mês ia ser uma aventura e tanto. Com sorte, a aventura incluiria estar em cima ou embaixo de um deus samoano de um metro e noventa chamado Tai.



Um raio de luz entrou pela janela do quarto e tocou meu rosto, me acordando de um sonho glorioso envolvendo uma partida de Twister entre mim e um samoano sexy, ambos nus. Eu me levantei e segui minha rotina matinal, fazendo café, comendo abacaxi fresco e várias outras frutas da ilha que estavam na geladeira abastecida. O bangalô em que os D’Amico me hospedaram era o tipo de lugar onde as pessoas

sonhavam passar férias. Ficava ao sul de Honolulu, na praia de Diamond Head. Ali, eu podia abrir a porta de correr e pisar na areia, três metros à frente. Uma vista panorâmica do mar era meu pano de fundo. Abri as portas, deixando entrar a brisa e o som do surfe.

Incapaz de esperar mais, vesti um biquíni branco, peguei uma toalha e fui para o mar. Fazia tempo que eu não ia à praia. A última vez foi quando estava com Wes.

Wes. Eu não seguiria por esse caminho. Quando cheguei ao aeroporto, em Vegas, havia uma foto de Gina DeLuca num tabloide com o título “Novo affair de Gina”. A imagem abaixo mostrava a bela atriz almoçando com ninguém menos do que o meu Wes. Bem, não o *meu* Wes, mas eu o tive primeiro, então, de acordo com o direito de propriedade, isso o fazia meu, certo? Por outro lado, ela estava com ele agora e tinha mais direitos que eu. Que raios eu estava pensando? Não possuo Wes mais do que ele me possui. Ele podia ter um pedaço do meu coração, mas não a coisa toda. Tínhamos deixado isso muito claro, embora ainda houvesse sentimentos latentes entre nós. Mas concordamos em deixar isso de lado enquanto vivíamos nossas vidas. E era o que eu pretendia fazer.

Viver minha vida.

Deixando cair a toalha na areia, a cerca de dez metros do mar, olhei para a água. Era tão cristalina que dava para ver o horizonte por pelo menos uns trinta metros, até que se tornasse mais profunda. Havia um surfista solitário, de calção preto, pegando ondas ao longe. Definitivamente, ele tinha muita habilidade. Observei-o por um tempo, hipnotizada por seus movimentos. O homem pegou algumas ondas pequenas, depois fez uma manobra em trezentos e sessenta graus, batendo o corpo grande na prancha e remando de volta. Em instantes, ele estava em pé sobre a prancha novamente e pegou uma onda mágica que tinha formato triangular, deslizando com ela como um profissional.

Em pouco tempo, o surfista veio em minha direção em uma onda pequena. Parecia acontecer em câmera lenta. Os redemoinhos pretos do ombro ao tornozelo chamaram minha atenção primeiro. Então, meus olhos percorreram a superfície molhada e escorregadia do peito mais largo que já tive o prazer de ver. Tony, em Chicago, era definitivamente grande. Ainda assim, nem se comparava a esse gigante. Um homem como Tai Niko fazia uma mulher como eu, de um metro e setenta e três e um curvilíneo manequim quarenta e dois — beirando o quarenta e quatro, quando se levavam em consideração os seios enormes e o bundão —, se sentir minúscula. Eu adorava me sentir pequena.

Sua prancha chegou à praia e ele deslizou dela perfeitamente, tocando a areia antes de se inclinar e puxá-la, como se fizesse isso todos os dias. Ele a carregou sob o bíceps definido, como se não pesasse nada.

— Oi, *haole* — ele disse e eu estreitei os olhos. *Nota mental... procurar a*

palavra “haole” na Wikipédia.

— Eu não tinha percebido que era você. Você é bom. — Indiquei o mar com o queixo, tentando encontrar qualquer razão para não olhar para seu corpo magnífico e babar.

Sua mandíbula esculpida se acentuou quando ele sorriu.

— Eu tenho que ser. Dou aula de surfe quando não estou trabalhando como modelo ou nos shows com a minha família.

— Você dá aula?

— Por quê? Quer aprender? — Seu tom era sedutor e fascinante.

Aquela definitivamente era minha deixa para flertar.

— Você vai me ensinar a montar? — Arqueei a sobancelha.

Sua boca se apertou naquele delicioso bico enquanto os olhos pareciam percorrer todas as minhas curvas.

— Vou te ensinar a montar dia e noite, garota. — Quando ele disse a palavra “garota”, não soou como uma mulher diz para sua melhor amiga. Não, vindo dele soou mais como um grunhido. Um som que enviou correntes luxuriosas pelo meu corpo, deixando os dedos dos pés instintivamente curvados e a área *lá embaixo* apertando deliciosamente.

— Ah, é? Ainda estamos falando de surfe? — Levei seu blefe adiante.

Falei em tom brincalhão, embora eu imaginasse que brincar com ele de outras formas seria muito mais divertido. Eu e minha pepeca definitivamente topávamos esse passeio.

— O que você acha? — Seus olhos escuros se tornaram negros. A cobiça girou naquelas profundezas escuras, e meu lado feminino pulou de alegria e fez a dança do pintinho.

“Vá com tudo ou vá pra casa” é a frase que as pessoas usam em momentos como esse. Bem, eu definitivamente pretendia fazer daquele safado a minha música-tema, pois iria com tudo antes de voltar para casa.

— Meu bem, eu aceito *montar* o que quer que você esteja oferecendo — respondi corajosamente, sabendo que estava cutucando a fera. Dessa vez, eu queria que ele viesse com tudo. Queria tanto que meus joelhos estavam enfraquecendo.

As narinas de Tai se dilataram enquanto ele respirava de forma barulhenta. Com um baque forte, sua prancha bateu na areia, um braço grande deu a volta em minha cintura e eu fui puxada contra seu peito, seus lábios grudando nos meus. O beijo foi selvagem, brutal, preenchido com uma fome insaciável.

Devoramos a boca um do outro, mordiscando lábios e línguas. Lambidas trêmulas eram destinadas a consumir, provar e saquear enquanto saboreávamos um ao outro. Sem dúvida, comentário ou discussão, Tai me levantou, deslizou as mãos sobre meu traseiro, apertando-o, e me puxou para cima. Envolvi as pernas em sua cintura e me

agarrei a ele, incapaz de deixar seu gosto viciante por um minuto sequer para ver aonde estávamos indo. Só depois que o sutiã do meu biquíni foi tirado, minhas costas bateram em uma superfície macia como uma nuvem e os lábios de Tai estavam presos em meu mamilo, é que me dei conta de que não estávamos mais na praia. Naquele momento, eu não me importava. Eu o queria mais que a minha próxima respiração.

Segurar aquela cabeça quase careca contra meu peito foi extremamente gratificante. Não tanto quanto enfiar as unhas, deixando marcas em formato de meia-lua nela. Ele não se incomodou com a agressividade — Tai era muito mais agressivo em seus movimentos. Os dentes dele afundaram em minha ponta dura e eu gritei. Tai soltou o seio inchado, sorriu histericamente e segurou o outro, fazendo a mesma tortura deliciosa com a boca quente. Suas mãos estavam em mim, apertando o outro seio e a pele arredondada do traseiro até que, finalmente, seguraram minha cabeça com firmeza enquanto ele capturava minha boca novamente. Com Tai, eu me sentia tomada.

— Vou fazer você gozar de um jeito louco, depois de um jeito mais suave, e vou terminar com algo entre os dois. Depois vou fazer tudo de novo — ele rosnou, se afastando do meu corpo. Estendeu um braço comprido e musculoso até a cabeceira e pegou uma embalagem prateada. Ainda bem que alguém estava raciocinando. Minha mente era uma neblina de luxúria muito intensa, e eu só queria aquela ereção, de tamanho considerável, dentro de mim, para que eu esquecesse meu próprio nome.

O calção de Tai caiu sobre o piso de cerâmica e eu me apoiei nos antebraços. Aquela visão preencheria futuras fantasias por décadas. Sua tatuagem não parava no tronco. Não, aquela beleza cobria toda a lateral esquerda do corpo, formando símbolos e imagens incompreensíveis. Tai sorriu maliciosamente, colocou a mão ao redor do membro e, preguiçosamente, acariciou o pau enorme. Quando digo enorme, quero dizer um daqueles que você sabe que de fato vão machucar na primeira vez que entrarem, mas você vai aceitar a dor de bom grado e não vai reclamar. E vai receber de novo e de novo, pois nada vai chegar perto dessa plenitude.

— Caramba, você é um cara grande... em todos os lugares — elogiei a perfeição esculpida.

Ele continuou a me observar enquanto eu me contorcia, os quadris girando inutilmente, meu corpo ficando mais quente e meu sexo mais molhado a cada roçar de sua pele deliciosa. Eu já não podia deixar de salivar ou de reagir a seu corpo nu. Nem queria.

Devassa. Sensível. Inchada.

Esses eram os sentimentos predominantes que corriam pela minha pele quente enquanto eu olhava para ele.

— Tire o biquíni — ele praticamente rosnou. Não foi um pedido. Foi mais

como... uma ordem. Eu deveria ter recusado sua posição dominante, mas estava tão excitada que simplesmente agi, puxando as duas tiras e deixando a peça cair entre minhas coxas abertas. — Abra mais. Quero ver sua flor aberta e molhada. — Tai respirou fundo quando concordei. Mordi o lábio para conter um gemido enquanto me revelava de um mo-do que poderia ser considerado degradante, mas com ele, de alguma forma, parecia proibido, sensual e levava meu desejo ao limite.

Ele continuou olhando enquanto acariciava o membro. Uma gota perolada cobriu a ponta e eu lambi os lábios.

— Quer provar, garota? — ele ofereceu, naquele tom grave que causava arrepios na coluna e tornava minha pele mais sensível. Não pude responder. O quarto desapareceu e éramos apenas ele e minha necessidade de pressionar cada centímetro do meu corpo no dele. Concordei e ele parou com o movimento. — Me chupa. Saboreie o que você faz comigo.

Ficando de quatro, me inclinei para a frente e olhei para cima somente quando meus lábios estavam perto o suficiente para que ele pudesse sentir minha respiração. Seus olhos estavam escuros como a noite, o lábio inferior preso entre os dentes brancos. Mantendo os olhos nele, estiquei a língua e a girei em sua essência. O gosto salgado e picante fez brotar uma onda quente entre minhas pernas. Ele inalou ruidosamente.

— Estou sentindo o cheiro da sua flor, garota. É como se fosse sol líquido. — Ele deixou escapar um longo suspiro. — Vou devorar o seu corpo até você desmaiar. Você quer?

Em vez de responder, engoli seu membro e o guiei até a garganta. Sua mão agarrou meus cabelos, mas não os puxou. Era mais como flexionar os dedos contra o couro cabeludo enquanto eu lhe dava prazer. Sentir seu toque em minha cabeça foi algo inteiramente novo e agradável. Equilibrando-me em uma mão e nos joelhos, levantei a outra para segurar a base de sua masculinidade. Ele era grande demais para que eu conseguisse colocar mais que metade para dentro, e eu me orgulhava de minha capacidade de engolir um homem até o fundo da garganta. Era uma habilidade que muitas mulheres não tinham. O pensamento de que aquele pau enorme ia me penetrar em breve me fez redobrar os esforços.

— Devagar, garota. — Ele me afastou de seu membro com um estalo molhado. Em seguida, se virou na cama, o corpo grande estendido. Aquilo parecia um bufê para mim. Eu não sabia o que queria provar primeiro: mais de seu pau suculento ou o vão entre cada peitoral definido. — Suba em cima de mim. Quero te saborear enquanto você me chupa. E você *vai* engolir cada gota. — Seu tom era forte, do tipo eu-sou-o-chefe-na-cama. E, com ele, eu tinha de admitir, funcionava. Montei em seus ombros largos e ele segurou meus quadris. Antes que eu pudesse movê-los em direção a sua boca, ele já havia afundado a língua nas minhas dobras.

— Ah, merda, Tai — gritei descontroladamente, descendo em seu rosto enquanto ele apertava a parte de trás das minhas coxas, afastando-as ainda mais, tanto que eu devia parecer um sapo prestes a pular de uma vitória-régia. Eu estava definitivamente prestes a pular... em um orgasmo entorpecente. Ele estava me saboreando loucamente, a ordem de agradá-lo esquecida enquanto eu mexia meu sexo em seu rosto.

Tai era mestre na arte do sexo oral. Mestre. Um dos três melhores que já tive, no mesmo nível de Alec e Wes. Só que ele se lambuzava, como se fosse um homem que ficou preso por uma década e o único pensamento durante esses anos fosse o gosto do meu sexo.

Em minutos, eu estava gozando em sua língua. Isso pareceu deixá-lo louco. Na forma barulhenta como ele me saboreava, eu podia ouvir pequenos grunhidos e palavras.

— Doce. Encharcada. Mmm. O dia todo. Te comer o dia todo. — Foi a última coisa que ouvi antes de desabar após a primeira onda de orgasmo, caindo contra o corpo de Tai e pousando perto do pau duro, que quase cutucou meu olho.

Erguendo-me fracamente, coloquei os lábios em torno de seu membro enorme e fui com tudo no momento em que senti a explosão de seu sabor. Lambi, chupei, mordisquei, acariciei, dando tudo de mim, até que ele levantou os quadris tonificados, vindo de encontro a meus movimentos.

Seu pau endureceu mais e se avolumou, dando indícios de que estava prestes a chegar lá. Eu me parabenizei pela capacidade de dar prazer a esse gigante e de fazê-lo gozar, como ele tinha feito comigo. Quando ele pressionou dois dedos grossos em minha entrada encharcada, meu corpo vibrou como um tambor. Mais uma pressão e eu não conseguiria segurar. Seria um orgasmo igual a um furacão, do tipo que experimentei quando estava com o francês. Os dedos grossos de Tai sabiam exatamente o que fazer e se concentraram no nervo oculto dentro de mim, manipulando-o. Ele me excitou mais e mais, até que não tive escolha a não ser prender os lábios na cabeça de seu pau e chupar como se minha vida dependesse daquilo. Naquele momento, fui mais eficiente que a melhor marca de aspirador de pó.

Sua mão pressionou profundamente, e seu quadril levantou do colchão, entrando mais fundo em minha boca. Parecia que eu estava em uma onda. Torrentes mornas deslizavam sobre mim, enquanto eu gozava contra os dedos e a boca de Tai, assim como sua essência cobria minha garganta, em longos jatos viscosos. Eu o chupei até secar, e ele tirou a mão do meio das minhas coxas e deitou a cabeça no colchão. Nós dois suspiramos. Exaustos por liberar a tensão sexual reprimida. Como se eu não pesasse nada, ele girou meu corpo, me deitou em seu lado não tatuado e me abraçou apertado.

— Da próxima vez, vamos usar isso. — Seu tom era divertido enquanto segurava o preservativo não utilizado.

— Combinado. — Eu ri, abraçando sua lateral. Ele cheirava a mar, a sexo e a mim. Uma combinação deliciosa.

Havia outro homem que cheirava como o oceano, e eu fechei os olhos, tentando não trazê-lo para aquele momento. Eu havia acabado de fazer um sexo incrível e estava planejando ter muito mais, e logo.

Agora não, lembrei a mim mesma. *Aproveite o samoano sexy enquanto pode.*

Tai deslizou as mãos para cima e para baixo em minhas costas, depois em meus cabelos, esfregando meu couro cabeludo. Tenho certeza de que ronronei como um gatinho sob suas mãos talentosas.

— Gosta disso, *haole*?

Apoiei o queixo em seu peito e tracei uma parte da tatuagem sobre seu coração.

— O que significa *haole*?

Ele sorriu, se inclinou e beijou minha testa. Era um gesto incrivelmente doce para alguém que havia sido rude como um sádico em um clube de BDSM. Bem, provavelmente não. Não sei nada sobre esse estilo de vida, mas ele definitivamente tinha uma natureza dominante.

— *Haole* significa estrangeiro.

— Prefiro “garota” — resmunguei e lambi seu mamilo. A risada estrondosa para meu comentário sarcástico retumbou contra minha orelha e me sacudiu até a medula. Eu já podia sentir a agitação do desejo mais uma vez. Só com sua risada. Cara, eu estava em apuros.

— Anotado, garota — ele disse, naquele tom que eu estava começando a adorar. Ele me levantou e tomou meus lábios. E quero dizer *tomou* mesmo. Tai Niko não fazia nada de qualquer jeito. Isso tinha ficado claro enquanto estávamos juntos, quando ele deu tudo de si para me proporcionar prazer. Ele beijava como se estivesse competindo por um prêmio — que, aliás, teria vencido.



Estranhamente, acabamos não usando o preservativo como planejado, pois, quando nosso último beijo começou a esquentar, Tai recebeu um telefonema. E depois outro, outro e mais um. Aparentemente, o jantar de domingo à noite era importante na família Niko. E agora, conhecendo Tai havia apenas um dia, o que consistia principalmente em saborearmos as partes íntimas um do outro, eu estava prestes a conhecer sua família. *Inteira*.

— Mia, minha família é legal. A melhor. Mas você é branca e veio do continente. Então, se eles fizerem algum comentário sobre você ser *haole*, deixe quieto. Nosso povo tem muito orgulho da nossa cultura, herança e linhagem. Eles vão te tratar bem e te receber de braços abertos... contanto que não pensem que estamos em um relacionamento sério.

— Vai ser fácil, pois nós não estamos. Estou aqui para um trabalho que vai durar pouco menos de um mês. E só. Fico feliz em confirmar isso. Se nos divertirmos um pouco nesse meio-tempo — bati em seu bíceps gigante com o meu, de forma brincalhona —, vamos sair no lucro, certo?

Seus lábios se retorceram em um sorriso muito sexy. Eu queria esmagá-lo com a boca e engoli-lo.

— Você está certa, garota. Agora vamos lá. Na minha casa, você se apresenta para o meu pai antes de qualquer outra pessoa. Em seguida para os meus irmãos, depois para a minha mãe.

Minhas sobrancelhas se estreitaram por vontade própria.

— Por que a sua mãe por último?

— Nós guardamos o melhor para o final — ele respondeu, mas talvez fosse apenas uma forma de evitar que eu o chutasse no saco.

Quando chegamos ao nosso destino, dizer que fiquei surpresa seria um eufemismo. Por alguma razão, eu esperava algo muito tribal e com aparência de ilha. A casa era pintada de azul-céu, com acabamento branco e uma varanda que percorria a volta toda. Um extenso gramado verde com palmeiras em todos os lugares pontilhava a extensão da propriedade. Havia uma longa calçada ao redor da entrada, com algo em torno de vinte carros. *Vinte*. Para um jantar em família. Se eu convidasse toda a minha família para jantar, poderíamos chegar no mesmo carro.

No momento em que entramos, ouvi um murmúrio. Vozes em todos os cantos.

Dentro da casa e mais longe, como se estivessem em algum lugar nos fundos. Então fui invadida pelo melhor som de todos — risadas vindas de todas as direções. Alegria. Foi o que senti no momento em que entramos na casa moderna no estilo colonial, no coração de Oahu.

Silenciosamente, Tai segurou minha mão e me levou de sala em sala. Havia pessoas em todos os cantos. Todos olharam em nossa direção, nos observando atravessar a casa, com um sorriso nos rostos bronzeados. Não havia julgamento; não havia nada além de um sentimento de curiosidade que preenchia o ar úmido conforme passávamos.

Por fim, fomos para os fundos, onde a festa estava sendo realizada.

— É um jantar de família ou uma festa?

Tai soltou uma gargalhada. Várias pessoas se viraram em nossa direção ao som da voz estrondosa de barítono.

— Mia, todo domingo à noite é assim. Minha família é muito unida. Todos participam, trazem um prato grande o suficiente para alimentar umas quarenta ou cinquenta pessoas. E levam de volta tudo o que podem, no mesmo prato que trouxeram. Sem confusão.

Segurei sua mão.

— Mas nós não trouxemos nada. — Mordisquei o lábio, preocupada que não estivessemos seguindo o protocolo samoano para uma boa festa.

— Claro que trouxemos. O que você pensa que é?

— Eu? — Minhas sobrancelhas se ergueram com tanta força que até senti uma pontada de dor no nariz.

Ele me puxou para seu corpo quente. Espontaneamente, passei os braços ao redor dele, apertando seu traseiro, duro co-mo uma rocha. Meu Deus, eu queria morder aquela bunda. Mais uma vez, lamentei o fato de termos sido interrompidos e não conseguirmos terminar a farra da maneira que eu queria. Ou seja, tendo dificuldade para andar no dia seguinte.

Tai lambeu os lábios pecaminosos, pressionou a testa na minha e sua voz ficou tão baixa, mas tão baixa, que eu a senti em meu sexo.

— Não me olhe como se quisesse transar comigo, garota, ou vou te empurrar contra a parede mais próxima e te comer até todo mundo ouvir. Nada melhor do que uma mulher gritando de prazer quando as suas bolas estão enterradas na flor dela.

Isso me fez ficar surpreendentemente calada, até que Tai parou na frente de outro homem gigante como um mamute. Ele estava sem camisa, só de calção. Olhei em volta e percebi que todo mundo estava usando roupa de praia. Tai, no entanto, estava de bermuda cargo e camisa polo. Era um estilo que Hector, meu melhor amigo gay de Chicago, chamava de “golfe chique”. O cara podia usar qualquer coisa que ficaria gostoso demais.

— *Tama*. — Ele anunciou nossa presença para o homem perto da churrasqueira usando essa palavra samoana, que significava “pai” ou “papai”. Então baixou o olhar e eu segui o movimento, sem saber o que era apropriado.

— Filho, quem é que você trouxe para a nossa casa? — Seu tom era acolhedor e simpático. Tai levantou a cabeça e sorriu.

— *Tama*, esta é Mia Saunders. Mia, este é meu pai, Afano Niko. — Estendi a mão e ele a apertou. — Ela está trabalhando comigo numa campanha de moda.

As sobrancelhas de seu pai se ergueram.

— Mais uma modelo? Achei que você tinha aprendido com o último erro — ele resmungou, a voz agora preocupada, cheia de julgamento. Obviamente alguma coisa tinha acontecido no passado que ele não queria que se repetisse.

— A Mia não é minha namorada, *Tama*. É uma amiga. Ela vai ficar na ilha por um mês, depois vai embora.

Isso pareceu afastar seu mau humor. O pai bateu com a mão no ombro de Tai e o apertou.

— Certo, muito bem. Então ela deve comer e conversar com a família. Aprender sobre a cultura samoana enquanto pode. — Tai abriu um grande sorriso, cheio de orgulho.

— Exatamente o que pensei.

Conheci os irmãos de Tai, todos enormes, bonitos e com partes da tatuagem que eu tinha visto nele. O desenho no ombro de Tai era igual ao de seu pai, com raios passando pelo braço e chegando ao peito. Em Tao, o irmão mais velho, vi a mesma tatuagem de tartaruga. Outros dois irmãos compartilhavam listras pretas semelhantes em torno do antebraço e da perna. Havia uma grande variedade de padrões que eu não tivera a oportunidade de avaliar no tempo entre nos vestirmos e sairmos de casa.

Depois de ter sido provocada e cantada por todos os irmãos, Tai me levou de volta para dentro da casa e fomos em direção à cozinha. Eu estava na segunda dose da bebida especial da família Niko. Eles a chamavam de Lilikoi Passion, o que Tai me explicou que significava “apaixonado pelo maracujá”, ou algo assim. Tudo o que eu sabia é que era gostosa, fazia meu estômago esquentar e a mente ficar livre. Da última vez que bebi, acabei na cama, só de calcinha, com Mason Murphy, meu cliente. O que não caiu nada bem com sua namorada, apesar de nada ter acontecido. Mace era como um irmão para mim. E, como acontecia sempre que eu tomava uma boa bebida alcoólica, pensamentos aleatórios sobre todas as pessoas com quem eu precisava me reconectar surgiram em minha mente. Amigos como Hector e Tony, Mace e Rachel, além de Jennifer, mulher do diretor de Malibu. Ela já devia estar com alguns meses de gravidez. E, claro... Wes. Trocamos algumas mensagens e, por ora, era suficiente. Ver a foto dele com Gina, supostamente namorando, na capa do meu tabloide favorito não melhorou minha opinião a esse respeito. Não. Eu estava

no Havaí para trabalhar e ter bons momentos. O trabalho começava em alguns dias, e a parte divertida já estava acontecendo. Nos braços quentes e definidos da minha versão particular do The Rock.

Tai parou na frente de uma mulher pequenina. Seu cabelo preto era comprido e estava preso em uma trança intrincada. Os antebraços demonstraram força quando ela mexeu algo em uma panela.

— *Tina* — Tai disse, alto o suficiente para que ela ouvisse. Mais uma vez ele olhou para baixo, o que, rapidamente aprendi, era sinal de consideração. Observei, enquanto falávamos com seus irmãos, que todas as pessoas mais velhas eram tratadas com o mesmo respeito. Eu não sabia se aquilo era um costume samoano ou apenas um gesto da família Niko, mas, de qualquer forma, revelava extrema reverência aos mais velhos, o que provavelmente significava que haviam conquistado essa admiração.

A pequena mulher se virou, com os pés descalços. Ela usava uma saia transpassada, que batia nos tornozelos, num tom vivo de laranja, com camiseta regata combinando e uma bata branca transparente que eu suspeitava estar ali para dar um ar de recato. As mulheres mais novas da família não tinham problemas em mostrar uma boa extensão de pele. Todas tinham belos corpos e usavam biquíni enquanto andavam pela casa conversando com os familiares. No meio de todos eles, eu provavelmente parecia vestida demais. Estava usando um shorts branco e uma regata verde. Pelo menos meu cabelo tinha ondas naturais devido à umidade, o que lhe conferia volume e brilho. Definitivamente, eu era feita para o clima tropical. O cabelo estava ótimo, e eu não tive que fazer nada para deixá-lo assim.

— Meu menino, meu coração doce e puro. — Ela bateu no peito dele e puxou seu pescoço para que ele se inclinasse, então beijou suas bochechas e depois a testa.

Seus olhos eram idênticos aos de Tai e cheios de amor de mãe. Eu não conseguia me lembrar da última vez em que vira aquele olhar na minha própria mãe... se é que já tinha visto.

— *Tina*, esta é Mia Saunders, minha colega de trabalho. Estou apresentando a ilha para ela e partilhando nossa cultura enquanto ela está aqui. Mia, esta é a minha mãe, Masina.

— Hum, achei que o nome dela fosse Tina.

Os dois riram, mas Tai o fez de uma forma gutural, que senti percorrer todo o meu corpo, enviando ondas de prazer até mesmo para os dedos dos pés.

— *Tina* significa “mãe” em samoano. Meus filhos usam a nossa língua para falar com alguém da nossa cultura — a mãe dele explicou.

Anuí e pude sentir meu rosto queimar quando respondi.

— Ah, me desculpe. Nunca estive com alguém que falasse samoano antes do Tai. É um prazer conhecê-la, sra. Niko. — Estendi a mão e ela a puxou de leve, me

atraindo para seus braços. Então, beijou suavemente minhas bochechas e a testa. Segurou meu rosto, as mãos nas bochechas, os polegares pressionados em minhas têmporas.

— Você está bastante perdida e em uma grande jornada. Não tenha medo. Vai encontrar muitas alegrias antes de se comprometer com o seu “para sempre”.

Naquele momento, uma pequena brisa poderia ter me derrubado. Fiquei ali, parada, incapaz de me mover ou responder. O melhor que pude fazer foi soltar um “Ah”.

— *Tina...* — ele repreendeu a mãe e me puxou para seu lado. — Minha mãe tem uma espiritualidade forte. Ela foi abençoada com o dom da visão.

— Visão? — Eu me inclinei mais para seu lado e olhei para a mulher encantadora.

Ele concordou de maneira relutante e ela deu um tapinha em meu ombro.

— Tudo será como deve ser, Mia. Não deixe que o meu menino misture o para sempre dele com o seu. Infelizmente, eles não estão ligados. — Então franziu a testa e soltou o ar pelos lábios finos. — Você tem pouco tempo, faça com que dure. — E sorriu de um jeito brilhante, o nariz largo e as maçãs do rosto salientes e arredondadas fazendo-a parecer etérea.

Tai suspirou.

— A Mia não é minha namorada. Somos amigos. Estamos passando um tempo juntos e vamos ser colegas de trabalho por um mês.

Masina assentiu.

— Eu sei, coração puro. Não espere mais, pois ela não é para ser sua. — Seu tom era sério. O aviso de uma mãe, o tipo em que, definitivamente, se deve prestar atenção. — Agora vá. — Ela balançou os dedos, nos dispensando de forma eficaz. — Tenho muito a fazer para a sobremesa.

Tai passou um braço sobre meu ombro e me levou para fora novamente. Àquela altura, eu já tinha tomado o restante do segundo drinque e estava completamente necessitada do terceiro. Balancei o copo e fomos para o bar, onde grandes jarros estavam cheios da bebida cor de morango.



De volta ao bangalô, depois de enchermos a cara de Lilikoi Passion, nos sentamos na praia, os pés na areia, o oceano escuro o único som ao redor. As ondas quebravam com força, a espuma branca e o mar de seda refletindo a lua perfeitamente brilhante. O oceano parecia não ter fim de onde estávamos. As profundezas escuras, prontas para nos engolir a qualquer momento. Eu amava e temia o oceano em proporções iguais. Era algo pelo qual eu tinha grande respeito e que nunca subestimava.

Eu me inclinei para trás, me apoiando nos antebraços, e cruzei os tornozelos, olhando para o homem sem camisa a meu lado.

— O que significam todas essas tatuagens? — perguntei.

— Cada uma significa uma coisa, garota. Qual delas, em particular, chamou sua atenção? — Seus olhos estavam tão escuros quanto o oceano, mas não tão assustadores. Eu poderia, de bom grado, ser feita prisioneira naqueles belos olhos negros.

Endireitando-me, tracei o sol em seu ombro, permitindo que a ponta do meu dedo acariciasse cada raio de luz. Arrepios surgiram na superfície de sua pele.

— Essa foi a primeira. Foi uma honra incrível. Na minha cultura, o sol normalmente significa riqueza, brilho, grandeza e liderança. Para mim, a maneira como os raios chegam ao meu coração mostra o desejo de liderar com ele. Ser rico nos caminhos do amor, como o meu *Tama*. E, um dia, espero ser um grande homem no comando dos meus negócios e da minha família. Mais uma vez, como o meu *Tama*. Foi por isso que pedi ao meu pai para compartilhá-la comigo.

— Isso é realmente especial.

O peito de Tai se moveu e estufou quando ele inalou.

— Na tradição samoana, se você quer ter uma *tatau*, ou tatuagem, você deve merecê-la. E deve ter um membro voluntário da sua família para compartilhá-la com você, de modo que suas vidas estejam para sempre ligadas.

Ele se levantou e tirou a bermuda, ficando completamente nu. Virou de lado, o pau semiereto, nada parecido com os níveis alcançados quando ele estava realmente excitado. Com um movimento da mão, traçou as costelas numa forma crescente, com o desenho de um cata-vento circular no centro.

— Essas marcações eu recebi do meu irmão, Tao. O desejo dele era encontrar harmonia na vida. Ele brigou muito. Com nossos pais, comigo, com nossas irmãs, nossos irmãos, outras crianças na escola. Quando encontrou seu caminho, ele quis compartilhar essa jornada comigo.

Puxei meus joelhos na direção do peito e os abracei.

— E a tartaruga?

Ele sorriu e passou a mão no abdome. Abdome não, quadradinhos de luxúria. Cada gomo me fazia cobiçá-lo. Eu queria lambe e morder cada centímetro daquele tronco, com tatuagens e tudo... especialmente por causa das tatuagens.

— Outro desenho que compartilhei com meu irmão mais novo. A tartaruga simboliza longevidade, bem-estar e paz. É algo que eu desejo para a minha família e para mim.

— E as ondas e os redemoinhos? Significam alguma coisa ou são apenas preenchimento? — perguntei, muito sincera, e ele riu.

Balançando a cabeça, ele usou um dedo para traçar os redemoinhos por todo o corpo. Naquele momento, seu pau havia endurecido e eu estava pronta para acabar com a história, mas estava interessada no porquê de ele ter tatuado uma metade

inteira do corpo, deixando a outra intocada... desprovida de tinta.

— O oceano é muito importante na nossa cultura, não só por estarmos literalmente rodeados por ele, à sua mercê, mas porque, historicamente, os samoanos acreditavam que o mar era o lugar para onde você ia quando morresse. Como eu surfo e a minha cultura está sempre perto do mar, eu lhe dei um lugar na história da minha vida e na da minha família.

Ele continuou a me mostrar tatuagens aqui e ali, que eram para alguns primos, seu outro irmão e assim por diante. Até quebrou as regras e tatuou a mesma flor que todas as mulheres da família tinham no pé.

Notei isso na festa, mas não mencionei. Na hora, achei estranho que cada mulher naquela casa tivesse a mesma tatuagem no pé. Mas era por causa da linhagem. A versão feminina de dedicar respeito à família, marcando permanentemente o corpo.

— Minha última pergunta, prometo!

Ele revirou os olhos e sentou o traseiro nu sobre a toalha que leváramos. Mordi o lábio enquanto meus olhos se banquetavam com seu membro ereto. Eu queria aquele pau enorme dentro de mim tanto quanto queria ganhar um milhão de dólares para saldar a dívida do pops.

— Vá em frente, garota. Pergunte. Mas, enquanto faz isso, tire a roupa. Lentamente.

Olhei em volta, como se alguém fosse magicamente aparecer em uma praia particular. Ei, eu era uma mulher da cidade. Nunca se sabia quando haveria um perverso escondido atrás dos arbustos. Claro, aqui não havia arbustos. Apenas quilômetros de palmeiras e areia. Levantando-me, tirei a blusa, desabotoei o shorts e deixei ambos caírem na areia.

— Continue.

— O quê? A pergunta ou a tirar a roupa? — questionei, sedutora.

Suas sobrancelhas se arquearam.

— Ambos.

Soltei o fecho do sutiã e ele afrouxou, de modo que fiquei segurando-o no peito.

— Por que todo o lado direito do seu corpo é livre de *tatau*? — tentei a palavra samoana para tatuagem. Ele sorriu ao ouvir, o que me fez imaginar que devo ter dito corretamente. Muito bem!

— Melões.

— Hã?

— Quero ver seus melões. Abaixar os braços. — Deixei o sutiã cair e meus meninos saltaram, livres. Um belo tamanho quarenta e seis, e bem atrevidos, na minha opinião. Minhas mãos acariciaram ambos os seios, de maneira descarada. Tai gemeu e se recostou, abrindo as pernas. — Está vendo isso, garota? — Ele balançou a cabeça, fingindo indignação.

— Com certeza estou. Agora me conte, para que possamos chegar ao final feliz da noite.

Ele me chamou mexendo o dedo e eu fiz que não. Repetiu o movimento e, dessa vez, não fui capaz de negar a umidade entre minhas coxas nem o desejo correndo pelo meu corpo. Então eu fui. Ele me puxou para seu colo. Sem dizer uma palavra, dois dedos deslizaram entre minhas dobras e afundaram. Seu polegar pressionou com força o nó de nervos sensíveis, que necessitava de atenção. Inclinei a cabeça e arqueei em seu colo, lhe dando acesso perfeito aos meus seios. Ele os tomou com avidez.

Tai me fez remexer em seu colo, cravando os dedos profundamente em mim, me penetrando com aqueles dedos grossos. No momento em que mordeu meu mamilo enquanto girava o polegar em meu clitóris, eu me perdi. Foi um orgasmo e tanto.

Quando voltei a mim, ele capturou minha boca e me beijou com força, demoradamente... de maneira hipnotizante. Ao se afastar, me senti bêbada novamente, mas dessa vez embriagada por ele. Pronta para me voluntariar como sua escrava, se com isso recebesse mais do seu doce prazer.

— Deixei o outro lado do meu corpo puro para mim. Aquela metade da minha vida que é só minha e vai ser compartilhada com a minha futura esposa e meus filhos. Quando for a hora certa, vou compartilhar as marcas da vida dos meus filhos e espero que dos filhos deles.

Meu cabelo caiu contra seu rosto quando encostei a testa na dele, os lábios mal se tocando. Apenas o suficiente para sentir a ligeira umidade ao compartilharmos o mesmo ar.

— Você não pode ser real — sussurrei em seus lábios molhados. — Os homens não são altruístas assim.

— Ah, querida, estou longe de ser altruísta e quero te mostrar que, quando quero algo, eu pego. Como vou fazer com o seu corpo.

— Sim, por favor.

Com isso, ele agarrou minha bunda e me levou até o bangalô.



Paus... Especificamente, o pau do Tai causava um impacto e tanto. O espaço entre minhas coxas estava inchado e bem utilizado após as escapadas sexuais da noite anterior. Sua fome por mim era insaciável. Ele me fez gozar tantas vezes que meu sexo parecia vazio, desprovido da plenitude que ele havia me proporcionado. A noite anterior tinha sido memorável. Uma noite de sexo absolutamente selvagem e safado. Do tipo que toda mulher quer, mas raramente recebe.

Um enorme sorriso surgiu em meu rosto, e foi impossível disfarçar quando segui pelas escadas para a bela casa de praia onde seria realizada minha primeira sessão de fotos para a D'Amico Designs e a campanha “A beleza vem em todos os tamanhos”. Quando estava prestes a bater na porta, ela se abriu e um cara meio hipster e excessivamente magro me cumprimentou.

— Graças a Deus você chegou. Mia, certo? — ele perguntou e fez um gesto para que eu o seguisse. Observei sua aparência. Vestido todo de preto, seu jeans skinny parecia colado nas pernas finas, e a camiseta preta enfiada de qualquer jeito na calça revelava que a cintura era do tamanho da minha coxa. Eu o acompanhei em um ritmo rápido, meus chinelos batendo ruidosamente no piso. — Ela chegou — ele disse quando entramos na sala de estar. Algumas pessoas levantaram a cabeça e acenaram, mas foi só isso. O lugar não parecia uma sala de estar normal, com sofás e TV. Tinha sido transformado em um espaço de trabalho para maquiagem, cabelo e guarda-roupa. Araras com roupas de banho e saídas de praia estavam alinhadas em uma parede. Na outra, uma série de espelhos com cadeiras que imitavam áreas de trabalho em um salão de beleza. Várias modelos estavam sendo penteadas enquanto uma música alegre tocava ao fundo.

O homem, que ainda não tinha se apresentado, bateu as mãos em uma cadeira de couro.

— Sente aqui. — Fiz como instruído, principalmente porque não sabia mais o que fazer.

Eu podia ver através das portas francesas e das janelas abertas que levavam a uma piscina enorme e a um jardim, onde Angel, o estilista e fotógrafo, estava montando o equipamento e dando ordens aos assistentes. Quando posei para Alec, o foco, na maior parte do tempo, era em mim, e não havia muita necessidade de fazer cabelo ou maquiagem. Sua arte não era sobre isso. Agora, no Havaí, eu me lembrava

dos ensaios fotográficos que tinha feito para alguns anúncios durante minha breve carreira de atriz, antes de me tornar acompanhante.

— Sou o Raul, seu stylist, maquiador e cabeleireiro. Sou tudo isso e mais um pouco.

Observei seu visual gótico e pensei que ele poderia fazer uso daquele “mais um pouco” para ganhar algum peso. As únicas cores em seu corpo vinham da pele morena clara e do cabelo roxo, raspado nas laterais e penteado para trás em uma espécie de topete. Era longo o suficiente para que eu me perguntasse se ele o penteava no estilo moicano. Ele afastou meu cabelo do rosto e fez uma maquiagem rápida. Conversamos sobre amenidades enquanto ele trabalhava em minhas madeixas, fazendo cachos lindamente desarrumados.

Raul deu algumas ordens para outras pessoas que estavam por perto, até que uma mulher de olhos saltados, muito alta e incrivelmente magra, trouxe um maiô e o entregou a ele. Meu faz-tudo a olhou de cima a baixo lentamente, umedeceu os lábios e agradeceu. Ela se exibiu para ele e se virou para ajudar outro stylist.

— Sua namorada? — perguntei, enquanto ele retocava meu cabelo.

— Ainda não — ele respondeu, de forma confidencial. — Estou trabalhando para isso. Ela é tímida. Não quero assustá-la, mas vamos sair este fim de semana.

— Que bom! — Sorri e ele retribuiu, afofando e jogando spray em sua obra de arte, certificando-se de não deixar um fio sequer fora do lugar.

Com uma última afofada no cabelo e um jato de spray, ele anunciou que eu estava pronta. Olhei no espelho e quase não me reconheci. Eu estava incrível! Meu cabelo estava brilhante, volumoso, com cachos soltos que balançavam de um jeito elegante quando eu me mexia. A composição não era nada menos que uma obra-prima, do nível de Michelangelo. Meus olhos verdes estavam destacados e brilhantes. Ofeguei ao ver como estavam bonitos, e eu sabia que eram uma das minhas melhores características. O restante do visual era típico de verão, com aspecto bronzeado, parecendo natural — só que meu rosto estava todo maquiado para alcançar essa dita “naturalidade”.

— Você é um gênio.

— Eu sei — ele disse e me entregou um biquíni preto brilhante. A parte de cima era uma espécie de frente-única, combinando com a calcinha com dois laços brancos nas laterais. Cobria mais que meus biquínis de costume, o que era bom para a primeira vez. — Vá se trocar ali, com as outras garotas.

Entrei no cômodo e me deparei com uma variedade de mulheres, de muitas formas e tamanhos, e em vários estágios de nudez. Assistentes iam de uma em uma, borrifando coisas em cima delas e fechando os trajes de banho.

Uma negra curvilínea se aproximou de mim. Ela estava vestida com um maiô branco complexo, com faixas largas de tecido que se cruzavam nos seios, cobriam

sua barriga e envolviam seu quadril, imitando uma calcinha do estilo boneca. O corpo e a pele marrom-escuro em contraste com o branco ficavam muito bem, e ela estava definitivamente confortável com suas curvas.

— Oi, sou a Michelle — ela disse, pronunciando o nome como “Mi-Shell” e estendendo a mão. Apertei-a com um sorriso.

— Mia. — Olhei em volta e as outras garotas acenaram.

Ela passou o braço ao redor do meu ombro.

— Certo, aquela loira gostosa é a Taylor. — Apontou para uma mulher cujos seios imensos estavam sendo colados com fita adesiva em um maiô. Seu cabelo loiro era lindo e caía sobre o traseiro grande. Meu palpite é de que ela vestia tamanho quarenta e oito, talvez até cinquenta, e estava linda no maiô preto. Ela acenou. — Aquela ali... — apontou para uma morena de cabelo curto penteado para trás com gel, com os lábios vermelhos brilhantes — é a Lindsay. — Ela era menor, provavelmente vestia quarenta e seis ou quarenta e oito.

Michelle me levou mais para dentro da sala, onde duas gêmeas idênticas estavam sentadas, os cabelos sendo penteados de um jeito complexo, ambas usando o mesmo traje, mas com cores diferentes. Os cabelos eram de um tom de mogno impressionante, com mechas caramelo. Cada uma tinha uma mecha solta ao redor do rosto.

— Oi — as duas disseram ao mesmo tempo e riram como adolescentes. Na verdade, quanto mais eu olhava, mais percebia que eram mesmo adolescentes, com muita maquiagem.

— Misty e Marcia, nossas gêmeas. Todas nós cuidamos delas e as mantemos longe de problemas... Não precisamos que elas virem as vadias da ilha. Certo, meninas?

Elas riram novamente e eu pensei em Maddy. Estava ansiosa para que minha irmã e Ginelle chegassem.

As gêmeas também eram consideradas plus size, mas não vestiam mais que quarenta e quatro. Eu era menor, mas não muito.

Fui com Michelle até um canto e ela segurou o biquíni enquanto eu me despi. Ela continuou a falar a respeito das modelos.

— As gêmeas têm apenas dezesseis anos. Estão aqui sozinhas, sem família, apesar de terem uma acompanhante designada pela agência de modelos para ficar com elas. Aquela filha da mãe nunca está por perto. O pai delas é solteiro e trabalha para sustentar as meninas, mas, como você pode ver, elas são lindas e foram escolhidas na hora para este trabalho. Elas vão ganhar muito com a campanha, e esse dinheiro vai pagar a faculdade delas. Foi a única razão pela qual o pai permitiu que elas viessem.

Quando eu já estava vestida, uma assistente borrifou algo em meu bumbum, para

garantir que a calcinha não saísse do lugar, e também prendeu o sutiã com fita adesiva em meu seio, deixando-o exatamente como deveria para o ensaio. Em seguida, derramou um pouco de óleo nas mãos e começou a esfregar em mim, até que ficasse um brilho bonito. Michelle estava com os braços e as pernas abertos enquanto a mesma coisa era feita nela.

Uma batida rápida na porta nos fez ficar quietas.

— Mia e Michelle, é a vez de vocês! — a voz retumbante gritou da porta.

— Hora do show — Michelle disse.

Angel era um fotógrafo e um ser humano surpreendente. Trabalhar com ele e com Michelle na minha primeira sessão foi o ponto alto do dia. Aquele anúncio seria chamado de “Yin e yang”, por causa das cores do nosso tom de pele. Ele nos colocou deitadas em direções opostas, a cabeça de uma nos pés da outra, curvando nossos corpos em formato de lua crescente, e tirou as fotos de cima. Em certo momento, nos posicionou segurando a mão e o tornozelo uma da outra, em um desenho complicado, mas o resultado foi filosófico e instigante.

Uma vez terminada a sessão, saímos com as outras garotas para nos esbaldarmos em pizza. Provavelmente não era o que modelos deveriam fazer, mas Michelle fez questão de observar que a pizza tinha espinafre, alcachofra, tomate, pimentão, azeitonas e frango. Muitas coisas saudáveis. Aquela explicação era boa o suficiente para mim e para todas as outras garotas. Além disso, nós éramos modelos plus size e havíamos conseguido o trabalho por causa da nossa aparência, e não pelo tamanho que a sociedade queria que tivéssemos.



Ao longo dos dois dias seguintes, fiz ensaios sozinha e em grupo com as meninas. Tai não participou das sessões. Infelizmente, trabalhei do amanhecer até não conseguir mais me manter acordada. Vida de modelo não era brincadeira. Essas mulheres trabalhavam duro. Quer dizer, algumas partes eram bem divertidas, e todos os ensaios tinham começado assim, até chegar o momento em que precisávamos manter o pé arqueado por mais de uma hora, o peito estufado e o bumbum escondido, para não parecermos garotas de boate. Vários ajustes precisavam ser repetidos em nossos corpos, cabelo, maquiagem e cenário. Eu tinha certeza de que ficaria com câibra permanente no pé direito por tentar imitar a pose da Barbie todos os dias, com minhas formas reais e membros que não eram de plástico.

Hoje eu me encontraria novamente com Tai. Sorri, pensando naquele homem quente, com aquela pele gostosa, e no jeito como ele me abraçava. Se tudo desse certo, teríamos uma noite inteira para satisfazer os desejos carnavais um do outro. No entanto, ele estava determinado a me mostrar a ilha. Por mais que eu desejasse ficar na cama com ele o dia todo, também queria explorar o local e viver a experiência

completa.

O primeiro ponto que visitamos foi um lugar não muito distante de Honolulu, localizado no centro da parte inferior da ilha, chamado Pali Lookout. No topo da montanha, havia um mirante com vista panorâmica da costa na direção de Oahu. Os ventos alísios são tão ferozes ali que meu cabelo golpeava o rosto sem parar, até que Tai me entregou seu boné de beisebol.

— Incrível, não é? — ele disse enquanto observávamos a vista mágica.

— É algo que nunca vou esquecer.

Ainda no mirante, descobri que ali havia ocorrido uma das batalhas mais sangrentas da história havaiana. Durante a batalha de Nu’uanu, quase quatrocentos soldados que protegiam Oahu de ser tomada por Kamehameha I ficaram presos no vale e foram empurrados do penhasco para a morte.

— Que triste — eu disse, ao pensar em todas aquelas pessoas que tinham morrido na batalha, enquanto caminhávamos para o carro.

Tai pegou seu boné de volta, deixando que meus cabelos caíssem sobre os ombros e as costas.

— Melhor. — Sorriu e recolocou o boné. — Se isso te deixou triste, vamos pular Pearl Harbor.

— Boa ideia.

— Está com fome?

— Muita.

— Gosta de cerveja havaiana?

— E quem não gosta? — retruquei, estreitando as sobrancelhas para dar ênfase.

Ele me levou a um lugar no lado mais distante ao sul da ilha, chamado Kona Brewing Company. Ficava localizado no que parecia ser um complexo de compras, então não tive grandes esperanças de ser tão incrível quanto ele deu a entender. Nunca estive mais feliz por estar redondamente enganada.

A garçonete nos levou pelo restaurante até uma área que ficava na parte de trás e parecia pairar sobre a baía. Barcos estavam ancorados; os clientes podiam atracar seu barco, caminhar até lá e fazer uma refeição. A vista era tão incrível quanto a de Pali Lookout, mas diferente. Todos os lados do restaurante estavam firmados entre uma cadeia de montanhas rodeada por água. Rajadas brilhantes de verde, amarelo, marrom, roxo, azul e todas as cores do arco-íris enchiam a paisagem, como se um artista a tivesse pintado. Agora eu sabia o motivo de tantas pessoas pintarem aquela cadeia de montanhas. Elas eram incrivelmente lindas e inspiravam paz naqueles que tinham a sorte de olhar para elas.

Pedimos muitas cervejas enquanto conversávamos sobre tudo, desde a vida na ilha, a cultura samoana, passando pela minha vida em casa, o surfe e o futuro. Tai bebeu uma cerveja chamada The Big Wave, do tipo golden ale, e eu escolhi a

Castaway, mais frutada. De alguma forma, os nomes delas pareciam se encaixar em nossas vidas. Castaway significa naufrago, e eu me sentia como um, flutuando ao longo da minha vida, indo de um lugar para o outro, enquanto Tai estava sempre em busca da grande onda — que era o significado do nome da sua cerveja —, a parte da vida que o faria se sentir completo. Secretamente, imaginei que aquilo aconteceria quando ele escolhesse uma companheira e se comprometesse com ela, mas eu estava bastante satisfeita por ser a sua escolhida durante o mês.

— Muito bem. Nós fomos ao mirante e você experimentou a comida e a bebida local. O que acha de algo para alimentar sua alma agora?

— Minha alma? Você acha que pode me oferecer algo que vai servir a minha alma?

Ele sorriu e pegamos a estrada. Dirigimos por pouco mais de meia hora, mas pareceram meros minutos, meus olhos muito focados na vista deslumbrante. A cada quilômetro, ela parecia fluir e refluir, ajustando-se às paisagens exuberantes. Cada praia por onde passávamos era diferente da anterior.

Finalmente, chegamos a um lugar chamado Parque Memorial Vale dos Templos. Tai nos levou ao que parecia um cemitério, só que não era como se costumava ver, com placas de concreto ou bronze no solo. Não; aquilo era diferente de qualquer cemitério que eu já tinha visto. Em muitas áreas, grandes quadrados de mármore preto com escritos em dourado erguiam-se como sentinelas guardando o local de repouso dos seres humanos. Era evidente, nas exibições e indicações, que os havaianos reverenciavam seus mortos. Para um lugar que deveria ser preenchido com morte e tristeza, eu estava consumida por compaixão e amor pelas pessoas, permitindo-me partilhar seu lugar de descanso final.

Ele parou na área de estacionamento e nós saímos. Andamos de mãos dadas por um longo caminho até chegarmos a um paredão que aflorava na montanha. Lá havia um templo vermelho, no estilo japonês.

— Byodo-In — Tai disse, em voz baixa. — É um templo budista para não praticantes. Toda fé é bem-vinda para meditar, adorar ou apenas apreciar a propriedade. Vamos lá. Vamos ver mais de perto.

Ele teve que me arrastar. Eu estava em êxtase com a construção à minha frente, que pairava diante de uma cadeia montanhosa gigantesca. Uma floresta de bambu cercava os dois lados do cemitério. Dizer que era um dos lugares mais bonitos que eu já tinha visto era subestimar o arrebatamento que ele trouxe para meu corpo, mente e alma. A sensação de paz e humanidade ali encheu meus poros, umedeceu meus olhos e afagou meu coração.

— Nunca vi nada assim. — Eu me virei para Tai e ele me deu um beijo suave.

— Fico feliz. Você ainda não viu a melhor parte.

Andamos pelo caminho de cascalho, parando para ver os lagos de carpas em todo

o espaço. Pequenas trilhas estavam cobertas de árvores baixas, provocando a sensação de ser um jardim secreto. Na foz do templo, havia um sino gigante. Próximo a ele, uma tora, um tronco de árvore cortado e virado de lado, amarrado no nível do sino. Os visitantes do templo podiam puxar uma corda e atingir o enorme sino com a árvore. Claro que eu tinha de fazer isso.

Na primeira tentativa, puxei a corda e a madeira quase não se moveu. O sino soou levemente. Foi extremamente insatisfatório.

— Espere um pouco, garota — disse Tai ao entregar seu telefone a um casal japonês que esperava sua vez de tocar o sino. O homem levantou o aparelho, se preparando. Tai envolveu minha cintura com um braço e segurou a corda com o outro. Juntos, nós a puxamos, usando sua força sobre-humana. A tora pegou impulso e se chocou contra o sino, fazendo um sonoro GONG. Então, ele puxou a corda e bateu novamente. *Gong*. Dessa vez, um pouco mais suave. *Gong*.

Pulei, bati palmas e passei os braços ao redor de seu pescoço, beijando-o com gratidão. Tai me puxou para mais perto e levou o beijo a outro nível. Ele chupava e mordida meu lábio, como se estivesse tentando absorver a emoção diretamente da minha boca. Alguém limpou a garganta e, mais uma vez, havíamos esquecido onde estávamos. A pequena japonesa de pé ao lado do marido sorriu e ergueu os polegares sem que ele visse. Cobri a boca para disfarçar a risada.

Tai agradeceu ao homem e guardou o telefone, então segurou minha mão e nós subimos os degraus de madeira e a plataforma que conduzia à entrada do templo. Ele imediatamente tirou os sapatos e eu o imitei. Tirei meus chinelos e agarrei a parte de trás de sua camiseta naquele lugar escuro. Não havia mais ninguém que eu pudesse ouvir enquanto caminhávamos, até darmos de cara com a estátua de Buda mais deslumbrante que eu já tinha visto. Era enorme, com quase três metros de altura, e ficava em uma plataforma elevada. No centro, havia um Buda jovem e contemplativo descansando em sua pose habitual.

— É uma representação do Buda, tida como a maior estátua do tipo fora do Japão. O famoso escultor Masuzo Inui a projetou. Eu amo a forma como ele está sentado dentro de uma flor de lótus. — A voz de Tai estava repleta de admiração.

— Por que ela é dourada? — perguntei, meus olhos passando por todos os lugares, tentando marcar aquela bela escultura na mente para a vida inteira.

— Para realçar sua beleza. Foi pintada com três camadas de laca e revestida de folhas de ouro. Está vendo todas as figuras ao redor dele? — Tai apontou para algumas.

Assenti, apertando os olhos e tentando chegar o mais próximo possível sem passar da corda.

— Há cinquenta e dois bodisatvas, ou “seres iluminados”, ao redor dele, flutuando em nuvens, tocando e dançando. Eles representam a cultura da aristocracia

de Fujiwara.

Após a lição de história, acendemos um incenso e o colocamos em frente à estátua.

— Agora faça uma oração, um pedido, ou envie amor e luz a quem você achar que precisa.

Tai se sentou de frente para a plataforma elevada e cruzou as pernas. Fiz o mesmo. Ele juntou a palma das mãos e as segurou perto do peito, como em oração. Então fechou os olhos e baixou a cabeça.

Repeti o movimento, mas, em vez de escolher entre oração, desejo ou enviar amor, fiz os três.

Por favor, meu Deus, não deixe meu pai morrer.

Desejo que a Maddy consiga tudo o que quiser na vida.

Buda, eu gostaria de enviar amor e luz a Wes, para que ele nunca se sinta sozinho, mesmo que esteja numa sala lotada.



Tai dirigiu pela ilha o restante da noite. Paramos no North Shore, onde havia comida mexicana de todos os tipos. Não era nada parecida com a que tinha na Califórnia, mas era picante e quente — o que me fez sentir confortada e satisfeita —, exatamente o que eu precisava depois de uma noite vendo as praias passarem por nós. Coloquei o braço para fora da janela e brinquei com o vento por um longo tempo. Tai estava contente em dirigir e segurar minha outra mão. O rádio estava tocando uma música havaiana suave. Eu não entendia as palavras, mas gostei da melodia.

— Quando você acha que vai sossegar? — perguntei, inesperadamente.

Ele inclinou a cabeça e franziu os lábios carnudos.

— Eu sonho com isso toda noite, mas não tenho a resposta. — A carranca que se seguiu pareceu se aprofundar. Aquilo parecia atormentar o samoano sexy.

Tai era homem para casar. Claro que estávamos nos divertindo, mas era sexo e amizade, não amor e compromisso. Esse último era algo que eu sabia que ele queria de forma plena.

Apertei sua mão, dando-lhe apoio.

— O que a sua mãe diz? Você falou que ela pode ver as coisas do futuro. E o que ela disse sobre mim... bom, eu só posso esperar que seja verdade.

Ele suspirou.

— *Tina* diz que eu vou encontrar minha companheira de forma inesperada. — Ele baixou a cabeça timidamente e olhou para mim com adoração naqueles olhos, escuros como carvão. — Pensei que pudesse ser você. — Balancei a cabeça instantaneamente. — Eu sei, eu sei. Estamos destinados a ser amigos. Além disso, *Tina* teria ficado em cima se fosse você. É frustrante esperar. Sinto como se estivesse vivendo metade de uma vida, com a outra metade por aí, em algum lugar sem mim.

Meu Deus, aquele homem era perfeito. Eu estava convencida de que ele conseguiria tudo o que queria. Pessoas como ele, boas e gentis, que vêm de famílias estruturadas, geralmente se dão bem na vida. Tai merecia isso.

— Você vai encontrá-la.

— Bem... *Tina* me deu algumas dicas.

Meus olhos se arregalaram e eu me virei para observar seu perfil, puxando um

joelho para cima.

— Estou esperando. — Soquei seu braço e então agitei a mão dolorida. — Droga, dá um tempo na musculação!

Ele riu e roncou. Sim, Tai roncou feito um porquinho.

— Você é a primeira mulher que me fala isso.

— E você está enrolando. O que Masina falou sobre o seu amor verdadeiro?

Ele passou a mão na nuca. Ouvi o barulho do atrito entre o cabelo que estava crescendo e a mão calejada.

— Ela disse que os olhos seriam verdes como grama recém-cortada, e o cabelo, dourado como o sol.

Abri a boca e ri.

— Estamos procurando uma loira de olhos verdes! — Aquilo era incrível.

Tai deu de ombros.

— Isso significa que ela não vai ser samoana. — Ele franziu a testa. — Vai ser difícil para a minha família. — Seu tom parecia cansado e incerto.

Esfregando seu ombro, me aproximei e me encostei nele, que passou os braços ao meu redor.

— O verdadeiro amor sempre é difícil. Acho que você tem que passar por algumas provações e adversidades para chegar ao final feliz, para encontrar o “viveram felizes para sempre”.

— Você acha?

— Eu tenho certeza. — Sorri e beijei seu ombro.

Ele gemeu.

— Enquanto isso, vou desfrutar de uma morena sensual do continente. — Tai moveu a mão do meu joelho para a coxa, e então agarrou meu sexo de forma bruta. Minha voz estava rouca e cheia de desejo quando respondi:

— Me parece uma ótima ideia.



Em vez de virar na direção de Honolulu e da praia de Diamond Head, onde estávamos hospedados, ele fez uma curva para a esquerda e dirigiu por uma estrada montanhosa até que nada além de árvores densas podia ser visto da janela.

— Aonde vamos?

Tai apertou meu ombro.

— Você vai ver. Confie em mim. — Fiz beicinho, careta e reclamei. — Ei, ei, pode desfazer essa carranca, garota.

— Eu faria isso se nós estivéssemos em casa e você fosse me comer agora — retruquei.

Seus olhos se aqueceram com minha resposta.

— Confie em mim, vai valer a pena.

— Vai valer a pena perder um orgasmo proporcionado por Tai Niko? Duvido — resmunguei de brincadeira, mas nem tanto. Eu queria transar. Fazia dias, e eu estava pronta para uma, duas ou três doses de Tai. A música “All Night Long”, de Lionel Richie, passou pela minha cabeça.

Finalmente o jipe parou no topo de uma clareira e nós descemos. O local estava muito escuro. Só era possível ver alguma coisa por causa da luz da lua e de toda a cidade de Honolulu, abaixo de nós. A vista era incrível e valeu a viagem — como eu tinha aprendido a esperar de qualquer lugar em Oahu. Tai me levou para a parte da frente do carro, estendeu uma toalha de praia e me colocou sentada sobre ela. Então voltou para o jipe, abriu as janelas e uma música começou a tocar. A melodia havaiana saía das caixas como se fosse uma brisa tropical. A noite estava quente e ligeiramente úmida. Eu estava suando um pouco, mas não era desconfortável. Tai voltou com uma garrafa de champanhe. Eu não fazia a menor ideia de onde ele tinha escondido aquilo.

— Onde você conseguiu isso? — perguntei.

— Homens de verdade têm segredos que suas mulheres desconhecem.

Eu ri e aceitei o copo descartável cheio de champanhe doce e borbulhante.

— Eu sou sua mulher? — perguntei. Como sua mãe disse, Tai não iria se apaixonar por mim, nem eu por ele. Tínhamos de ser claros sobre os limites daquele lance entre nós. Diversão e amizade.

— Pelos próximos dezessete dias, é. Depois você vai ser problema de outro tonto — ele brincou e eu ri alto.

— Maldoso!

— Muito obrigado. Aprendi com a melhor — ele disse e piscou.

Nós ficamos ali por um longo tempo e bebemos champanhe até que eu estivesse ligeiramente embriagada. Champanhe sempre foi bom para liberar minhas inibições. Observei Tai pelo canto do olho. Ele estava sentado na toalha, apoiado nos antebraços, apreciando a vista. Eu sabia que ele não tinha bebido tanto quanto eu, pois ia dirigir. Virei-me de lado e tracei seu queixo com o dedo, até que ele virou a cabeça. Aquele homem podia fazer mulheres adultas chorarem diante de tanta perfeição. Ele tinha mais que apenas boa aparência.

Umedeci os lábios enquanto traçava os dele. A ponta de sua língua saiu e tocou meu dedo. Respirei ruidosamente e ofeguei quando ele o mordeu. Nunca imaginei que o dedo podia ser tão sensível — senti como se ele tivesse conexão direta com meu clitóris. Quando Tai girou a língua nele, levando-o para dentro da boca, pude sentir minha calcinha ficando mais molhada a cada segundo. Apertei as pernas, gemendo com o prazer de pressionar o espaço sensível entre minhas coxas.

— Sua flor está pronta para ser comida — Tai falou, deslizando a mão para baixo,

entre meus seios. Levantou minha saia e alcançou meu clitóris, girando o dedo nele, antes de mergulhar totalmente em minha fenda. Deitei de costas enquanto a mão de Tai se movia suavemente para dentro e para fora. Ele acrescentou outro dedo. — Estou sentindo o cheiro do seu néctar, garota. Posso provar? Aqui mesmo, a céu aberto?

Assenti freneticamente e apertei seus ombros fortes.

— Por favor — murmurei quando um terceiro dedo deslizou para encontrar os dois primeiros.

— Que tal se eu tirar sua roupa e possuir o seu corpo com força agora? Você já foi comida em cima do capô de um carro, Mia?

Balancei a cabeça.

— Só em cima de uma moto — admiti, trêmula, inclinando a cabeça para trás enquanto ele movia a mão mais rápido e seus dedos me fodiam como se sua vida dependesse disso.

— Sério? — Seu tom surpreso me fez gemer. — Você vai ter que me contar sobre isso mais tarde. — Ele tirou os dedos e me colocou de pé na frente do carro. Despiu minha calcinha e a guardou no bolso. Em seguida, a saia e a blusa. Fiz o mesmo com a camisa dele, necessitando sentir aquela pele bronzeada contra meus mamilos duros. Então me agarrei a ele, colando a boca na sua em um beijo brutal. Ele retribuiu com fervor. Do mesmo jeito que aconteceu em nossas transas anteriores, ele ficou quente e safado muito rápido.

Tai se afastou da minha boca e me colocou sentada sobre o capô morno do carro. Havia se passado tempo suficiente para que não estivesse tão quente como quando estacionamos.

— Deite. Quero você nua e exposta em cima do capô do meu jipe. — Fiz o que ele disse, arqueando os seios, precisando fazer alguma coisa. O desejo disparou pelo meu corpo, a necessidade de que ele me tocasse em qualquer lugar atingindo proporções épicas. — Cuide dos seus seios. Vou estar ocupado dando um trato na flor entre essas coxas macias e no néctar doce que está escorrendo para a sua bunda.

Caramba. Eu sentia as coisas que ele dizia por todo o meu corpo e bem no clitóris, onde elas faziam pouso forçado, pulsando em resposta a cada palavra obscena. Tai era explícito, bonito e atrevido ao mesmo tempo.

Coloquei as mãos sobre os seios e os massageei. No momento em que apertei os mamilos entre o polegar e o indicador, Tai mergulhou a língua profundamente em meu sexo. Ele rosnou e eu gemi. Parecíamos dois animais selvagens lutando na floresta. Quando ele me chupava, era como se estivesse saboreando a sobremesa mais deliciosa pela primeira vez. Ele lambia, sugava, mordida e tocava em todos os lugares certos. No momento em que ele encostou os lábios carnudos em meu clitóris, circulando-o com a língua, abri as pernas o suficiente para sentir uma

pontada de dor. Ele ergueu a cabeça e nossos olhares se encontraram. Agarrou minhas coxas com força, abriu a boca, colocou a parte plana da língua contra meu clitóris e esfregou. Eu choramingava, implorando com os olhos. Tentei levantar, usando a força das pernas, mas estava completamente à sua mercê. Ele ergueu a cabeça por um momento e eu quis chorar. Lágrimas de verdade se formaram em meus olhos, e meu corpo tremeu com a necessidade de gozar.

— Não feche os olhos. Me veja levar você ao êxtase. — Ele rosnou antes de lambar minha fenda até o clitóris, posicionando os lábios sobre o feixe de nervos mais uma vez, levantando o olhar e chupando com força. Meu corpo inteiro se apertou com o poderoso orgasmo que rasgou cada fibra do meu ser. Eu não podia me mover. Ele me mantinha presa pelas pernas com aquelas mãozonas masculinas. Quando acabei de gozar, agarrei sua cabeça com as duas mãos e a puxei. Meu clitóris vermelho escapou de seus lábios, parecendo uma pequena cereja. Eu não conseguia mais movê-lo, mas ele soltou o feixe de nervos, pressionando a língua profundamente em minha fenda e provando minha verdadeira essência.

Ele estava selvagem e desejava lambar cada gota. E foi o que fez, levando-me a um ponto em que eu estava quase chegando ao clímax novamente antes que ele se afastasse. Seus olhos demonstravam desejo, e sua ereção estava praticamente perfurando o shorts. Ele tirou o calção, e o membro pesado estava dolorosamente ereto. Comecei a sair de cima do carro para fechar os lábios ao redor dele e retribuir a gentileza, mas ele balançou a cabeça, negando. Tai me entregou um pacotinho brilhante. Rasguei-o com os dentes, tirei o preservativo e o coloquei em seu pau enorme.

Tai puxou meus joelhos para cima, na direção de suas costelas, tão rápido que tive de apoiar as mãos atrás de mim para me segurar. Ele encaixou o pau e me penetrou. Gritei com o tamanho e a grossura. Ele era enorme em todos os sentidos, e sua virilidade combinava com tudo aquilo que ele era. Em poucos segundos, Tai estava segurando a parte de trás de meus joelhos, pressionando mais para cima e metendo profundamente. Eu me agarrei em seus ombros e pescoço da melhor forma que pude. Minhas unhas certamente deixariam marcas em suas costas, pescoço e cabeça, mas ele não parava. Então ele saiu de dentro de mim e me virou, de forma que meus joelhos ficaram apoiados no capô. Eu me inclinei para a frente e me agarrei à borda do capô, perto do para-brisa. Tai empinou minha bunda, se alinhou quando me abri e meteu mais uma vez, alcançando um ponto tão fundo que era como se estivesse fodendo um território inexplorado.

— Vou te comer até o fim, garota. Deixar minha marca para que você não esqueça o meu pau quando for embora. Está me ouvindo?

— Sim — gemi enquanto ele deslizava o membro em cada um dos meus nervos internos. Arrepios de prazer ondularam ao longo do meu corpo. As paredes do meu

sexo o apertaram e pulsaram ao redor da sua extensão dura.

— Vai sentir falta do meu pau? — ele praticamente rosnou, querendo me marcar de alguma forma.

— Muita, Tai. Me come com força — gritei quando ele puxou meu quadril para trás.

Ele manteve o ritmo furioso. Apoiou uma das pernas no para-choque, para dar mais impulso, baixou a parte inferior das minhas costas com uma mão enquanto a outra alcançava meu clitóris e o massageava. Não demorou muito para que eu atingisse o segundo orgasmo.

Subindo. Voando. Sem gravidade. Era essa minha sensação, embora em algum lugar pudesse senti-lo vagamente, transando comigo com perfeição, seus quadris balançando, o suor escorrendo em seu peito, até culminar em um poderoso rugido.



Quando acordei para trabalhar no dia seguinte, eu não me lembrava da viagem de volta nem de como havia chegado à minha cama. Como Tai previra, minha “flor” estava dolorida e sensível ao toque. Até mesmo a calcinha machucava o que ele chamaria de “pétalas sensíveis”. Com uma risadinha, tomei banho, deixando a água quente acalmar e relaxar a pele. Quando olhei para baixo, xinguei em voz alta. Havia hematomas na parte da frente e de trás das coxas.

— Que merda. — Como se explica uma porcaria dessas para um estilista de moda praia? *Hum, sim, fiz sexo selvagem a céu aberto numa montanha, em cima do capô de um carro. Sabe o samoano gigante que você contratou? Então, foi culpa dele. Consegui todos esses hematomas enquanto ele me chupava.* Gemi e resmunguei enquanto me aprontava para o trabalho.

Quando apareci na praia em frente aos nossos bangalôs, onde ficava o set, graças a Deus não estava abatida. Tai sorriu quando me viu.

— Ei, garota, você parece...

Suas palavras morreram quando o fuzilei com os olhos, a uns três metros de distância. Guardei a bolsa e continuei a ignorá-lo de forma estúpida. Era infantil e bobo, eu sabia. Mas, ainda assim, o fato de que eu em breve teria de contar uma história muito embaraçosa para explicar por que Angel D’Amico, um extraordinário estilista de moda praia, teria que tratar suas fotos para cobrir meus hematomas não estava ajudando. Tai colocou sua mão enorme em meu ombro e eu me encolhi, olhando para ele.

— O que aconteceu entre a noite passada, quando te coloquei na cama, e o momento em que você apareceu aqui? — perguntou, cheio de preocupação.

— Você e suas mãos enormes aconteceram — resmunguei e levantei o vestido, mostrando os hematomas em forma de dedos nas coxas.

Olhei para cima, esperando que ele estivesse arrependido e solidário, mas não. Na verdade, ele estava rindo, com a mão na frente da boca e tudo. Meu corpo inteiro ficou quente e eu coloquei a mão na cintura.

— Está de sacanagem comigo? — sussurrei rispidamente. Eu estava irada, mas ainda era profissional e não queria ser a modelo que arrumou confusão na sessão de fotos.

Naquele momento, Raul se aproximou. Desta vez ele usava branco da cabeça aos pés. Acontece que ele não era realmente gótico. Ele me explicou que, quando escolhia uma cor para usar no dia, se comprometia totalmente com ela. Então, da ponta dos pés ao pescoço, usava somente aquela cor. Naquele dia era branco. Até seu All Star acompanhava. O cabelo roxo permanecia — ele dizia que era para ser excêntrico.

— Qual é o problema?

Estreitei os olhos para Tai.

— Nada — falei, com os dentes cerrados.

— Ela está com hematomas nas coxas — Tai admitiu imediatamente. Se houvesse uma faca por perto, eu a teria cravado em seus olhos. Naquela circunstância, os pincéis de maquiagem pareciam uma boa possibilidade de arma. — Fomos um pouco intensos na noite passada. Sabe como é — ele disse, apertando o ombro de Raul. — Você acha que pode consertar?

Os lábios de Raul mal se contorceram.

— Me mostre.

Revirei os olhos e levantei o vestido. Ele ficou de joelhos, segurou minhas pernas e olhou de perto.

— Preciso que coloquem dez colheres no congelador. Agora! — falou. A moça com quem ele tinha saído na última semana e meia deu um pulo dizendo “entendi” por cima do ombro. — Sem problemas, querida. Vou clarear as marcas com as colheres geladas e depois cobri-las.

— Ah, graças a Deus. Eu odiaria que o Angel tivesse que retocar as imagens.

Os olhos de Raul ficaram duros.

— Angel D’Amico não retocaria nenhuma foto de uma mulher usando uma de suas criações, assim como não trairia Rosa, sua mulher gostosa. Antes de qualquer coisa, ele é um artista. Jamais editaria as fotos. Para ele, é importante que as imagens sejam cruas.

— Ah. Certo. Mas você pode ajudar, não é? — Olhei para ele com minha melhor expressão de cachorrinho.

Ele me levou até a cadeira para fazer cabelo e maquiagem.

— Por você, sim.

— Obrigada, Raul. — Eu me inclinei e o beijei na bochecha.

— E quanto a mim? Fui eu que pedi — Tai acrescentou atrás de mim.

Eu me encolhi e afastei o cabelo do ombro.

— Foi você quem deixou essas marcas selvagens nas minhas coxas! — desafiei.

Nesse momento ele pareceu arrependido, mas, da mesma forma que a expressão apareceu em seu rosto, foi embora.

— Quer saber, eu não me arrependo. Eu faria isso de novo num piscar de olhos. Está querendo me dizer que está arrependida da noite passada? Suas coxas bem abertas, você nua no capô do meu carro, o ar tocando a sua doce e molhada...

— Porra... — Raul parou, segurando um pente bem acima da minha cabeça. Os olhos estavam vidrados, e as bochechas tinham um tom rosado.

— Merda, esqueci onde eu estava. Desculpa, cara. — Desta vez Tai parecia realmente arrependido.

Raul balançou a cabeça.

— Não, tudo bem. Desde que você me conte onde foi que estacionou...

Tai bateu nas costas de Raul.

— Claro, amigo. Conversamos depois. Vejo vocês na água. No ensaio de hoje, vamos interpretar um casal sexy com roupas de banho, acariciando um ao outro na praia...

Ele balançou as sobrancelhas para mim.

— Sério? — perguntei, sem acreditar no que ele dizia. Que coincidência...

— Sim, vou com tudo pra cima de você.

— Não seria a primeira vez — bufei.

— E não vai ser a última, garota.



Angel D'Amico era um gênio. Ele nos fez posar para a câmera como se fôssemos um casal que convivia há anos. A iluminação, o fundo, as roupas de banho, tudo conferiu ao ensaio uma sensação de frescor. Ele tinha uma perspectiva única sobre como pegar uma questão importante como as mulheres e sua imagem corporal e levá-la a um novo plano de existência. Aquela campanha era inovadora. Não havia outra maneira de descrevê-la. Eu era a modelo mais magra, vestindo roupas entre quarenta e dois e quarenta e quatro. As outras estavam entre quarenta e quatro e cinquenta e dois. Algumas, talvez, chegavam a cinquenta e quatro. Todas mulheres lindas e de formas rechonchudas, das quais se orgulhavam. E realmente deveriam. Eram mulheres *reais*, com corpos reais.

— Vamos, meninas. Todas juntas ao redor do bonitão, ok? — Angel disse, com seu sotaque italiano carregado. — Agora, Tai, coloque uma das mãos no bumbum da Taylor e a outra no quadril da Michelle. Mia, você vai ficar ao lado, como se estivesse muito... hum... como é que vocês dizem... puta da vida?

Rosa, sua esposa, posicionou Taylor e Michelle exatamente do jeito que Angel queria.

— Mia, amor, você vai ficar aqui, com as mãos na cintura, equilibrada e linda, mas também muito irritada. Ou, como o meu marido disse de forma muito eloquente... *puta da vida*. — Eu ri e fiquei em posição. — Marcia e Misty, venham aqui, minhas queridas — Rosa acenou para as gêmeas. O cabelo vermelho balançava em suas costas enquanto elas corriam com a exuberância de seus dezesseis anos.

— Ah, *sí, sí*, meu amor. É isso aí, mulher inteligente e linda. Eu deveria venerá-la — Angel disse a sua esposa, se posicionando atrás da câmera.

— E quando é que você não me venera, meu amor? — Ela sorriu e piscou. Ele colocou a mão sobre o coração e olhou para ela por alguns instantes, com adoração. — Comece a trabalhar — ela disse sobre o ombro enquanto afofava o cabelo das gêmeas.

— *Sí, sí*. Tai, agora você foi pego com a boca na botija. — Ele riu. — Mas você está olhando para as meninas também, e a Mia, o seu verdadeiro amor, te pega no flagra. Tudo bem?

Tai assentiu e agarrou as mulheres. Uma ponta de ciúme me atingiu quando o vi

segurá-las de maneira prazerosa. Todas entraram em posição, posando conforme as orientações, e eu segui o exemplo. Não era difícil parecer zangada. Resgatei a frustração que senti pelo fato de Tai ter me deixado com dez lindos hematomas, o sentimento de desespero por não saber se meu pai sairia do coma e a irritação por ver mais uma revista com Wes e Gina na capa, se beijando. Relacionamento casual do caramba. Tirei uma foto da revista e a guardei. Assim, toda vez que sentisse uma pontada de culpa, olharia para ela.

— Ótimo, Mia. Você está projetando muita raiva e frustração. — A câmera clicou feito louca. Então Tai se afastou das mulheres. Elas pareceram ter sido pegas de surpresa, mas em seguida ele se ajoelhou à minha frente. A câmera continuou a clicar furiosamente. — *Sí, Tai. Perfetto!* — Angel falou.

Tai se inclinou, beijou minha coxa, agarrou meu quadril e olhou para mim como se estivesse verdadeiramente arrependido. Passei os dedos sobre sua cabeça enquanto ele sorria, parecendo muito confiante de que havia reconquistado minha personagem. No momento em que ele achou que eu o tinha perdoado, empurrei-o pelos ombros e ele caiu de bunda na areia. Então me virei de frente para a câmera, apoiei o peso do corpo em uma perna, coloquei a mão na cintura e pisquei.

Angel se jogou para trás, rindo e chutando o ar de maneira descontrolada.

— Essa foi demais! Mais uma para os erros de gravação! — Todo mundo riu, e, quando as risadas diminuíram, voltamos às fotos. No geral, o dia foi ótimo. Tai e eu, é claro, nos divertimos e fizemos um bom trabalho em conjunto. Saímos de mãos dadas e caminhamos pela praia em direção a uma noite nos bangalôs. No dia seguinte minha irmã, Maddy, e minha melhor amiga, Ginelle, chegariam. Eu mal podia esperar.



O táxi estacionou em frente ao bangalô enquanto Tai e eu esperávamos. Eu estava sentada na varanda e me levantei assim que elas chegaram. Ginelle abriu a porta e seu corpo pequeno e curvilíneo disparou na minha direção. Então ela pulou em cima de mim, e nós duas caímos na grama.

— Sua vaca filha da puta! Não posso acreditar que você está vivendo no paraíso sem mim! Agora estou aqui, cadela. — Ela beijou meu rosto todo. Eu ouvia Mads rindo das nossas acrobacias no jardim. Em seguida, dois pés muito bronzeados e uma perna coberta por uma tatuagem tribal entraram em nosso campo de visão. Ginelle olhou para mim, em seguida para os pés, e foi subindo, subindo e subindo o olhar.

— Santa Mãe das coisas gostosas. De que lugar deste mundo de meu Deus você veio, bonitão? Nossa senhora. — Gin olhou para mim. — Este é o seu cliente? — Seus olhos se estreitaram e eu neguei. Ela olhou para ele novamente. — É melhor

que você esteja transando com esse gostosão. — E olhou para mim, que ainda estava presa no chão. Fiz que sim alegremente. — Nenhuma chance de eu fazer um passeio ao lado do samoano? — Tai inclinou a cabeça para trás e riu, alto o suficiente para que o eco chegasse às palmeiras. Balancei a cabeça e ela franziu a testa. — Sua vadia, você pega todos os caras. Não é justo — disse, fazendo beicinho, e se levantou.

Tai estendeu a mão.

— *Aloha*. Você deve ser a Ginelle.

O cabelo loiro balançou.

— Você andou falando de mim? — Ela estufou o peito. — Coisas boas, espero.

— Só dei alguns avisos — falei e segurei a mão de Tai quando ele me ajudou a levantar. Então, afastei Gin do caminho com o quadril para chegar a minha doce irmã. — Esta é a Madison. A nossa Maddy. Minha irmã caçula e orgulho da minha vida. Este é o Tai. — Ela abriu um grande sorriso com o elogio. — Viu? — Apontei para o rosto dela. — O que foi que eu disse, Tai?

— A menina mais linda do mundo — ele respondeu. — *Aloha*, Madison.

— É isso aí! — Abracei Maddy. — Como você está, irmãzinha? — Eu me afastei e olhei para ela, observando os olhos verde-claros, iguais aos meus. Pareciam felizes.

— Bem, muito bem. Só estou preocupada com o pops. Não tem ninguém para ficar com ele enquanto estamos aqui. O Matt e a família devem ir visitá-lo. — Claro que sim, eles são a melhor família do universo. Eu queria odiá-los por serem tão perfeitos, mas, como a minha menina seria parte da família Rains dentro de alguns anos, eu precisava dar um desconto. Afinal, eles tinham boas intenções. Porque eram ótimas pessoas.

Estalei a língua e passei um braço ao redor da cintura dela.

— Isso é muito legal da parte deles. Os médicos disseram alguma coisa recentemente?

Maddy balançou a cabeça enquanto Tai pegava as malas. *Todas elas*. De uma vez. Arrepios de desejo deslizaram sobre mim com sua virilidade e destreza. Umedeci os lábios, olhando para suas costas lindas, enquanto ele seguia para o meu bangalô.

— Eu queria que o pops acordasse — Maddy admitiu, sentando-se em uma banqueta. Corri pela cozinha, pegando bebidas alcoólicas e taças. Estar de férias significava coquetéis.

— Eles já sabem por que ele não acorda? Seu corpo já está curado — observei.

Os olhos de Gin se arregalaram com a variedade de coisas que coloquei sobre a bancada enquanto Maddy respondia.

— Os médicos disseram que ele vai acordar quando o corpo dele quiser. Com o

nível do trauma na cabeça, eles continuam recomendando que não tenhamos muitas esperanças.

Ginelle apertou os lábios.

— É uma merda. Eu sei que vocês estão assustadas.

Maddy se levantou abruptamente e caminhou até as portas francesas, abrindo-as. A brisa tropical do oceano invadiu a sala, enchendo-a com o cheiro do mar. Eu sentiria falta daquela brisa e do aroma quando fosse embora.

Examinei as opções de bebida e peguei o que queria. Meus dias como garçom no bar me deram um ótimo conhecimento a respeito de drinques, principalmente os pervertidos. Rindo comigo mesma, escolhi vodka cítrica, licor de pêssego e de laranja, além de suco de laranja, de abacaxi e mix de limão. Coloquei gelo em quatro copos. Tai me observava, o corpo grande encostado no balcão, os braços gigantes cruzados e um olhar especulativo no rosto bonito. Gin o olhava atentamente, mas ele não pareceu se importar. Com um corpo como aquele e o tipo de trabalho que havia escolhido, imaginei que os olhares fossem comuns.

— Gin, sério. Pode parar com esse olhar pervertido, como se estivesse pedindo para ser comida. — Ela fez beicinho, olhou para o lado e, como que atraídos por um ímã, seus olhos já estavam de volta nele. Sua língua saiu da boca para umedecer o lábio inferior. — Gin! — Balancei a cabeça e ela apertou os olhos, pressionando a palma das mãos sobre eles.

— Desculpa, desculpa. Ele é um verdadeiro colírio para os olhos. Tai, sério, você é muito bonito.

Ele inclinou o queixo, daquela forma máscula que os homens fazem.

— Você também não é nada mal, pequena — ele resmungou baixinho, e aquilo deixou minha calcinha molhada.

Gin pareceu derreter, colocando a mão no peito e deslizando de maneira dramática em cima da banquetta. Dei uma cotovelada nas costelas de Tai.

— Ai! O que foi? — Ele esfregou o local atingido.

— Você a está encorajando. — Olhei para ele, que riu.

Finalmente, coloquei os ingredientes nos copos e os distribuí. Maddy, Gin, Tai e eu os erguemos para um brinde.

— À diversão sob o sol... no estilo havaiano! — falei e nós brindamos. A bebida, batizada de “nebulosa”, deslizou pela minha garganta, e os três tipos de álcool misturados esquentaram meu estômago.

— Prontas para a praia?

— Tem biquínis e maiôs para todas no quarto. Meninas, vocês vão ficar loucas quando virem todas as peças que eu ganhei por causa da campanha.

Maddy e Gin gritaram e saíram correndo em direção ao quarto principal.

— Você vai dar as roupas de banho que elas quiserem? São de grife. Devem

custar um bom dinheiro — Tai comentou.

Encolhi os ombros.

— Eu amo essas duas mais que qualquer outra coisa, incluindo dinheiro ou roupas de grife. Temos que compartilhar a riqueza, não é? — Eu sabia que era exatamente o que ele fazia com sua família.

Ao fundo, ouvíamos os gritos e as reclamações quando elas começaram a brigar como irmãs de verdade.

— Você é alta demais para ficar com esse!

Maddy respondeu:

— Cala a boca. Você só está com inveja porque é uma nanica.

Em seguida, outro grito.

— Cala a boca você. Está com ciúme porque eu sou divertimento sob medida. Os homens adoram uma baixinha!

Tai me puxou para seus braços e descansou a cabeça em minha testa.

— Garota, sua família é louca.

— Não me diga. — Eu ri e o beijei profundamente. Ficamos assim por um tempo, nossas línguas dançando e sua mão subindo e descendo, apertando minha bunda. Ele pressionou sua ereção enorme em minha pélvis e eu gemi.

— Continue com isso mais tarde, quando as meninas estiverem desmaiadas por causa do jet lag. No seu bangalô?

— Pode apostar.



No dia seguinte, Tai e eu fizemos outro ensaio, mas ficamos livres no meio da tarde. Gin e Maddy passaram a primeira metade do dia tomando sol. Naquela noite, Tai nos levaria a um luau onde ele e sua família se apresentariam. Eu estava aqui havia três semanas e não o tinha visto se apresentar. Surfar e posar, sim, mas a apresentação com facas em chamas, não. Mal podia esperar. Não fazia ideia do que era, mas parecia exótico e excitante. Duas das minhas coisas favoritas.

Nós três nos aprontamos, colocando maxivestidos de variados comprimentos e cores. Deixamos o cabelo solto e o enfeitamos com as flores que Tai havia deixado para cada uma de nós no balcão da cozinha. Achei muito doce e gentil. Exatamente o oposto do quão rude ele tinha sido na noite anterior, quando me comeu com força contra a parede da casa dele e, em seguida, sobre a mesa da cozinha. Aparentemente, ele sentiu saudade e demonstrou o quanto.

Chegamos ao resort cinco estrelas onde eles se apresentariam. Tai tinha deixado convites para o show. Entregamos nossos bilhetes para o homem na entrada e fomos surpreendidas ao ver que nossos assentos ficavam na frente, bem próximos ao palco.

Serviram uma incrível seleção de comida tradicional da Polinésia, incluindo

frango e carne teriyaki, lau lau — um prato feito de porco desossado —, poi havaiano, salada verde, bolinho de inhame e todas as frutas que se podia imaginar. Sério, as frutas do Havaí eram demais, e olhe que eu vivia na Califórnia, onde os produtos eram muito frescos. Eu basicamente daria um seio para ter as mangas frescas do Havaí todos os dias.

— Isso é incrível — Maddy falou, dando uma mordida enorme num pedaço de abacaxi. — Não consigo enjoar disso.

— Eu sei. Bom, né?

Gin, Maddy e eu comemos, conversamos com as pessoas que estavam sentadas ao nosso lado e vimos o sol se pôr. Atrás do palco havia uma vista perfeita da praia, para que o público pudesse apreciar a paisagem até que estivesse escuro o suficiente para o show começar. Quando o sol se pôs, tambores pesados iniciaram uma batida que eu podia sentir no peito.

O pai de Tai, Afano, apareceu, vestindo um sarongue que mal cobria suas partes masculinas. Suas tatuagens estavam claramente à mostra e eram magníficas. Havia adornos com grama ao redor de suas panturrilhas, pairando sobre os pés. Estávamos tão perto que eu podia ouvir o barulho de cada lâmina comprida, enquanto ele as arrastava pelo chão do palco.

Afano apresentou o baterista, que estava na lateral. Ele tocou rapidamente o tambor, fazendo a multidão aplaudir e sorrir. Saudou o público por compartilhar a cultura de Samoa. Em seguida, apresentou o primeiro ato. Fiquei chocada ao ver todos os parentes do sexo feminino, incluindo a mãe de Tai, Masina, entrarem no palco. A mulher mais velha vestia um sarongue complicado, e as mais jovens usavam cocos sobre os seios e sarongues curtos, que mostravam as pernas tonificadas e os corpos jovens.

A música começou e as mulheres deixaram a multidão encantada com a apresentação. Foi lindo. Algo que eu só tinha visto em filmes. A apresentação incluiu a hula e outras danças de estilo havaiano, em que as mulheres erguiam as mãos delicadamente, viravam de lado, balançavam os quadris e remexiam os pés. Era muito delicado. Os olhos do público estavam colados nelas enquanto dançavam.

Depois de terem feito duas danças diferentes, elas convocaram voluntários. Gin e eu levantamos o braço fino de Maddy, contra sua vontade, e ela foi uma das escolhidas. Masina estava ao lado da minha menina e piscou para mim. Coloquei as mãos em posição de oração e inclinei a cabeça, agradecendo. Ter minha irmã com a mãe de Tai era exatamente o que eu queria. Cada profissional no palco ensinou a um membro da plateia uma pequena dança. Maddy pareceu entender rapidamente, como eu sabia que faria. A garota era esperta para tudo, até para aprender a dançar. Em pouco tempo, ela estava sorrindo, balançando os braços, como se estivesse ali a vida toda. Eu adorei vê-la lá em cima se divertindo, sabendo que eu estava lhe

proporcionando aquela lembrança. Era a primeira vez que ela deixava Nevada. E tinha vindo para o Havaí para se encontrar comigo. Maddy, assim como eu, se lembraria daquilo para sempre. Eram histórias que ela poderia contar aos filhos. *Por favor, meu Deus, permita que ainda demore alguns anos para que ela resolva ser mãe. Só depois que ela se tornar doutora.*

A música parou e as pessoas da plateia receberam muitos aplausos. O show continuou, e, quanto mais tempo passava sem que Tai aparecesse, mais nervosa eu ficava. Normalmente, as últimas performances eram as mais arriscadas.

Finalmente Afano apareceu, vestindo uma roupa diferente, mas ainda mostrando muita pele. Suas tatuagens estavam mais pretas e brilhavam com óleo, refletindo ferocidade.

— E agora, nossa performance mais esperada. É preciso um coração de guerreiro para lidar com as facas em chamas, e os meus filhos... — quando ele bateu com o punho contra o próprio peito, soou tão alto que era possível ouvir a batida — ... os meus filhos são puros de coração e purificaram sua mente para apresentar essa parte da nossa cultura. Homens! — ele rugiu.

Naquele momento, Tai e seus três irmãos vieram para o palco. Afano e ele ficaram na frente, e os três irmãos, atrás. Cada um segurava um bastão comprido. Masina apareceu com um belo vestido branco que balançava com a brisa. Ela segurava uma tocha e acendeu as extremidades dos bastões, afagou o rosto de cada um de seus homens e voltou para a lateral do palco. Eles estavam parados, as pernas afastadas, com enfeites de grama nelas e nos cotovelos. Cada um usava um pequeno sarongue vermelho-sangue.

— Ai, Senhor, como vou me controlar com tudo isso bem na minha frente? — Gin sussurrou e eu empurrei seu ombro.

— Comporte-se.

— Não posso prometer.

Nós rimos, mas meus olhos estavam em Tai. Senti que meu coração estava na garganta quando Afano deu os comandos e, em seguida, os homens emitiram um som gutural alto e começaram a pisar com firmeza. As duas extremidades iluminadas brilharam e eles começaram a girar os bastões. Em chamas. Tive que repetir aquilo em voz alta, porque não podia acreditar.

Girar. Os bastões. Em chamas.

Enquanto eu pensava que morreria de preocupação, achando que iam se queimar, eles jogaram os bastões para cima e os pegaram, giraram e trocaram um com o outro. Mantive uma mão na boca e a outra no colo.

Os caras fizeram vários movimentos que desafiavam a gravidade e coisas sagradas, despertando um medo tão profundo em minha alma que eu mal podia respirar.

Então, ficou mais assustador.

O pai e os irmãos de Tai foram para os fundos do palco, as pernas afastadas, segurando os bastões acima da cabeça, como se estivessem iluminando a área. Os tambores rufaram alto, fazendo meu peito vibrar. *Bum!* Então Tai ficou sozinho no palco. E foi quando a coisa ficou séria.

Meu Tai jogou o bastão para o alto, fez uma série de giros, pegou-o no ar e o girou ao redor do corpo, passando-o por entre as pernas e pelas costas. A grama em seu traje poderia pegar fogo a qualquer momento. Ele atirou aquela coisa ao redor do pescoço, girou-a com dois dedos e levantou a mão. Afano, na parte de trás, jogou seu bastão de fogo no ar. Tai caiu sobre um joelho, levantou o braço e o pegou no ar. Engoli em seco e fechei os olhos. Ao abri-los, ele estava girando os dois. O público aplaudia freneticamente enquanto fiquei ali, em estado de choque. Loucamente assustada.

Depois do que pareceu uma eternidade, com Tai fazendo malabarismos complicados, girando e se movimentando, os tambores rufaram cada vez mais alto, fazendo com que os dedos dos meus pés se contorcessem dentro da sandália anabela. Os irmãos emitiam um som gutural repetidas vezes enquanto pisavam forte, indo na direção de Tai. Ao se aproximarem dele, jogaram seus bastões no ar, a intervalos diferentes. Tai girou, virou de costas e pulou enquanto eles caíam, e ele os pegou, um após o outro. Então ele se levantou, segurou os cinco bastões e formou um H perfeito — dois bastões em cada mão, e o último preso horizontalmente entre os polegares. Os irmãos o abraçaram, apagaram as chamas e fizeram uma reverência.

O público ficou de pé e gritou entusiasmado, com alegria e adoração. Afano foi com a família para o palco, onde todos se curvaram. Os olhos de Tai estavam colados aos meus, que se encheram de lágrimas. Elas escorriam pelo meu rosto enquanto eu batia palmas com tanta força que minhas mãos pareciam queimar. Ele abriu aquele sorriso sexy, que derreteu corações e calcinhas de todas as mulheres que estavam no local, até que eles deixaram o palco e o apresentador anunciou o encerramento do luau.

— O seu namorado de maio é incrivelmente talentoso — Ginelle falou enquanto me abraçava.

Meu namorado de maio.

Acho que era verdade, se eu pensasse bem. Alec tinha sido meu namorado de fevereiro, e Wes, o de janeiro. Eu não queria pensar no significado daquilo. A maioria das mulheres não tinha um monte de namorados por ano, mas o que mais se consideraria uma relação monogâmica do que passar um mês inteiro comprometida com o mesmo homem, tendo encontros, conhecendo sua família, se divertindo, compartilhando esperanças e sonhos, dormindo juntos toda noite e assim por diante?

Se isso não fosse a definição de namoro, eu não sabia o que era.

— Sim, ele é. Vamos agradecer pelos ingressos.

Quando fomos para os bastidores, Tai já estava de bermuda, e nada mais. Seu peito ainda brilhava por causa do óleo, realçando cada centímetro delicioso de seu corpo.

— Posso ficar com um dos irmãos dele? — Gin me perguntou, encarando os três, que a estavam secando. Tao, o irmão mais velho de Tai, olhava para Gin como se ela fosse um bom bife e ele estivesse faminto. Prestando atenção no olhar dela, eu podia dizer que o sentimento era recíproco.

— Vá em frente, vadia. Balance o mundo dele. Por que não?

— Cara, vocês estão me fazendo sentir falta do Matthew — Maddy fez beicinho.

— Ah, agora você já conhece os prazeres do sexo... — Gin sorriu e assentiu várias vezes.

— Ótimo. Isso é foda. E não de um jeito bom — eu a repreendi antes que ela pudesse comentar. Eu não precisava saber sobre a vida sexual da minha irmãzinha. *Por favor, que ela não me peça para dar dicas.*

Tai se aproximou quando nos viu. Ele era muito viril. Tinha músculos definidos no corpo todo, tão bons quanto pareciam, e que se dilatavam a cada passo que ele dava.

— Gostaram do show? — ele perguntou.

Fiz que sim, entorpecida, mas não podia me segurar mais. Queria muito dar uma mordida nele. O desejo corria em minhas veias, umedecendo meu sexo e me fazendo sentir devassa de uma forma indecente. Eu me atirei em seus braços e ele me pegou no ar assim que meus lábios tocaram os seus. Ele rosnou e tomou minha boca com firmeza, a língua mergulhando e me provando. Eu chupava cada milímetro de seus lábios, esfregando meu centro em seu membro, agora duro, através da bermuda.

— Garota... — Sua voz enviou vibrações em minha boca. — Aqui não é o lugar. Mas não se preocupe, vamos continuar isso em casa, quando as meninas estiverem dormindo. — Seus lábios foram até minha orelha. — Vou fazer você sofrer de prazer por me deixar duro desse jeito e ter que esperar para te possuir. Prepare-se. Prepare-se para ver os lençóis se incendiarem com o fogo que você atçou.

Do jeito que ele falou, era mais que uma promessa. Era um fato.



— Ah, caramba, não! — gritei. — Chega. Não aguento... Ah, Tai... Me come! — implorei, pressionando os quadris contra a boca de Tai, com as mãos em sua cabeça. Ele segurou minha bunda e me fez chegar mais uma vez ao clímax. Eu não achava que fosse possível. Ele havia me devorado de forma bruta. Perdi a conta de quantos orgasmos tive em sua língua. Tudo o que eu sabia era que, se ele não colocasse aquela ereção enorme dentro de mim bem rápido, eu desmaiaria de exaustão.

Tai rosnou baixo, parecendo um animal selvagem. Eu já sabia que era o seu momento estou-prestes-a-perder-a-cabeça e que aquilo me levaria ao êxtase. Ele me virou, puxou meu quadril para cima e o empinou, me deixando de quatro.

— Se segura na cabeceira. Estou explodindo. Preciso comer essa boceta gostosa com força.

Ele agarrou minha cintura, nivelou os quadris, pressionou a ponta do pau em minha entrada e me penetrou lentamente. Um centímetro daquele membro duro feito aço por vez. Prendi a respiração, esperando uma estocada selvagem, mas ele me surpreendeu, indo devagar. Não por muito tempo.

— Isso, gostoso e devagar. Engula o meu pau, que está todo molhado por causa dessa boceta suculenta.

Ele se movia lentamente para dentro e para fora enquanto eu respirava profundamente, torcendo o pescoço para vê-lo entrar e sair. O preservativo tinha sido lubrificado com minha essência. Estiquei uma das mãos para sentir o ponto em que ele estava entrando em mim cada vez mais.

— Ah, isso, garota. Você gosta de sentir a sua flor sendo invadida. Não tem nada melhor. — Uma de suas mãos alcançou meu seio e o puxou, alongando o mamilo. Comecei a pressionar de encontro a ele, com força suficiente para fazer com que nossos quadris se chocassem. — O que... o que você quer? Você tem que pedir, *haole*.

Eu odiava quando ele me chamava de *estrangeira*. Ele sabia que aquilo me irritava, por isso usava a palavra no auge do ato de fazer amor. Se bem que não dava para dizer que Tai e eu fazíamos amor. Não houve nem uma vez que fizéssemos devagar, com velas, chocolate ou qualquer coisa remotamente relacionada a romance. O mais próximo disso foi quando tomamos champanhe antes de ele me foder com força sobre o capô do carro na semana passada. Não. Tai e eu

trepávamos. E fazíamos aquilo com abandono, com entrega. Eu amava *isso* nele. Éramos amigos, e eu gostaria que continuássemos assim depois que eu fosse para minha próxima aventura. Mas, por enquanto, desfrutaria de sexo bom e intenso com a grande ereção de Tai.

— Me come com esse seu. Grande. E grosso. Pau. Samoano — eu rugi e empurrei meu quadril para trás, sentindo seu membro me penetrar.

— Está pronta para andar de um jeito engraçado amanhã, garota? — ele instigou.

— Minha bunda é branca? — perguntei, irreverente, olhando para ele por cima do ombro e balançando o quadril.

Seus olhos estavam focados em minha bunda, seus dedos segurando com força meu quadril.

— Ah, sim — ele disse, penetrando minha fenda e alcançando aquele lugar destinado somente ao seu membro.

— Então não me faça perguntas idiotas. — Nossa, esses homens com quem eu vou para a cama estão sempre me fazendo perguntas idio... — Puta merda! — Meu sexo apertou de forma depravada quando Tai meteu fundo e eu gritei, enquanto ele me golpeava com sua vara sem piedade. Suas bolas batiam contra a carne inchada, adicionando um elemento de dor tão bom que eu arqueei, mantendo o corpo erguido e inclinado para trás. Tai deslizou a mão pelo meu tronco e beliscou meu clitóris entre dois dedos. Não pressionou e esfregou — não, ele beliscou, adicionando mais pressão a cada estocada poderosa. O prazer se elevou tanto que cheguei ao clímax de forma intensa enquanto ele me segurava, durante tempo suficiente para encontrar sua própria liberação. Desta vez ele rugiu como um leão quando gozou. Foi tão alto que tenho certeza que Gin e Maddy acordaram, porque as paredes pareceram tremer com o som.

Essa era a última coisa de que eu me lembrava antes de apagar.

Quando acordei, ele estava limpando o espaço entre minhas coxas com um pano morno.

— Machuquei você? — Seus olhos estavam fixos, frios e negros. Balancei a cabeça. — Quer voltar para a sua cama? — Neguei novamente, ainda com dificuldade de falar por causa do zumbido satisfeito que envolvia todas as minhas terminações nervosas. — Tem certeza? — Sua voz falhou um pouco, e um sinal de aviso soou em minha mente.

Ele se sentou ao meu lado. Eu me levantei e me arrastei para seu colo, seus braços me envolvendo.

— Você não me machucou.

— Você desmaiou — ele falou. Seu tom era tão preocupado que tive de deixar o conforto quente de seu pescoço, onde havia me aconchegado, para olhar profundamente em seus olhos.

Segurei seu rosto com as duas mãos, forçando-o a me olhar e perceber a verdade em minhas palavras.

— Tai, essa foi uma das melhores transas da minha vida. Vou me lembrar disso até morrer. Da última vez que contei, foram seis orgasmos. *Seis*. Isso é inédito. — Não contei a ele que já tive outros caras que podiam aguentar tantas rodadas quanto tivemos, mas Tai era único. Intensidade diferente, diferentes partes do corpo, palavras, pensamentos. Tudo aquilo era ótimo, especialmente com ele e com o que tínhamos naquela cama.

Tai colocou os dedos em minha nuca, entrelaçando-os em meu cabelo.

— Mia, eu perdi o controle.

Balancei a cabeça.

— Nós pegamos fogo. Ei, foi você quem disse que íamos incendiar os lençóis. Eu classifico essa rodada, ou rodadas, dessa forma. Certo?

Ele inclinou a cabeça e inspirou.

— Desde que você esteja realmente bem.

— Ah, baby, estou mais que bem. Me dê uma boa noite de sono que vou estar pronta para recomeçar. Só que dessa vez... eu quero ficar por cima!

Tai riu, me colocou de volta na cama e me envolveu em seu calor. Exaustos, nós apagamos. Acordei no dia seguinte com o sol brilhando, os sons da praia, a brisa fresca do oceano envolvendo minha pele e o rosto pecaminosamente sexy de um samoano entre minhas coxas.

Havaí.

Melhor. Mês. De todos.



A caminhada da vergonha não era muito longa, uma vez que nossos bangalôs ficavam um ao lado do outro. Entrei descalça, segurando a sandália anabela em uma das mãos e caminhando na ponta dos pés. Mas encontrei Maddy servindo café e sorrindo para mim. Droga.

— Noite boa? — ela perguntou e eu sorri, o rosto em chamas. — Mia ficando vermelha? Será que foi o “me come com o seu grande e grosso pau samoano” que colocou esse sorriso no seu rosto esta manhã?

Meu queixo caiu. Eu poderia ter matado uma centena de moscas com o tamanho do choque que me atingiu.

— Ah, irmãzona, eu ouvi tudo. Você não sabe que o quarto de hóspedes divide uma parede... com a cama do Tai? — Ela ria muito, e seu rosto estava completamente vermelho, parecendo uma beterraba.

Balancei a cabeça.

— Hum... eu... hum, realmente não sei o que dizer.

— Eu tive que dormir na sua cama. Cara, mal posso esperar para fazer sexo selvagem assim a noite toda. Sério, a sua pepeca não está doendo? — Eu me sentei numa banquetta, coloquei a sandália no balcão e peguei uma xícara de café.

— Estamos realmente tendo essa conversa? — Eu me encolhi e ela concordou. — Sim, minhas partes femininas estão doloridas, mas de um jeito bom. — Coloquei a mão na testa e massageei a têmpora.

Maddy passou o dedo na borda da xícara.

— Eu e o Matt fizemos, você sabe, sexo umas dez vezes e nunca foi assim. — Seu rosto manteve o tom rosado enquanto ela se concentrava na xícara. — Quer dizer, não me interprete mal, é sempre muito, muito bom, mas eu nunca gritei assim. Será que estou fazendo alguma coisa errada?

Coloquei a mão sobre a dela.

— Ah, querida, não.

— Quer dizer, eu nunca ouvi o Matt gritar de prazer. Normalmente ele só diz que me ama e geme um pouco.

Inclinando-me, bati com a cabeça no balcão algumas vezes. A última coisa que eu queria na vida era falar de sexo, bom ou ruim, com minha irmã mais nova. Momentos como esse me faziam odiar ainda mais minha mãe. Era ela quem deveria ter esse tipo de conversa com Maddy, não eu.

Parecia uma missão impossível, mas eu me preparei. Fiquei de pé, estufei o peito e joguei o cabelo para trás, me aprontando para uma conversa que seria desconfortável, mas necessária. Mads queria saber como agradar um homem. Eu era sua única influência feminina, portanto a guiaria na direção certa. Tomara que eu conseguisse.

— Vamos sentar lá na varanda.

Ela se levantou, pegou o prato de frutas que tinha cortado e o levou para fora. Felizmente, meus óculos de sol estavam lá, então eu os coloquei, sentei e apoiei as pernas sobre outra cadeira. Maddy sentou ao meu lado e esperou pacientemente enquanto eu pensava no que dizer a ela.

Respirei fundo e deixei rolar.

— Certo. Eu descobri que os homens gostam de ter uma parceira ativa na cama. Portanto, não basta ficar deitada lá. Toque, beije, faça o que parecer natural. — Ela assentiu e permaneceu em silêncio. — Já experimentou alguma outra posição, sem ser papai e mamãe? — Gemi e olhei para o céu, deixando os raios de sol aquecerem meu rosto.

— Não. — Ela franziu a testa. — Mas eu quero. Como é que você diz que quer tentar algo mais?

Ah, graças a Deus. Uma pergunta fácil.

— Fale sobre isso quando estiverem sozinhos, mas não durante o sexo. Sei lá,

talvez depois do jantar. Sente no sofá e conte a ele os seus desejos.

— Eu não sei quais são os meus desejos.

Sugando o lábio inferior, eu o mordisquei. Eu podia fazer isso.

— Diga a ele, ou, melhor ainda, quando estiverem no sofá, sente no colo dele, colocando uma perna de cada lado. Aí, você sabe... cavalgue nele dessa forma. — Engasguei e engoli. Cara, aquilo era difícil. Comecei a suar. Eu não queria nada além de me jogar no oceano fresco e calmante à nossa frente.

— Os homens gostam disso? Que as mulheres montem no colo deles?

Assenti.

— Sim, quando estão sentados ou deitados. Vai ser bom pra você também, mas vá devagar, porque é mais profundo dessa forma.

— Mais profundo? — Os olhos dela se arregalaram. — Eu já sinto como se o Matt estivesse me rasgando ao meio! — ela falou e torceu os dedos. Pelo menos seu futuro marido não deixava a desejar no departamento genitália. Quando ela se acostumasse a ter relações sexuais, Matt estaria na categoria da goleada. — O que mais?

— Você não assiste filme pornô? — Gemi, sem querer ouvir a resposta.

Ela balançou a cabeça.

— Tudo bem. E quanto ao estilo cachorrinho? Você de quatro e ele por trás? Tente isso.

Tenho certeza de que, se ela tivesse um bloquinho, estaria anotando tudo. Minha irmã, a analista. Sempre tomando notas, abordando situações de maneira analítica e científica.

— E como é? — ela perguntou.

Meus ombros caíram e eu suspirei.

— Bom, muito bom. Era assim que o Tai e eu estávamos fazendo na noite passada, quando as coisas ficaram barulhentas — admiti.

Ela sorriu timidamente e, mais uma vez, seu rosto ficou vermelho.

— Sabe, vocês só precisam explorar um ao outro. Faça o que for gostoso e não se importe com o que os outros fazem, como fazem, se gritam mais ou menos que vocês no quarto. O que você tem com o Matt diz respeito só a vocês dois, e obviamente ele gosta, já que te pediu em casamento! — Eu ri.

Seu sorriso era tão brilhante que quase precisei de outro par de óculos escuros.

— Isso é verdade! — Ela sorriu.

— Então não se preocupe com isso. Você e o Matt juntos vão encontrar um caminho. Você não precisa que eu lhe diga como agradar um homem. Só tem que descobrir do que o Matt gosta, e é a única que vai satisfazê-lo. Basta ser honesta com ele. Fale sobre as coisas que você pensa ou fantasia. E, pelo amor de Deus, leia uns livros eróticos ou algo assim. Estou quase morrendo aqui! — admiti. Parecia

que minha pele teria urticária a qualquer momento.

Isso fez Maddy rir como a garota de dezenove anos que era. Embora não por muito tempo. Droga, que dia era hoje? Os havaianos seguem seu próprio ritmo, e os dias pareciam se esvaír em uma névoa tropical.

— Que dia é hoje?

Maddy inclinou a cabeça e sorriu.

— Dezenove de maio.

Ela olhou para o oceano.

Merda. Seu aniversário era amanhã.

— Alguém vai deixar a adolescência amanhã. — Sorri. — Vou ter que me superar na comemoração!

Ela se contorceu na cadeira, fazendo uma dancinha feliz.

— Estou bem animada para fazer vinte anos. Embora o Matt esteja chateado por não estar aqui para comemorar comigo.

— Ah, nem vem. Ele vai ter todos os outros aniversários. O de vinte anos é meu, assim como os anteriores.

Uma coisa que sempre fiz enquanto Maddy crescia era comemorar seu aniversário. Nossa mãe nos deixou quando ela tinha cinco anos. Mesmo eu tendo dez, fiz o que pude para garantir que ela tivesse um aniversário de seis anos fantástico, e, depois daquele, todos os outros foram incríveis. Fiz o melhor que pude. Não tínhamos muito em termos de dinheiro, mas nos virávamos. Bem, eu me virava.

Eu teria que falar com Tai sobre algumas opções. Queria que esse aniversário fosse algo que ela nunca esquecesse.

Ouvi a porta da varanda se abrir. Pensando que fosse Tai, me virei e acenei. Não. Era Gin, usando o mesmo vestido do luau. Aquela vagabunda estava fazendo a caminhada da vergonha. Ha, com certeza. Aquilo era bom demais.

— Oi, Gin. Achei que você ainda estivesse dormindo — falei quando ela se sentou na cadeira ao meu lado. Seu cabelo loiro brilhava à luz do sol. Ela roubou minha xícara de café e tomou tudo.

Examinei seu rosto e seu corpo. Havia marcas vermelhas em seu decote, logo abaixo da orelha havia um grande chupão, o cabelo parecia ter sido atingido por um furacão e seus lábios tinham o dobro do tamanho normal.

— Noite boa? — Maddy fez a mesma pergunta que havia feito para mim e eu explodi em gargalhadas.

— O quê? — Gin gemeu, cobrindo as orelhas. — Vocês têm que falar tão alto? — Ah, aquilo era incrível. Ressaca também? Adoro!

Puxei os joelhos contra o peito.

— Suponho que exista um motivo para você estar com essa cara de acabada.

Gin balançou as sobancelhas, levou os braços acima da cabeça e esticou os pés,

se espreguiçando.

— Ah, sim. — Seus olhos estavam brilhando de êxtase sexual. — Se o seu Tai é parecido com o Tao, o irmão... uau. — Ela colocou uma mão sobre o peito e abanou o rosto com a outra. — Ele me comeu de todas as maneiras possíveis e depois começou tudo de novo. Nunca na minha vida... — Ela parou de falar e se recostou. — Não quero ir embora nunca mais. Vou ficar no Havaí e ser escrava sexual do Tao. Vou limpar a casa, preparar suas refeições e ele pode me pagar em caralho — ela disse, de maneira rude.

Peguei meu café de volta e ela fez beicinho.

— Gin, caramba. Olha essa língua. — Inclinei o queixo na direção de Maddy.

— Sério, Mia? Depois da conversa que acabamos de ter? — Maddy retrucou.

— Que conversa? — Gin perguntou e eu gemi.

— Bem, a Mia teve uma noite muito parecida com a sua. Só que eu ouvi todos os gritos dela na cama com o Tai.

Gin me fuzilou com os olhos.

— Sua hipócrita!

— Cala a boca! Eu não sabia! — Cruzei os braços sobre os seios. Meus mamilos doloridos gritaram em desconforto. Tai tinha se transformado em uma máquina de sucção na noite passada.

Maddy continuou, sem se incomodar com a briga entre mim e Ginelle. Fazíamos tanto isso que ela nem ligava.

— Aí eu pedi para a Mia algumas dicas sobre como agradar um homem. Você sabe, o Matt e eu só fizemos papai e mamãe, então ela estava me ajudando.

Ginelle achou aquilo absolutamente hilário, pela forma como gritava de rir, chutava e agitava os braços, como alguém perdido no meio do oceano sem saber nadar.

— E como você lidou com isso? — Seu olhar procurou o meu. — Aposto que preferia ter adagas perfurando seus olhos a ter essa conversa. — Ela alisou meu bíceps, ainda rindo.

Dei de ombros.

— Eu te odeio.

— Você me ama! — Ela puxou meu braço e começou a mordê-lo, fazendo uma série de barulhos que pareciam os do Pac-Man.

Ri muito e a empurrei. Gin tinha razão. Não havia como ficar brava com ela. Também não tinha mais ninguém que eu preferisse ter ao meu lado, enfrentando as batalhas que apareciam em minha vida.

— Pode me perguntar, Mads. Fico feliz por compartilhar as maravilhas do sexo e tudo o mais. Eu posso te ensinar um truque sobre como chupar um cara de um jeito que vai fazê-lo implorar por misericórdia...

Os olhos de Maddy se arregalaram enquanto ela assentia e puxava a cadeira para perto de Ginelle, como se estivesse prestes a ouvir um grande segredo.

— De jeito nenhum! — rugi.

— Ah, vamos lá. Não seja desmancha-prazeres. A Maddy tem que aprender a chupar um pau, ou nunca vai segurar um homem. — Ginelle se virou para Maddy e cruzou as mãos. — Vou te contar uma coisa, bebê. Os homens adoram quando você engole. Eles não se importam se você cuspir, mas há algo no fato de eles te marcarem e você engolir aquela porcaria goela abaixo que os deixa em ponto de bala.

Eu me levantei e coloquei a mão sobre a boca da minha amiga.

— Ginelle, chega de falar. Hora do banho. — Puxei-a para fora da cadeira e carreguei seu pequeno corpo, como se ela fosse uma princesa.

— Não mesmo. Fique de joelhos e leve o pau do Matt o mais perto possível da garganta — Gin continuou falando enquanto eu a levava para o mar. Maddy devia estar vindo logo atrás, porque Gin continuou falando rapidamente.

— O que mais? — Maddy riu.

— Segure o quadril dele e o deixe puxar seu cabelo enquanto ele fode a sua boca e, por favor, mantenha os dentes afastados... — Foi a última coisa que ouvi antes de jogá-la no mar.

Ginelle balbuciou e riu, cuspidando água, e em seguida boiou, deixando uma onda levá-la até a areia.

Enganchei meu braço no de Maddy.

— Venha, vamos tomar o café da manhã.

Maddy olhou por cima do ombro.

— Você acha que ela está bem?

— Deixe a cadela no cio se refrescar. Ela vai ficar bem.

Podíamos ouvir Ginelle rindo ao fundo, espirrando água, enquanto voltávamos para a casa.



Só conseguíamos enxergar a cor verde no pequeno vale que atravessávamos de quadriciclo. As montanhas dos dois lados eram tão altas que era preciso virar o pescoço para ver onde elas encontravam o céu nublado. Névoas e nuvens giravam pelas partes mais úmidas das montanhas, como algodão se colando ao velcro. Tai e Tao nos levaram pelo vale e, quando estávamos bem no meio, pararam. Desligamos os quadriciclos e descemos para explorar as redondezas. Tudo no Havaí era bonito, mas aquilo me fazia sentir como se tivéssemos acabado de descobrir uma joia escondida. Ver a Terra intocada pela humanidade roubava um pedaço da sua alma, deixando uma marca que seria preenchida por essa experiência.

Tao se sentou em seu quadriciclo, pegou um pequeno ukelele da mochila e começou a tocar. Cantorolou por um tempo até que sua voz rica de barítono suavizou meus sentidos, como uma brisa fresca vibrando pelo vale. Reconheci a música que ele estava cantando. Tai a havia tocado uma vez, quando estávamos em seu quarto. Chamava-se “Drop Baby Drop”, do The Mana’o Company.

Maddy se apoiou no veículo, balançando de um lado para o outro, encantada com a canção. Ela riu quando ele disse que o melhor verso da música era “I love you like a mango”: “Eu te amo como uma manga”. Era o meu preferido também.

Tai puxou minha mão e me levou para perto de seu corpo.

— Você vai embora em dois dias — ele sussurrou, me abraçando apertado e movendo os quadris em um balanço suave enquanto dançávamos ao som de Tao.

— Vou. — Segurei sua mão perto do rosto e beijei a ponta de seus dedos.

— E se eu não quiser que você vá? — ele fez a pergunta com uma pontada de emoção conhecida. Depois de ter passado a maior parte do mês com aquele homem, eu sabia que ele estava tentando se manter firme.

— Você sabe que eu não posso ficar. — Esfreguei o nariz em seu pescoço, sentindo seu cheiro amadeirado, de mar e de fogo. Ele devia ter treinado a apresentação naquela manhã, pois o cheiro do fogo e da madeira aderiu à sua pele, fundindo-se em seus poros.

Tai pressionou a testa na minha.

— Mas é bom que seja dito, não é?

— É. — Mordi o lábio e falei a verdade. — Também não quero te deixar, Tai. Mas você *sabe* muito bem que não seríamos um do outro para sempre.

Ele suspirou e me beijou de forma doce. Seus lábios se arrastaram suavemente pelos meus. Era um beijo de saudade de um futuro que nós dois sabíamos que não era para ser. Ele aprofundou o beijo, me abraçando apertado. Eu me agarrei a ele, fazendo o meu melhor para gravá-lo na alma, do mesmo jeito que tinha feito com aquele vale secreto. Não era amor que nos mantinha agarrados um ao outro. Era amizade, desejo e facilidade. Tai e eu juntos era uma coisa que funcionava. Era fácil. Nenhum dos outros homens com quem passei o mês havia sido tão tranquilo quanto ele.

— Você vai fazer um homem se ajoelhar e agradecer aos céus quando te prender para sempre.

Eu ri.

— Só me resta esperar. Você não acha que o seu “para sempre” está prestes a acontecer?

Tai me abraçou novamente e continuou a dançar comigo. Era como se não houvesse mais ninguém por perto, só nós, os acordes do ukelele e uma canção sobre se apaixonar e amar seu escolhido como a uma manga.

— Às vezes eu me pergunto se é nesta vida que vou encontrá-la.

Eu me afastei, segurei suas bochechas e olhei profundamente em seus olhos escuros.

— Eu prometo que é.



Após o passeio com o quadriciclo, Tai nos levou ao Kualoa Ranch, que pertencia a alguns amigos seus. Nós cinco montamos em cavalos e fomos levados por seu amigo Akela para uma visita à reserva natural de mil e seiscentos hectares.

Maddy teve um pouco de dificuldade para conduzir seu cavalo, mas logo pegou o jeito. Tratei minha égua — apropriadamente chamada Buttercup, por sua cor caramelo e seus pelos pretos, que me fizeram lembrar do chocolate Reese com recheio de creme de amendoim — como tratava Suzi, minha moto, quando estava em casa. Eu a acariciei, falei baixinho em seu ouvido e trancei sua crina, assim como meu cabelo, para que ficássemos parecidas. Toda vez que eu olhava para Tai quando estava agradando a égua, ele fechava os olhos e balançava a cabeça. Eu não me importava. Nunca tive animais de estimação quando criança. Era uma delícia montar um animal tão majestoso e real.

— Fica quieto — resmunguei e então acariciei Buttercup, dizendo a ela quão irritante e devastadoramente lindo Tai era, mas que aquilo não compensava seu jeito mal-educado. Também a alertei para ter cuidado com gostosões tatuados, pois eu podia ver que o garanhão preto de olhos marrons tinha uma queda por ela.

Ginelle trotou em seu cavalo como se montasse a vida toda.

— O quê? Meu cavalo é macho. Não é diferente de montar num homem. O negócio é saber controlar as coxas. Não é mesmo, querido? — Ela acariciou o animal, e Tao foi para seu lado e respondeu:

— Eu sou prova disso. Você poderia quebrar cocos com essas coxas, loira.

Ela sorriu e balançou as sobrancelhas. Revirei os olhos.

— Que nojo.

— É verdade. Eu provavelmente poderia quebrar nozes com elas. Talvez devêssemos fazer isso esta noite, garotão — ela disse para Tao e eu fingi engasgar.

— O quê? Você acha justo ser a única a ter um samoano gostoso entre as pernas? De jeito nenhum. Vou montar esse cara como um caubói premiado *esta noite*! — Ela enfatizou as últimas palavras.

— Guarde os detalhes para você, piranha.

— Diz a mulher que, um dia depois de conhecer o Tai, já estava na cama com ele — ela retrucou, me atingindo de maneira certa.

Empurrei a trança para trás e a fuzilei com os olhos.

— Como você sabe disso? — Coloquei a mão no quadril, mas mantive a outra firmemente na sela.

Gin gargalhou descontroladamente.

— É verdade! — Seus olhos se arregalaram de alegria absoluta. — Você é tão vagabunda quanto eu! Não tenho problema nenhum em admitir que me atirei em cima dele — ela acenou na direção de Tao — logo na primeira noite. Fala sério, olha só para ele. — Ela encarou Tao, riu, agarrou os seios e os apertou, dando uma risadinha para o prazer dele.

Bati em seu braço, quase a derrubando do cavalo.

— Piranha, guarde essas coisas pra você. Você parece uma gata no cio.

Ela abriu a boca e eu sabia, sabia *mesmo*, que falaria algo relacionado a sexo.

Adiantando-me, falei:

— Não se atreva a falar de sexo. — Soltei a respiração.

Gin fechou a boca e apertou os lábios.

— Desmancha-prazeres.

Balancei a cabeça e conduzi meu cavalo até Maddy, que estava ouvindo atentamente as informações que Akela compartilhava sobre o rancho, a terra, as árvores e os filmes que foram feitos na ilha e na fazenda, especificamente. O grande sucesso *Jurassic Park* era um deles. Ela estava completamente encantada, fazendo perguntas, comentando coisas que aprendeu em suas aulas a respeito de plantas. Quando minha irmã falou sobre a faculdade e as coisas que tinha aprendido lá, uma sensação de orgulho extremo me atingiu. Eu adorava ouvi-la tagarelar sobre fatos e detalhes de coisas que eu provavelmente jamais discutiria ou veria. Mas o fato de ela saber exatamente o que eram essas coisas, o que faziam, se eram indígenas, se as

plantas podiam ser usadas em medicamentos ou alimentos holísticos, era surpreendente.

— Sua irmã é muito bem informada para alguém tão jovem — Tai elogiou.

— Sim, ela é. Fiz questão de que ela continuasse só estudando depois que saiu do ensino médio. Eu mal me formei, pois trabalhava em dois empregos enquanto ia para a escola.

Tai assentiu.

— Sei o que você quer dizer. Minha família faz shows desde que eu era bem pequeno, mas *Tina* sempre se certificou de que não atrapalhasse os estudos. Ela queria que os filhos tivessem escolhas, embora nenhum de nós tenha deixado a ilha por causa de trabalho ou em busca de algo diferente. Parece que ninguém quis dar esse salto. Nós vivemos para estar juntos.

Eu entendia aquilo muito bem. Inclinei a cabeça na direção de Maddy.

— Eu vivo e trabalho por ela, mas estou tentando descobrir o que existe para mim, só para mim. Te aviso quando encontrar. — Ele riu. — Você tem receio de não encontrar sua companheira porque ela pode não morar na ilha?

Seus ombros caíram um pouco.

— O tempo todo. Especialmente depois que *Tina* disse que ela é loira de olhos verdes. Essa não é uma combinação comum por aqui.

Pensei naquilo. Ele estava certo. Havaianos, samoanos e a maioria dos polinésios nascidos e criados nas ilhas eram morenos. Pele, olhos e cabelos. Exatamente o oposto do que Masina descreveu. Tai continuou explicando seus medos.

— Ela pode ser uma turista. O que vai acontecer se a gente não se encontrar?

— Isso não vai acontecer. O que está destinado a ser será, Tai. Deixa rolar.

— Deixa rolar — ele repetiu.



No fim do dia, Akela nos levou a uma praia particular. Pegou a mochila e entregou um sanduíche de peito de peru com queijo e uma garrafa de água a cada um de nós. Encontramos um bom local com sombra para sentar e comer.

Maddy ficou olhando para o mar. Fui até ela, coloquei o braço ao redor de seu ombro e encostei a cabeça na sua.

— Está gostando do seu aniversário, minha querida?

— Amando. — Ela sorriu. Nós comemos enquanto observávamos a água azul-celeste. Havia peixes ali, entrando e saindo de conchas e corais que tinham sido levados para perto da costa. A praia ao nosso redor estava deserta até onde eu conseguia ver. — Acho que o Matt e eu talvez possamos vir aqui na nossa lua de mel. Eu gostaria de mostrar a ele esses lugares.

— É? — Tentei parecer positiva, mas pensar que minha irmãzinha de vinte anos

estava se amarrando me deixou incrivelmente nervosa. Ela não tinha vivido o suficiente para se comprometer.

— Ah! — Seus olhos se iluminaram e adquiriram um tom brilhante. — Talvez a gente possa fazer o casamento aqui! Nossa família é pequena e eu tenho poucos amigos. Ia ser muito legal. O que você acha?

Sempre a imaginei em um vestido branco, caminhando por um longo corredor para se casar com seu príncipe. Maddy era a minha princesa.

— Você não quer o vestido branco e um grande casamento?

Ela encolheu os ombros.

— Honestamente, eu sempre quis mais o jaleco branco que o vestido. — Ela ergueu as sobrancelhas, e eu ri.

Agora ela queria os dois. Ainda queria a carreira, e ter Matt não mudaria isso. Casar seria apenas um bônus. Compartilhar a vida com alguém era ótimo, mas ela faria isso e manteria o foco em seu sonho, a única coisa que ela batalhou muito para conquistar.

— Mads, sinceramente, estou muito contente por ouvir isso. Acho que o meu maior medo quando você aceitou o pedido do Matt não tinha nada a ver com ele nem com a sua idade. Ele é maravilhoso e parece te adorar.

— Ele me adora mesmo.

— Eu sei. Só me assustou pensar que você pudesse jogar fora tudo o que conquistou por escolher ser esposa e mãe, não uma doutora. A hora de ser mãe e esposa vai chegar, mas a coisa de ser doutora... Você precisa correr atrás enquanto ainda é nova.

Maddy me abraçou apertado. Seus olhos estavam sérios quando ela se concentrou em mim.

— Não vou deixar que nada me leve para longe dos meus objetivos profissionais. O Matt incentiva tudo o que eu já queria. A diferença é que, agora, eu tenho alguém além de você para compartilhar essas coisas.

Alguém além de você.

Isso me abalou profundamente, me machucou e rasgou meu coração. Eu sei que não foi sua intenção, mas doeu. E como.

— Sempre fomos só nós duas. — Contive as lágrimas e empurrei uma mecha de seu cabelo dourado sobre o ombro.

Maddy suspirou, como se todo o peso do meu amor a levasse para baixo.

— Eu amo o Matt. Quero estar com ele, mas não quero perder o que nós duas temos. Você sempre vai ser a minha irmã. Poxa, você foi mais minha mãe do que irmã durante todo esse tempo. É hora de me deixar tomar minhas decisões. Cometer erros. Aproveitar chances que não afetam você.

— Tudo o que você faz me afeta — respondi automaticamente.

— Não é assim que deveria ser, Mia. Você precisa viver para si agora. Eu estou bem. Sim, ainda preciso de ajuda com a grana da faculdade, e um dia vou ser capaz de devolver tudo...

— Jamais — falei, com raiva. — Ser capaz de prover o seu sustento e o seu futuro é a melhor coisa da minha vida. Saber que você está conquistando sucesso onde eu não tive é a única coisa que eu já fiz direito. Essa é a única coisa que eu já conquistei.

— Isso me deixa triste. Eu quero mais para você.

Respirei fundo, incapaz de recuperar o fôlego, e as lágrimas ameaçaram me consumir. Eu a puxei para meu peito e a abracei.

— Você sempre foi tudo para mim.

— Eu sei. Mas agora vou ser tudo para o Matt e ele vai ser tudo para mim. Você precisa encontrar isso também.

As palavras da minha irmã me atingiram. Ela queria que eu encontrasse outra pessoa que fosse tudo para mim. Como é que se altera isso tão facilmente no coração? Eu não sabia se poderia. Independentemente de onde estivesse ou do que fizesse, eu sempre me preocuparia com ela, pensaria nela, sentiria sua falta. Não podia sequer pensar em como seria minha vida se eu não baseasse minhas decisões em como elas afetariam o futuro de Maddy.

No fundo, eu sabia que ela precisava de alguma coisa. Ela estava preocupada *comigo*.

— Vou tentar, minha menina. Vou tentar.

— Isso é tudo o que eu peço.

— Vamos, temos mais comemorações pela frente! — Puxei seu cabelo e segurei sua mão, caminhando até a praia e balançando os braços, como costumávamos fazer quando crianças, enquanto eu a levava da escola para casa. Todos os dias, eu saía uma hora mais cedo que ela e a esperava na porta da sua sala de aula.

Minha irmã caçula estava crescida. Estava na faculdade, tinha vinte anos e um noivo. Ela não precisava nem queria a irmã mais velha no seu pé o tempo todo.

O que eu faço agora?



O restante do passeio foi incrível. Fomos levados para um lugar que nos deu uma visão maravilhosa da ilha Mokoli'i, também conhecida como Chapéu de Chinês. Aprendemos que *mokoli'i*, em havaiano, significa lagartixa. De acordo com a mitologia, a ilha são os restos do rabo de um lagarto gigante ou de um dragão, que foi cortado e jogado no oceano pela deusa Hi'iaka. Achei aquilo muito engraçado, porque não há lagartos no Havaí. Isso eu aprendi com minha irmã gênia. O apelido, Chapéu de Chinês, é óbvio para qualquer um que olhe para a pequena ilha, que

parece flutuar na água. Parece exatamente um chapéu asiático.

Após os passeios, Tai e Tao nos levaram ao Duke's, na praia de Waikiki. Comemos do lado de fora e experimentamos os melhores hambúrgueres. Tochas estavam acesas na área externa, fazendo o espaço cintilar e nossos rostos felizes brilharem com a luz suave. Comemos e assistimos ao pôr do sol da nossa mesa, que tinha vista lateral para o oceano. Depois que escureceu, fomos para o andar superior, onde havia música.

Nós três, meninas, dançamos a noite toda. Os dois homens observavam, fascinados, enquanto nossos corpos balançavam provocativamente. Fazia muito tempo que não saíamos juntas.

Naquele momento, deixei tudo sair. Minha tristeza por ir embora da ilha e tirar Tai da minha vida. A ansiedade que me consumia pelo fato de Wes estar seguindo em frente com Gina. Se eles estavam em uma relação casual ou não, eu não sabia. O nervosismo pelo fato de minha irmã se casar. Percebi que todas essas coisas estavam fora do meu controle. Não havia muito que eu pudesse fazer além de seguir meu próprio conselho. As mesmas palavras que falei para Tai mais cedo surgiram em minha mente.

Deixa rolar.

Foi isso que decidi que iria fazer pelo resto do meu tempo ali e pelo resto do ano. Eu estava determinada a salvar meu pai. Decidida a fazer Maddy terminar a faculdade e encontrar seu caminho. Tinha passado tão pouco tempo focando em meus próprios desejos, sonhos e vontades que nem sabia quais eram. Durante seis meses, pensei que pudesse ser atriz e que estaria bem com aquilo. Acho que, na verdade, eu só estava tentando escapar de Nevada. Me manter longe de todos os homens que tinham me magoado ao longo dos anos. Fugir do pai que tinha tentado ao máximo, mas não o suficiente para cuidar de nós, me deixando assumir a carga pesada de trabalho muito jovem.

Maddy tinha razão. Eu precisava descobrir o que era importante para mim. Como seria isso? O que eu faria por mim quando esse ano acabasse? Era como se eu fizesse as mesmas perguntas que os adultos fazem para as crianças: *O que você quer ser quando crescer?*

Eu ia fazer vinte e cinco anos e não tinha ideia do que queria para o resto da minha vida.

Estava na hora de refletir seriamente.



Antes que o táxi chegasse para buscar Maddy, sentei em sua cama e a ajudei a arrumar suas coisas.

— Aqui. — Dei a ela uma pequena caixa havaiana de madeira, com uma linda estrelítzia, pintada por um artesão local.

— O que é isso? Outro presente?

— Bom, tecnicamente, eu não te dei um presente de aniversário que você pudesse segurar. Então estou te dando este, e também para comemorarmos o tempo que passamos aqui.

Ela abriu a caixa, dentro da qual havia uma concha e um pedaço de coral rosa que eu havia encontrado no dia anterior, durante a caminhada ao longo da praia. Envoltos em tecido, também havia uma pulseira de ouro branco com um pingente. Um coração com uma palavra gravada.

— “Irmã”? — Ela sorriu e o levantou. A luz refletiu na superfície brilhante. Levantei o pulso, mostrando a ela uma pulseira idêntica.

— Agora, sempre que sentir minha falta ou quiser lembrar da sua irmã mais velha, você pode usar a pulseira e vai saber que estou pensando em você. E nós podemos acrescentar outros pingentes, preenchendo a pulseira com pedaços do nosso futuro. Sozinhas ou quando estivermos juntas.

Ela me puxou para seus braços, com lágrimas escorrendo no rosto.

— Vou usar todos os dias, porque sinto a sua falta o tempo todo. Eu te amo, Mia. Você é a única pessoa que não pode faltar na minha vida.

— Eu também. Nunca vou querer ficar longe de você.

Nós nos separamos quando ouvimos o carro buzinar. Juntas, pegamos suas coisas e fomos para fora. Abracei Gin e Maddy mais uma vez e fiquei olhando enquanto elas pegavam o táxi e iam embora.

Mais um dia na ilha com Tai. Eu precisava fazer com que fosse bom.



Enquanto estava me arrumando para minha última noite, o celular tocou.

— Alô?

— Oi, boneca! — A voz suave e sensual de tia Millie soou através da linha.

Respirei ruidosamente, querendo que ela ouvisse minha frustração.

— Demorou, hein? Achei que teria que voltar para Vegas ou para a Califórnia.

— Desculpe por não ter ligado antes, mas até hoje eu realmente não tinha nada reservado para você no mês de junho.

Aquela confissão me encheu de medo. Eu não podia ter um mês de folga. Precisava pagar Blaine, ou ele mataria meu pai e iria atrás da Maddy.

— Isso me apavora, Millie. Do que você está falando? O último e-mail que você me mandou dizia que eu estava reservada pelo ano todo.

— Sim, só junho ainda não estava. Mas eu não me preocupei com isso, querida. Eu poderia facilmente ter ligado para qualquer um dos seus últimos clientes e eles a teriam reservado imediatamente. Aquele francês, Alec, me disse que queria você em qualquer mês em que tivesse um cancelamento.

— Sério? — Eu precisava falar com Alec sobre isso.

— Está surpresa? Ele não foi o único. O primeiro, aquele com quem você se envolveu, Weston. Ele me disse para ligar caso algum problema monetário surgisse ou você precisasse de qualquer tipo de ajuda. Interessante como os dois primeiros clientes fizeram questão de garantir o seu bem-estar.

Era realmente interessante, mas eu não estava preparada para lidar com isso agora. Suspirei profundamente e terminei de aplicar o rímel.

— Então, para onde eu vou agora?

Millie ficou em silêncio por um instante.

— Bem, esse é o lado negativo. Não é nada como o Havaí, e, infelizmente, não posso lhe prometer um garanhão. A situação pode parecer meio esquisita, mas eu prometo a você que não tem que dormir com ele e que é um cara muito legal.

— Argh, é um nojentão? — Imagens de um homem gigante, com barriga de cerveja e mau hálito, me vieram à mente.

— De jeito nenhum. Eu o acho incrivelmente bonito. Eu o pegaria tão rápido que faria sua cabeça girar.

— Espere um minuto. Você o pegaria? Você nunca disse isso sobre qualquer um dos meus clientes. Sempre deu a entender que eu deveria ficar com eles e mandar ver, especialmente para garantir o dinheiro extra, mas nunca demonstrou interesse. O que está acontecendo? — Meu nervosismo atingiu o ponto alto. Definitivamente, eu precisava de algo para me dar coragem. Fui até a cozinha, peguei a garrafa de rum, servi uma dose e virei, finalizando com um enorme pedaço de abacaxi. O sabor era muito bom. Lambi os lábios e servi outra dose. — Vai falar ou não?

— Bem, ele não é tão ativo quanto seus clientes habituais.

Ah, não. Gemi alto, mandei mais uma dose para dentro e mordi outro pedaço de abacaxi. O rum fez seu trabalho, acalmando meus nervos.

— Fala logo, tia Mil.

— Quantas vezes tenho que lhe dizer para me chamar de sra. Milan?

— Você está enrolando...

— Que tal se eu mandar por e-mail? — ela ofereceu, naquele tom doce que não surtia nenhum efeito comigo.

— Que tal você me dizer o que eu preciso saber antes que eu entre em um avião e vá, feliz e saltitante, bater na sua porta aí em Los Angeles?

Ela estalou a língua.

— Tudo bem. Ele é mais velho.

— Preciso de um número, Millie. Quarenta? Cinquenta?

Um barulho soou no aparelho, como se ela estivesse rangendo os dentes.

— Uns cinquenta e tanto, talvez sessenta.

— QUE NOJO! Sério? Ele é do tipo esquisitão, não é? — Cara, logo quando eu estava começando a curtir esse trabalho, arrumo um velho pervertido. — Ele provavelmente tem complexo de Édipo ao contrário. Isso é péssimo.

— Eu sei, eu sei. Mas ele foi muito agradável ao telefone. Precisa de uma mulher do seu tipo para acompanhá-lo em eventos. Aparentemente, se você é um coroa ricaço de Washington, tem que ter uma namorada-troféu gostosa. Ele precisa conversar com vários políticos e investidores, e ter uma carinha bonita ao lado facilita as coisas. Pelo que entendi, ele está trabalhando em algo que necessita de lobby para algum tipo de projeto que precisa de apoio e blá-blá-blá. Isso realmente importa?

— Na verdade, não. Preciso do dinheiro de qualquer jeito. Desde que ele não ache que vai transar comigo, vou ficar bem. Você deixou isso bem claro? — Um gosto azedo encheu minha boca, me fazendo querer cuspir. — Ele é mais velho que o pops! — Estremeci, tentando afastar o nojo.

— Na verdade, *ele* deixou isso claro. Disse que não sabia que serviços de acompanhante você oferece no geral, mas que não haveria nenhum envolvimento sexual.

— Bem, isso é um alívio — brinquei, mas era mesmo um alívio enorme. Saber que passaria um mês sem sexo era péssimo, mas eu sobreviveria. Provavelmente. Talvez. Droga, era melhor checar as pilhas do meu vibrador.

— Certo, vou enviar os detalhes. O nome dele é Warren Shipley.

— Esse nome é familiar.

— Deveria ser. O filho é senador pela Califórnia.

— Não brinca. Bom, *esse* cara é gostoso. O senador mais jovem da história, com trinta e cinco anos.

— É isso aí, boneca. E, de acordo com o que verifiquei... ele é solteiro.

Agora, o filho tinha possibilidades. Lembro de ter marcado o nome de Aaron Shipley, votado nele nas últimas eleições, e não apenas porque ele era gostoso. Embora fosse. Alto, cabelo loiro-escuro e olhos castanhos. E a forma como o cara

usava um terno fazia uma mulher como eu pensar em todas as maneiras de tirá-lo em dois segundos e meio.

— Mande os detalhes por e-mail. Tenho um jantar com o Tai.

— Tai? Quem é esse? — Seu tom era confuso.

— Um samoano pecaminosamente sexy. Tchau, tchau, titia!



Tai segurou minha mão no momento em que chegou para me buscar e permaneceu assim por todo o caminho para o restaurante e até nos sentarmos para jantar. Ele estava tendo dificuldade para lidar com minha partida.

— Ei, grandão, posso pegar minha mão de volta? — Ele a soltou como se estivesse queimando. Eu me inclinei e a esfreguei sobre sua coxa grande e musculosa. — Tudo bem. Vai ficar tudo bem.

Ele balançou a cabeça.

— Como você pode dizer isso? Você vai embora amanhã.

— Sim, eu vou. Então vamos fazer esta noite valer a pena, tá? — Ele fechou os olhos, respirou suavemente e os abriu, concentrando toda a atenção em mim.

— Mia, é que... eu nunca conheci uma mulher como você. Nunca mesmo. Você é engraçada. Inteligente. Linda. — Ele se inclinou mais para perto e sussurrou: — Uma tigresa na cama... — Seus belos olhos escuros estavam repletos de desejo. — Não sei dizer o que sinto.

Segurei sua mão em cima da mesa.

— Vou sentir sua falta também. Mais do que quero admitir.

— Sim, exatamente — ele concordou.

— Vamos manter contato por telefone, mensagem, e-mail. Você vai me contar tudo o que está acontecendo com a sua família louca, com o trabalho e as apresentações. Vai me enviar vídeos com todos os novos truques que aprender da dança da faca em chamas. E eu, bom... não sei o que vou te enviar. Provavelmente fotos minhas fazendo coisas estúpidas em um lugar qualquer.

Tai inclinou a cabeça para trás e riu, profundamente. Tanto que aquilo encheu meu coração de alegria. Eu me inclinei e beijei sua bochecha.

— Vamos continuar amigos? — ele perguntou timidamente.

— Melhores amigos — concordei.

Com isso, o gigante ficou muito alegre, bateu palmas e empurrou a cadeira para trás.

— Vou pegar champanhe! Precisamos comemorar sua última noite! — Assim que ele ficou de pé, as pernas da cadeira se inclinaram com a pressão do corpo grande, empurrando-a para trás e fazendo-a cair no chão. Infelizmente, uma garçonete estava passando ao mesmo tempo, com uma bandeja cheia de taças de vinho. Seu pé bateu

na cadeira e a bandeja voou para a frente, assim como ela. Tai estendeu a mão para a moça e ambos caíram. Ela aterrissou diretamente em cima dele, montada em seu corpo.

Tudo o que pude ver foi uma cadeira quebrada, uma loira alta e as mãos morenas de Tai ao redor da cintura fina dela. Ela tentou se levantar. Ficou de joelhos e sua saia subiu. As mãos de Tai seguraram as coxas dela para estabilizá-la. Eu estava indo ajudar quando vi seu rosto. Ela estava de frente para mim. Tai estava no chão, olhando para ela, deitada a meus pés. O rosto dela ficou corado. A garçonete passou a mão pelo cabelo liso e foi então que notei um par de olhos verdes impressionantes. Seus lábios estavam úmidos onde ela os mordeu. Uma gota de sangue havia se acumulado ali. Tai se sentou e pressionou um dedo no lábio inferior dela, para estancar o fluxo de sangue.

Por longos momentos, ele apenas olhou para ela. A garota não moveu um músculo sequer, focada exclusivamente nele. O salão inteiro poderia ter explodido que nenhum dos dois teria notado. Era como se estivessem em transe. A ficha caiu no momento em que ele pressionou uma das mãos no rosto dela, que automaticamente se inclinou contra a palma.

— Você está bem, raio de sol?

Raio de sol.

Puta merda. Aquela era a sua garota. Cabelo loiro, com mechas de sol. Olhos verdes, da cor exata de grama recém-cortada. E ele a chamou de raio de sol.

Levei as mãos ao peito silenciosamente, querendo assistir à cena como se fosse minha própria história de amor.

— Hum, o quê? — ela murmurou, envergonhada.

Tai acariciou seu lábio inferior com o polegar.

— Você está sangrando. — Ela moveu a língua para umedecê-lo e acabou lambendo o polegar dele. Os dois ofegaram ao mesmo tempo, mas Tai soou muito mais feroz, o grunhido de macho alfa que eu adorava. Vi quando os olhos dele se aqueceram. O olhar dela não o deixou. Eu podia ver os dedos dela pressionarem os ombros de Tai por reflexo. Era quase melhor que assistir a um filme, pois era ao vivo. Eu gostaria de ter pipoca.

Finalmente, a mulher balançou a cabeça e tentou se levantar. Tai se ergueu, segurando-a perto de seu corpo gigante. Tão perto que, quando ele ficou de pé, ela deslizou pelo corpo dele até que seus pés estivessem no chão novamente. Ele gemeu, e eu conhecia o som. Ele estava excitado. Eu queria pular e gritar de emoção. Não havia como negar a atração.

Depois de mais alguns momentos segurando um ao outro, ela se afastou e baixou a cabeça.

— Merda. — Olhou para a bagunça. — Eu devia ter olhado para onde estava

indo. Vou ser demitida. — O lábio tremia e lágrimas começaram a se formar.

Levantei e me coloquei em movimento.

— Ah, desculpe, senhorita. Não queríamos derrubar sua bandeja. Vamos pagar por qualquer bebida que tenhamos derrubado. — Naquele momento, o gerente apareceu, seu rosto demonstrando uma expressão de raiva mal contida. — Senhor, que bom que está aqui. Esta mulher salvou meu amigo de ter uma bandeja inteira de bebidas derrubada sobre ele. O grandão às vezes é muito desajeitado. Não é, Tai? A maneira como você se levantou e trombou com a cadeira ao mesmo tempo em que... — Balancei os dedos para que a garçonete dissesse seu nome.

— Amy — ela respondeu calmamente.

— ... ao mesmo tempo em que a Amy estava se aproximando. Alguém poderia ter se machucado se ela não fosse tão ágil ao evitar bater em meu amigo, garantindo que os clientes próximos não fossem atingidos pelas bebidas. Vamos recomendar seu estabelecimento para todos os nossos amigos.

— Ah, sim. Obrigado. Só contratamos os melhores. Amy, bom trabalho. Vou mandar alguém vir limpar isto enquanto você serve suas mesas.

Amy estendeu a mão para mim.

— Obrigada. — Seus olhos estavam incrédulos, mas, na verdade, a culpa era mesmo de Tai.

— Não há o que agradecer. Sou a Mia, e este pedaço de homem, muito disponível, é Tai Niko.

— Quer dizer que vocês não são um casal? — Ela cobriu a boca, como se não tivesse a intenção de perguntar.

Sorri e olhei para Tai, mas seus olhos estavam presos na srta. Amy.

— Não. Somos bons amigos e eu estou voltando para o continente. Tenho certeza de que ele adoraria fazer novas amizades. Você mora aqui há muito tempo?

Ela balançou a cabeça.

— Eu me mudei esta semana com o meu pai. Eu não queria que ele viesse sozinho, pois somos só nós dois. Não conheço ninguém ainda. — Ela pegou a bandeja e vários pedaços de vidro quebrado, até que o ajudante de garçom assumiu.

— Bem, agora vocês se conhecem. Está com o seu celular?

Seus olhos se estreitaram quando ela enfiou a mão no bolso de trás e tirou um iPhone. Eu o peguei rapidamente, adicionei Tai como novo contato e mandei uma mensagem de texto para ele. O aparelho dele tocou e ele o pegou.

— Agora o Tai tem o seu número. Ele vai te ligar amanhã. — Tai abriu a boca, mas eu o olhei *daquele* jeito, aquele que põe medo em qualquer homem que o receba, e ele sabiamente escolheu ficar quieto. — Você gosta de surfar? — perguntei, sabendo que o nosso tempo para conversar com a srta. Amy era limitado.

Ela encolheu os ombros.

— Nunca tentei.

Sorri e passei o braço em seu ombro.

— Tai, isso não é horrível? A Amy nunca surfou, e sabe de uma coisa? O Tai é instrutor de surfe.

— Sêrio? Parece divertido. — Ela limpou a saia e ajeitou o avental. Os olhos de Tai não se afastaram de seus movimentos. — Tenho que ir. Seria ótimo fazer um novo amigo. E realmente sinto muito por ter caído em cima de você.

Ele colocou as mãos nos bolsos e balançou o corpo para a frente e para trás, tentando parecer tranquilo.

— Você pode me compensar saindo comigo amanhã à noite, depois que eu deixar a Mia no aeroporto.

Claro, Tai não sabia que meu plano de fuga não incluía despedidas cara a cara. Os olhos verdes dela brilharam intensamente.

— Vou ficar esperando sua ligação, Tai. — Ela ficou vermelha e se virou para ir embora.

— Ah, Amy? — chamei. Ela se virou. — Uma última coisa. O que você acha de tatuagens?

Ela caminhou até mim e sussurrou em meu ouvido. Depois agradeceu e foi até o bar pegar bebidas novas para suas mesas. Graças a Deus estávamos no Havaí e não em algum lugar metido a besta em Nova York. Teríamos sido expulsos por estar conversando sobre o vinho derramado e o vidro quebrado. Aqui no Havaí, as pessoas se importavam com sua própria vida e seguiam em frente.

Tai e eu nos sentamos novamente.

— Então, champanhe? — lembrei a ele.

Seus olhos ficaram escuros e ele praticamente rosnou:

— O que foi que ela te disse?

— Sobre as tatuagens?

— Não, sobre o papa. Sim, sobre as tatuagens. — Ele parecia muito nervoso, o que era incrível, já que Tai sempre aparentou muita calma. Exceto na noite louca em que transou comigo até eu apagar.

Eu me inclinei de modo conspiratório e olhei em volta para me certificar de que ninguém pudesse ouvir.

— Ela ama. Disse que tatuagens a deixam louca. E escuta essa... — Ele se aproximou para que meus lábios tocassem sua orelha. — Ela tem uma tatuagem do lado esquerdo do corpo, que vai do topo das costas até o bumbum. Não é tribal. — Endireitei-me e achei o máximo ver seu olhar faminto. — Cerejeiras com ramos e flores cobrem toda a lateral do corpo. Sexy, né?

Suas narinas se alargaram e ele respirou longa e lentamente.

— Sim, muito sexy.

Balancei as sobrancelhas.

— Achei que você fosse gostar.

— E você armando pra mim. Isso não é meio estranho?

— Por quê?

— Porque nós transamos durante um mês. — Fazia sentido, mas eu não me importava se ele achasse que eu estava louca. Ele precisava de alguém e pronto. Além disso, eu estava convencida de que aquela era a mulher de quem Masina havia falado.

— Sim, e isso termina depois desta noite. Você vai me dar uma noite que jamais vou esquecer e vice-versa, e amanhã começa sua nova vida. Você não viu o cabelo, os olhos e o corpo dela? Ela é o seu “para sempre”!

— Você não pode saber.

— Vai me dizer que não sentiu nada quando ela caiu em cima de você e suas mãos tocaram as coxas, a cintura, a bochecha e os lábios dela?

— Não, não posso dizer que não senti nada. — Ele estreitou os olhos e eu ri, exultante.

— Estou tão feliz por você! — Fiz uma dancinha na cadeira. — Quer saber? Dane-se o jantar! Peça a sobremesa e a garrafa de champanhe que me prometeu!

— É a sua noite, garota. E amanhã será o seu “para sempre”.



Ainda bem que fui esperta o suficiente para arrumar as malas antes do jantar da noite passada. Tai achava que meu avião partiria à noite. Eu disse a ele que o voo era às oito. O que ele não sabia é que era às oito da manhã. Despedidas não combinavam comigo.

Peguei o pacote que comprei perto da loja em que mandei fazer minha pulseira e a de Maddy. Coloquei no balcão a imagem emoldurada do símbolo samoano da amizade. Uma artista local estava pintando quando saí da joalheria. Perguntei-lhe sobre o símbolo, ela entendeu exatamente o que eu queria e o pintou. Para o meu olho destreinado, era muito semelhante a um L grande e cursivo com redemoinhos em cada extremidade. O símbolo tinha cerca de dez centímetros. Embaixo, com caneta preta, desenhei um coração e escrevi meu nome ao lado do dele. Então, mandei emoldurar a coisa toda.

Meu bloco de notas foi a última coisa que tirei da bolsa.

Tai, meu pecaminoso e sexy samoano,

Obrigada por me proporcionar um dos melhores meses da minha vida. Você encheu meu mundo de alegria, risos e prazer. Nunca vou conseguir te esquecer. Nem que eu queira. Quando vim para cá, estava triste por vários motivos. Minha família, meus relacionamentos e o trabalho. Você mudou isso para mim. Com uma piscadela e um sorriso, me tirou da escuridão e me trouxe luz. Luz do sol.

Durante o meu tempo aqui, aprendi a apreciar o que a vida nos dá. Apenas “deixar acontecer”. Deixar a vida acontecer e apreciar o momento. Posso dizer honestamente que me diverti mais com você do que em um longo tempo. Você me fez lembrar que eu sou jovem e ainda tenho muito tempo para descobrir como o meu “para sempre” deve ser. Sei que você está louco para encontrar o seu, mas, do fundo do meu coração, acredito que já encontrou. Chame de intuição feminina. As coisas acontecem por uma razão, só não sabemos qual é.

Estou feliz por ter te conhecido no primeiro dia. Cada momento com você foi uma nova experiência, uma aventura. Obrigada por me proporcionar isso. Estou triste por ter que ir embora e vou sentir terrivelmente a sua falta. Por favor, mantenha contato.

Sua garota,
Mia

Como de costume, deslizei para fora da cama de Tai, escrevi minha carta, deixei seu presente e fui pegar o táxi que estava me esperando na calçada, sem acordar aquele homem lindo. Fiquei imaginando o que me esperava em Washington, com o sr. Warren Shipley, coroa ricoço e político, com ênfase na parte do coroa. Quem sabe? Talvez eu conseguisse conhecer seu filho gostoso, o senador Aaron Shipley. Se não, tudo bem. Eu ganharia cem mil para bancar a namorada-troféu de um velho que não queria sexo. Ahhhh, será que ele era gay, como Tony e Hector? Seria muita coincidência. Não, definitivamente havia algo suspeito no motivo de ele contratar uma acompanhante, já que era um homem rico e de boa aparência. Havia muitas víboras por aí prontas para cair em cima de um velhote rico. Ele não precisava pagar cem mil dólares para uma acompanhante quando poderia arrumar uma gatinha de graça.

Seguindo meu conselho de “deixar acontecer”, me reclinei na poltrona no avião e sonhei com degraus brancos de pedra, símbolos fálicos no céu e um presidente morto de mármore, observando silenciosamente uma cidade de concreto.

NÃO PERCA O PRÓXIMO PASSO DA JORNADA DE MIA.

A
garota DO
CALENDÁRIO



JUNHO

CONHEÇA A SEGUIR O PRIMEIRO CAPÍTULO.



O mês de junho em Washington era opressivo. O ar úmido fazia a roupa parecer uma segunda camada de pele, abafada e miserável. Eu me preocupei pensando que, se puxasse a camiseta para longe do peito, acabaria arrancando um pouco da carne com o movimento.

Ao colocar o pé para fora do aeroporto, deparei com um céu encoberto e sem sol. Depois de ter passado o último mês no Havaí, eu tinha perdido o costume de encarar aquele tipo de cenário.

Examinei as filas de automóveis à espera. Havia um cara alto em frente a um carro executivo preto, segurando um cartaz que dizia “Saunders”. Imaginei que fosse minha carona.

— Sou Mia Saunders. — Estendi a mão e o motorista a apertou.

— James, seu motorista. Vou levá-la aonde quiser durante sua estadia com os Shipley.

Ele pegou minha bagagem e a colocou no porta-malas antes de abrir a porta para mim. Entrei no veículo, tentando impedir que minhas pernas suadas marcassem o couro liso. A saia delicada que usei no avião me pareceu uma ótima escolha quando me vesti de manhã. Eu deveria ter colocado uma legging. Passei a palma da mão na parte de trás das pernas, desejando ter uma toalhinha.

— É sempre úmido assim aqui? — perguntei, pegando o celular de dentro da bolsa e apertando o botão de ligar.

— Em junho? Pode esquentar horrores, chover ou fazer um tempo ameno. Provavelmente a senhorita vai experimentar de tudo este mês. Tenho de admitir que o clima anda excepcionalmente quente este ano.

Meu telefone vibrou, toques rápidos indicando que mensagens haviam chegado enquanto eu estava no avião.

O remetente da primeira estava gravado no meu celular como Samoano Sexy.

Garota, você tem algumas explicações para dar. Você fugiu. Não foi legal.

Rolei a tela para ver as outras. Aparentemente, Tai não tinha se acalmado depois da primeira mensagem.

O presente... sem palavras.

Estou muito bravo por você ter roubado o meu beijo de despedida.

Foi então que meus dedos começaram a digitar rapidamente.

Beije o seu “para sempre”. Isso vai curar tudo que te aflige.

Uma risada nada suave escapou, e os olhos do motorista encararam os meus pelo retrovisor. Ele ergueu as sobrancelhas, eu balancei a cabeça e voltei a checar as mensagens.

A próxima era de Wes.

Você vai falar comigo em algum momento? Já faz um mês. Não me faça ir atrás de você.

Meus dedos voaram sobre o teclado novamente. Não há outra forma de descrever quão rápido eu digitei a resposta mais sarcástica possível.

Tenho certeza que a Gina te manteve ocupado. Eu vi vocês dois bem felizes, se beijando na capa de uma revista de fofocas.

Depois de vinte minutos ruminando minha própria irritação e olhando a cada dois segundos para o celular, ele finalmente respondeu. Wes, não Tai, mas eu ignorei, tentando me acalmar. Em vez de ler a mensagem, voltei a pensar no meu samoano sexy.

Com sorte, a essa hora, Tai estava se preparando para seu primeiro encontro com Amy. Meu coração acelerou ao pensar que o universo a jogou em seu colo. Literalmente. Ela caiu em cima dele durante o jantar naquela noite. Eu realmente esperava que ela fosse a mulher da vida dele. Fiz uma anotação mental para telefonar em mais ou menos uma semana a fim de descobrir o progresso dos dois. Algo me dizia que era ela o “para sempre” dele. Quanto a mim, não sabia quando teria a mesma sorte. Definitivamente, não aconteceria antes que este ano acabasse. Enfim, pensar em Tai ou no futuro não me ajudou a esquecer o desejo ardente de ler a mensagem de Wes.

Com ciúme?

Será que dá para castrar um homem a mais de quatro mil quilômetros de distância? Talvez, se eu contratasse um matador de aluguel. Eu tinha um dinheiro no banco para emergências. Aquilo me fez rir por dentro. Decepar seu pênis usando a grana que ganhei por ter *transado* com ele.

Que tipo de jogo ele estava fazendo? Eu deveria responder ou deixá-lo esperando? Obviamente, ele não gostou da pausa forçada de um mês. Bem feito! Ele estava traçando o modelo de perfeição Gina DeLuca enquanto eu trepava com meu

samoano sexy.

Não. Importa.

Eu poderia dizer isso a mim mesma várias vezes, mas o resultado ainda me daria um tapa na testa. Era impossível parar de me importar. Wes *sempre* importava. Não saber o que ele estava fazendo e com quem me dilacerava, como carne crua sendo devorada por uma piranha.

Tive momentos incríveis com Tai. Divertidos. Ele fez cada dia ser mais emocionante que o outro, e as noites serem mais apimentadas do que imaginei ser possível. Era fácil deixar em segundo plano meus problemas com Wes, porque eu estava ocupando a mente com coisas que uma jovem de quase vinte e cinco anos deveria aproveitar. Só que agora isso não estava funcionando.

— Ainda demora muito? — perguntei a James.

Ele acenou com o quepe.

— Sinto muito, senhorita. O trânsito a esta hora é terrível.

Quarenta e cinco minutos. Tempo de sobra. Se Wes queria conversar, eu lhe daria isso. Tecnicamente, e apesar de tudo, éramos amigos.

Peguei o celular e digitei seu número, fingindo uma calma que não sentia.

— Ela está viva! — O sotaque californiano de Wes chegou ao meu ouvido, atijando sérias vibrações instantaneamente.

— Estou morrendo de rir. Que porcaria é essa sobre eu estar com ciúme? Você sabe que eu não estou. — *Mentira.*

Wes respirou lentamente, talvez suspirando. Ouvi os ruídos do mar ao fundo. Ele devia estar na praia, talvez tivesse acabado de surfar. Escutar aqueles sons reconfortantes, ainda que entrecortados pelo telefone, fez meu coração doer de vontade de estar em casa.

— Eu imaginei que, se te provocasse, você me ligaria.

— Wes, o que está pegando? — Mesmo para os meus ouvidos, aquilo soou malicioso e um pouco mal-intencionado, o que não foi proposital.

— Me diga você. Se divertiu no Havaí? — O tom de Wes parecia refletir o meu.

Pensei em Tai e me vi lambendo suas tatuagens, do ombro até o peito, costelas, quadril e coxa. Pelo mês todo, aquele tinha sido meu passatempo favorito. Apetitoso. Um “sim” ardente escapou da minha boca antes que eu pudesse filtrar o pensamento.

Ele riu.

— Bom assim, é? Cliente ou caçara? — A tensão entre nós se amenizou um pouco.

Fechei os olhos.

— Isso importa?

— Tudo que tem a ver com você me importa. Não entendeu isso ainda? — O tom

era sincero, mas mergulhado em pesar. Ele estava falhando miseravelmente em agir como se nada estivesse acontecendo, e nós dois sabíamos disso.

— Wes...

Ele respirou fundo.

— Não. Não vou fingir que não estou chateado por você ter transado com quem quer que seja no Havaí, e ainda assim estar puta comigo por fazer o mesmo com a Gina.

Ele tinha razão. Total. Mas esse é o problema do coração e da mente. Eles raramente se equilibram ou mostram uma visão realista das coisas. Os argumentos dele poderiam fazer mais sentido que os ensinamentos de Deepak Chopra, porém não mudavam os fatos. Wes estar com Gina doía. Muito. Estávamos nos magoando e não conseguíamos encontrar uma boa maneira de contornar isso.

Minha garganta estava tensa, com um nó, quando respondi:

— Olha, Wes, desculpa. Eu entendo o que você está dizendo. Entendo mesmo. Você está certo.

— Isso significa que você vai voltar pra casa? — Havia uma ponta de esperança em sua pergunta.

Casa. Onde eu estaria em casa? Na Califórnia, no apartamentinho onde eu não punha os pés fazia cinco meses? Em Vegas, na casa em que cresci? Ou na costa de Malibu, nos braços de um homem dos sonhos que provavelmente tinha muito mais do meu coração do que eu gostaria de admitir?

Umedeci os lábios e bufei alto.

— Wes, você sabe que eu não posso fazer isso.

Ele gemeu baixinho, enfiando uma faca em meu estômago.

— Não é verdade. Você pode. Mas não quer. — Ele enfatizou cada frase.

Balancei a cabeça, tentando me livrar das emoções que corriam uma maratona em minha mente.

— Não posso deixar você pagar a dívida do meu pai.

— Mais uma vez. — Ele suspirou. — Você pode. Mas não quer — repetiu. Ele parecia cansado, as palavras pesando. E era tudo culpa minha. Eu estava fazendo isso com ele, conosco. Nossas conversas eram cada vez mais difíceis, e eu ainda tinha metade do ano para passar. Não sabíamos em que pé estaríamos ao fim desse período. Até agora, não estávamos indo muito bem como amigos. Constantemente magoávamos um ao outro, sem nem precisar tentar.

Uma pausa enorme permaneceu entre nós enquanto eu pensava, sem sucesso, no que dizer.

— Quando eu vou poder te ver de novo? — ele rompeu o silêncio.

Ele ainda queria me ver? Eu não entendia aquele homem. Droga, eu não entendia a maioria dos homens, especialmente aquele.

— Hum, não sei. Acabei de desembarcar em Washington. Vou ser a namorada-troféu de um senhor.

A risada de Wes vibrou através da linha.

— Um coroa? Pelo menos eu sei que você não vai se entregar para um velhote com receita de Viagra.

— Isso não foi nada gentil! — repreendi, em tom de brincadeira. — Além do mais, ele tem um filho gato que é senador. Você sabe, homens poderosos e eu...

A risada de Wes morreu na hora; o breve momento de paz havia se quebrado. A tensão cresceu novamente.

— Você está brincando? — ele perguntou.

Anzol. Linha. Isca.

— Não.

— Você me fode — ele gemeu.

— Com prazer — respondi, sem pensar.

— Quando? — ele não perdeu a oportunidade.

— Quando a gente se encontrar de novo, bobinho.

— E quando vai ser isso? — ele continuou a questionar, mas eu não tinha mais certeza se ainda estava brincando. Aquela coisa entre nós ziguezagueava, se retorcia e virava. Nunca era fácil manobrar.

— Não sei. Acho que quando tiver que ser — arrisquei.

— Por que eu? — Sua voz soou aguda e frustrada, como a de alguém que olha para o céu, estende os braços e grita com seu criador. — Por que raios eu tinha que ficar de quatro por uma maluca como você? — Então ele riu alto, soltando aquela bela risada gutural que era só dele, fazendo meu coração bater tão forte que parecia querer estourar no peito.

Dei de ombros, mas ele não podia ver.

— Se o universo te der uma mão de merda, aposte contra o dealer. Tchau, Wes.

Em vez de esperar que ele se despedisse, encerrei a chamada e respirei fundo várias vezes para me acalmar.

É hora de voltar os olhos para a recompensa, Mia. Warren Shipley. Seu próximo cliente.



Warren Shipley não me esperou na entrada de sua mansão. Não. O homem que estava no topo dos degraus de pedra quando deixei o carro parecia saído da revista *GQ*. Aaron Shipley, senador democrata da Califórnia, se recostou na coluna branca. Eu sempre estive rodeada de homens bonitos. Estive com machos alfa gigantes que poderiam cortar madeira com as mãos, mas ainda não tinha visto um homem que pudesse usar um terno como ele. Pura perfeição.

O tecido cinza-escuro emoldurava seus ombros largos, cintura fina e pernas longas, como se tivesse sido feito sob medida. Provavelmente tinha. Seus olhos estavam escondidos atrás de Ray-Ban pretos. O cabelo loiro-escuro estava penteado de um jeito despojado, como se ele tivesse acabado de sair da cama, conferindo aquela aparência tão na moda atualmente. Nele funcionava, e muito bem. Dava um ar arrumado com um toque de extravagância. Uma combinação letal para uma garota como eu. Bem, para qualquer garota.

Tão elegante quanto um jaguar, ele desceu lentamente do topo da escada de pedra até o caminho de cascalho logo abaixo. A maioria das mulheres tentaria encontrá-lo no meio do percurso, subindo alguns degraus. Mas eu não era como a maioria, e ele, definitivamente, não era como a maioria dos homens. Gostei de ficar observando-o se mover. Havia um ar de autoridade que se agarrava a ele como uma colônia fina e marcante. Ele andava com graça e agilidade, exalando tanto poder que quase derreti ali mesmo. A queixa anterior sobre a umidade não era nada em comparação com o suor que eu sentia se formar na nuca, uma única gota escorrendo pela coluna, atirando faíscas de desejo por todas as minhas terminações nervosas.

— Você deve ser a srta. Saunders. — O tom era direto mas acolhedor. No momento em que nossas mãos se tocaram, senti uma descarga elétrica na palma. Tentei me afastar. Ele agarrou minha mão com mais força. — Curioso. Eu raramente sinto a essência de alguém com apenas um toque.

— Essência?

Um sorriso misterioso surgiu naqueles lábios feitos para beijar. Não eram nem muito finos nem muito grossos. Como a Cachinhos Dourados e seus três ursos, aqueles lábios encaixariam nos meus perfeitamente. Ele ainda não tinha soltado minha mão. Em vez disso, ele a virou, mantendo nossas palmas coladas. A mera sensação de pele contra pele foi o suficiente para me fazer salivar por mais. Ele ergueu os óculos até a cabeça, um movimento moderno demais para um político. Homens como ele deveriam ser maçantes, chatos, totalmente voltados para o governo e blá-blá-blá... Meus pensamentos foram interrompidos pela profundidade daqueles olhos castanhos queimando nos meus. Pareciam chocolates Kisses, da Hershey's, *me* fazendo derreter. Suspirei enquanto seu polegar acariciava o topo da minha mão.

— Sua essência é a sua força de vida, seu magnetismo. Quando você me tocou, eu senti a carga. Você sentiu? — Anuí, atordoada, olhando para aquelas íris achocolatadas, focando em seu nariz reto, nas maçãs do rosto salientes e no queixo esculpido. — Quando pressiono nossas palmas com mais firmeza — ele colocou a outra mão sobre o dorso da minha, apertando-a —, é muito mais forte. — Sua sobrancelha se arqueou, ao mesmo tempo em que eu umedeci os lábios. Aqueles olhos foram diretamente para minha boca, e meus joelhos vacilaram.

Precisei de toda a força que possuía para não lamber os lábios novamente.

— Venha — ele disse, e eu juro que a palavra enviou um raio de eletricidade diretamente para meu centro de prazer, que pulsava incessantemente. Ele falou mais alguma coisa, mas eu perdi o controle após o seu comando. Ele soltou minha mão e estendeu a sua para tocar minha bochecha. Ah, cara, agora eu gostei um milhão de vezes mais, mas isso me forçou a me concentrar no que estava acontecendo ao redor. — Mia, você está bem? — Seu olhar percorria o meu rosto. Preocupação e interesse predominavam na linha que surgiu entre suas sobrancelhas. — Pedi que você me acompanhasse. Meu pai está à sua espera.

Pisquei algumas vezes e voltei a me concentrar.

— Ah, sim. Desculpe. — Balancei a cabeça, tentando afastar a névoa de luxúria restante. — Foi uma viagem realmente longa. Eu estava no Havaí e vim direto para cá, com duas conexões no meio. Fiquei acordada a noite toda. — Conexões que significaram corridas loucas até o portão de embarque, para não perder o avião. Eu queria matar tia Millie por reservar voos com intervalos de apenas cinquenta minutos. Pausas para um xixi estavam completamente fora de questão, e o comandante não permitia que os passageiros usassem o banheiro antes da decolagem, muito menos até estarmos a certa altitude. E o último voo durou várias horas, só pousamos na manhã do dia seguinte. Não foi a melhor viagem da minha vida.

Aaron estalou a língua.

— Deve ter sido horrível. Vou apresentá-la ao meu pai e pedir ao James que mostre o seu quarto, para que a gente possa dar uma rapidinha.

— O quê? — Parei no topo da escada e coloquei a mão na testa. — *Rapidinha?*

— Eu falei que vou apresentar você ao meu pai, acomodá-la no seu quarto e deixá-la dar uma dormidinha. A mudança de fuso é complicada.

— Ah, dormidinha. — Fechei os olhos e ri por dentro.

— O que você tinha entendido? — Ele sorriu, mostrando uma fileira dos dentes mais belos que eu já tinha visto em um homem. Aaron poderia facilmente aparecer em capas de revista. Ah, espere. Ele já aparecia. Deixa pra lá.

— Achei que você tinha dito que nós poderíamos dar uma rapidinha. — Eu ri e ele se deteve, dessa vez no topo da escada, ao lado da porta da frente.

Um sorriso malicioso surgiu em seus lábios.

— Bem, pode-se dar um jeito, embora eu ache que o meu pai não ia gostar que eu enfiasse a mão no pote de biscoitos antes de lhe oferecer uma refeição adequada e um encontro. — Ele piscou e segurou minha mão. Aquela mesma chama de excitação apareceu, atizando a energia magnética novamente.

Aaron se virou, me olhando de lado enquanto me conduzia pela porta da frente.

— Você sentiu isso?

Senhor, eu queria não ter sentido. Em vez de mentir, fechei os olhos, preendi a respiração e concordei.



Olhando de fora, imaginei que a mansão fosse incrível. Mas minha imaginação nem chegava perto do que vi em seu interior. Do vestíbulo, saía uma escadaria dupla forrada por um tapete amarelo. Aquilo me fez lembrar da estrada de tijolos amarelos. Dorothy saltitaria por ele antes de chegar a seu destino. Se eu não estivesse morta de cansaço, estaria saltitando também. Aquele lugar era mais que suntuoso. A casa de Wes em Malibu era bonita, vibrante e provavelmente havia custado uma fortuna. O loft de Alec era incrível e bem equipado. A cobertura de Tony e Hector era luxuosa, mas aqui havia outro tipo de riqueza. Quando tia Millie me disse que era dinheiro antigo, eu sinceramente não sabia do que se tratava. Achei que fosse algo relacionado à política, talvez ao governo. Eu sabia que provavelmente seria um lugar bonito, mas me fez sentir como se a rainha da Inglaterra pudesse viver ali no maior conforto. As paredes curvas tinham sancas, e havia janelas gigantescas com cortinas grossas cor de vinho. Meus pés afundaram no tapete, me fazendo desejar tirar as sandálias e caminhar descalça. Só assim eu poderia enfiar os dedos na maciez do veludo.

— Incrível.

Aaron sorriu e olhou em volta, sem parecer impressionado.

— Minha mãe era boa com decoração.

— Ah, é? Ela deve se orgulhar disso. É lindo.

— Ela se foi há muito tempo, mas definitivamente gostava dos admiradores e das revistas de decoração que fotografavam os cômodos. Ela foi capa algumas vezes. Esta casa era o orgulho e a alegria dela, depois que eu saí daqui e fui para a universidade. — Ele sorriu e piscou.

Parecia que o ego de Aaron Shipley estava intacto.

Eu o segui em silêncio, olhando ao redor, até que paramos em frente a um conjunto de portas duplas. Risos soaram por trás delas, mostrando que alguém estava se divertindo. Aaron bateu com força, mas não esperou pela resposta; abriu uma das portas como se tivesse esse direito.

— Ah, Aaron, meu rapaz. Entre, entre. Kathleen e eu estávamos falando sobre o desastre na cozinha na semana passada. — Ele apontou para uma mulher de saia lápis azul-marinho usando um avental branco de babados amarrado na cintura e uma blusa de seda creme abotoada até o pescoço, enfiada dentro da saia com precisão. Só podia ser uma funcionária. — O fornecedor do bufê achou que eu queria...

— Pai... — Aaron o interrompeu abruptamente, o que eu achei bastante rude e desagradável. Sua gostosura perdeu alguns pontos. — A srta. Saunders está aqui. —

Ele puxou meu braço e eu fiquei cara a cara com uma cópia mais velha do jovem Shipley.

— Bem, você é ainda mais bonita pessoalmente do que no seu perfil. A sra. Milan sabe mesmo impressionar. Ela vai servir perfeitamente, você não acha, Aaron?

Os olhos de Aaron percorreram meu corpo, da cabeça aos pés.

— Sim, definitivamente ela é a candidata ideal para ganhar a atenção dos seus pares.

— Venha cá, minha querida. Sou Warren Shipley — ele falou com jovialidade. Em vez de um aperto de mão, me puxou para um abraço paternal. — Você não é nada do que eu estava esperando. — Ele se afastou e sorriu ao olhar diretamente em meus olhos. Um velho safado e perverso, naquela posição, estaria olhando para meus seios. Parecia que minha tia havia dito a verdade. Ele não estava interessado em mim daquela forma. — Obrigado por ter vindo. A situação é peculiar, mas a sra. Milan me garantiu que você seria uma excelente candidata. Só pela sua aparência... já posso dizer que eles vão comer na palma da minha mão.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.



Metadados – A garota do calendário – Maio

Skoob do livro

<https://www.skoob.com.br/a-garota-do-calendario-maio-592458ed593592.html>

Skoob da autora

<https://www.skoob.com.br/autor/15764-audrey-carlan>

Site da autora

<http://www.audreycarlan.com/>

Goodreads da autora

http://www.goodreads.com/author/show/7831156.Audrey_Carlan

Facebook da autora

<https://www.facebook.com/AudreyCarlan/>

Twitter da autora

<https://twitter.com/audreycarlan>

Vídeo sobre a série no Youtube

<https://www.youtube.com/watch?v=CjCo6E20uHw>

Instagram da autora

<https://www.instagram.com/audreycarlan/>

Table of Contents

[Rosto](#)

[Star Books Digital](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[A garota do Calendário | Junho](#)

[Colofão](#)

[Saiba mais](#)